

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A REVISTA “O TICO-TICO” E A ESCRITA INFANTIL EM
CIRCULAÇÃO NO ENCARTE “MEU JORNAL”: SEUS AUTORES E
LEITORES (1935-1940)**

PATRICIA MARIA GARCIA ALENCAR

MARINGÁ
2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A REVISTA “O TICO-TICO” E A ESCRITA INFANTIL EM CIRCULAÇÃO NO
ENCARTE “MEU JORNAL”: SEUS AUTORES E LEITORES (1935-1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora: Prof(a). Dr^a: Elaine Rodrigues.

MARINGÁ
2015

PATRÍCIA MARIA GARCIA ALENCAR

**A REVISTA “O TICO-TICO” E A ESCRITA INFANTIL EM CIRCULAÇÃO NO
ENCARTE “MEU JORNAL”: SEUS AUTORES E LEITORES (1935-1940)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Elaine Rodrigues (Orientadora) – UEM

Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto – UFU – Uberlândia

Prof. Dr. Mário Luiz Neves de Azevedo - UEM

Prof.^a Dr.^a. Verônica Regina Müller – UEM - (Suplente)

Maringá, 20 de abril de 2015.

Dedico este trabalho ao meu esposo, Fernando, que não mediu esforços para me ajudar nessa trajetória. Em muitos momentos se desdobrou, silenciosamente, para que eu tivesse tempo e tranquilidade na minha busca pelo conhecimento. Eu aprendo com isso o valor da cumplicidade e do companheirismo. A minha vitória também é dele!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela sua fidelidade que me fortaleceu e me sustentou todos os dias, aquietando o meu coração nos momentos mais difíceis. Sem Ele esse momento tão singular não teria sido possível.

Agradeço ainda àqueles que Deus, em sua infinita bondade, colocou em meu caminho: ao meu esposo Fernando, pela paciência e cumplicidade e que, nas horas difíceis soube estender seus braços, dando-me muito carinho e atenção e aos meus familiares, que torceram e torcem pelo meu sucesso.

À querida professora Dr^a Elaine Rodrigues, minha orientadora, que acreditou no meu potencial, e em mim investiu parte de seu tempo, dedicação e amizade. Ela me fez chegar a uma dimensão de desenvolvimento que superou as minhas expectativas. Hoje, tenho a convicção de que não sou a mesma, pois a minha estrutura pessoal e profissional foram acrescidas pelos seus ensinamentos. A você, minha gratidão e admiração.

Aos professores do Mestrado em Educação, em especial à Fátima Neves, Ednéia Rossi e Célio Juvenal Costa pelas contribuições que tanto me ajudaram no percurso da pesquisa.

Aos integrantes do grupo de pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar - HEDUCULTES (UEM), que contribuíram efetivamente para minha formação.

Aos professores doutores Wenceslau Gonçalves Neto e Verônica Regina Müller pelas contribuições sugeridas às minhas investigações no exame de qualificação.

Aos funcionários da secretaria do PPE, Hugo e Márcia, sempre muito prestativos.

Enfim, meu muito obrigada a todos os que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ela está no horizonte, me aproximo dois passos e ela se afasta dois passos. Caminho dez passos, e o horizonte corre mais dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve, então a utopia? Serve para isso, para fazer caminhar.

Eduardo Galeano

ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. **A revista “O Tico-Tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu Jornal”**: seus autores e leitores (1935-1940). 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Elaine Rodrigues. Maringá, 2015.

RESUMO

Este estudo objetiva interpretar de maneira analítica, a(s) proposta(s) de formação para a criança, postas em circulação na cidade do Rio de Janeiro, no período de 1935 a 1940, por meio da publicação do encarte “Meu Jornal”, uma seção da revista “O Tico-Tico”. O referido impresso era produzido pela Editora O Malho e tinha como objetivo oferecer entretenimento e instrução às crianças brasileiras. O recorte temporal apresenta como marco inicial o ano de 1935, primeiro ano de publicação do encarte na revista e como marco final, 1940, período em que finda o aparecimento da seção no referido periódico infantil. O recorte espacial é a cidade do Rio de Janeiro, como local de produção da revista “O Tico-Tico” e lugar de onde vertem a maioria das contribuições publicadas na seção. Foram selecionados como fonte cerca de 1060 textos infantis dispostos em 264 edições da seção “Meu Jornal” que foram catalogados, agrupados e sistematizados por temas mais recorrentes. A partir do manuseio desta fonte o estudo em questão visa dar resposta à seguinte questão: Quais temas teriam sido veiculados pela seção Meu Jornal que viriam a influenciar a formação da criança no período que compreende os anos de 1935 e 1940? Com base neste questionamento maior, outros se fizeram como problemáticas que ajudaram a delinear os caminhos da pesquisa: Quais propostas de formação educacional estão em circulação na Revista “O Tico-Tico” de 1935 a 1940? Quais aproximações pode-se estabelecer entre os temas veiculados pela Revista “O Tico-Tico” e as propostas educacionais da época? Com tais questionamentos operantes esta pesquisa compreende a imprensa pedagógica como veiculadora de determinados interesses. Portanto, o conteúdo em circulação na Revista “O Tico-Tico” não é desprezioso ou imparcial. Por meio da metodologia de caráter qualitativa foi possível mapear, sistematizar e analisar as informações. Os resultados estão organizados em introdução, primeira e segunda seção. A introdução apresenta o percurso de investigação da pesquisa, destaca-se a relevância do impresso como fonte, os objetivos, metodologia e justificativa. Na primeira seção, dá-se a ver as questões materiais da Revista “O Tico-Tico” (edições, anos, distribuição, tiragem, público-alvo e seções). E ainda, discorre sobre a seção Meu Jornal, e faz-se de maneira breve alguns apontamentos acerca de sua composição. A segunda seção narra as práticas de escrita infantil sugeridas pela revista, assim como suas relações com o discurso educacional do período compreendido entre 1935 e 1940.

Palavras chave: Educação; História da Educação; Imprensa; Revista “O Tico-Tico”; Práticas de escrita infantil; Apropriação.

ALENCAR, Patricia Maria Garcia. **“TICO-TICO” MAGAZINE AND THE CHILD WRITING IN CIRCULATION IN THE INSERT “MY JOURNAL”: ITS AUTHORS AND READERS (1935 – 1940)**. 153 f. Dissertation (Master Course in Education) – Universidade Estadual de Maringá. Orientator: Prof.^a Dr^a. Elaine Rodrigues. Maringá, 2015.

ABSTRACT

The aim of this study is to interpret analytically the proposal(s) of educational formation for children, put into circulation in the city of Rio de Janeiro, during the period 1935 to 1940, by means of the publication of the insert *My Journal*, a section of Tico-Tico magazine. That insert, produced by “O Malho” Publisher, was intended to provide entertainment and education to Brazilian children. The time frame has as starting point 1935, the year when the section was first published as an insert in the magazine and, as closing point 1940, when the section was no longer in that children's magazine. The spatial frame is the city of Rio de Janeiro, where Tico-Tico magazine was produced and also the place from where most of the contributions published in the section came from. Approximately 1060 child texts were selected as source, arranged in 264 editions of the section *My Journal*, which were cataloged, grouped and systematized according to the most recurrent themes. Thus, this study aims to provide answer to the following question: What topics, conveyed by the section *My Journal* would have influenced the child's educational formation in the period comprising the years 1935 to 1940? Based on this broad question, others became issues that helped to shape the paths of this research: What proposals for educational formation were inserted in Tico-Tico Magazine from 1935 to 1940? What approaches can be established between the themes conveyed by Tico-Tico magazine and the educational proposals of the time? Working with such questions, this research sees the pedagogical press as conveying certain interests, so that the content of Tico-Tico magazine is not unbiased or unpretentious. By means of a qualitative methodology it was possible to map, organize and analyze information. The results are organized into introduction, first, second and third sections. In the introduction, the investigation paths are presented, as well as the importance of the insert as a research source, the objectives, the methodology and the justification. In the first section, the material issues of Tico-Tico magazine (editions, years, distribution, circulation, audience and sections) are presented. In addition, the section *My Journal* is discussed, and some brief notes about its composition are made. The second and the third section narrate the practice of the child writing, suggested by the magazine, as well as its relations with the educational discourse of the period between 1935 and 1940.

Key words: Education, History of Education, Press, Tico-Tico Magazine, child writing practice, Appropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Revista “O Tico-Tico”, exemplar n. 2078, janeiro/fevereiro 1958	27
Figura 2 -	Oficialização do Concurso Grandes Vultos do Brasil	28
Figura 3 -	Logotipo e cabeçalho da década de 1930, ilustrado por Luiz Sá. 11/01/1935	38
Figura 4 -	Capa da revista “O Tico-Tico”. Nº 1787. Exemplar de 3 de janeiro de 1940	38
Figura 5 -	Capas histórias de aventura e personagens	41
Figura 6 -	Capas comemorativas e de cunho moralizante ou educativo	42
Figura 7 -	Contracapa externa: As aventuras de Chiquinho – edição n. 1526, de 2 de janeiro de 1935	44
Figura 8 -	Fotografias de “O Tico-Tico”, entre os anos de 1935 e 1940	52
Figura 9 -	Exemplar de 26 de junho de 1935. Edição 1551 – Revista “O Tico-Tico”	54
Figura 10 -	Exemplar de 14 de agosto de 1935. Edição 1558 – Revista “O Tico-Tico”	55
Figura 11 -	Exemplar de 7 de abril de 1937. Edição 1644 – Revista “O Tico-Tico”	56
Figura 12 -	Exemplar de 2 de fevereiro de 1938. Edição 1687 – Revista “O Tico-Tico”	57
Figura 13 -	Exemplar de 13 fevereiro de 1935. Edição 1532 – Revista “O Tico-Tico”	58
Figura 14 -	Retratos de crianças publicadas na Revista “O Tico-Tico”	59
Figura 15 -	Anúncio contracapa final de 2 de jan. 1935. Edição 1526 – “O Tico-Tico”	60
Figura 16 -	Anúncio contracapa inicial de 16 de set. 1936. Edição 1615 – “O Tico-Tico”	60
Figura 17 -	Anúncio contracapa inicial de 7 de abril 1937. Edição 1644 – “O Tico-Tico”	61
Figura 18 -	Anúncio contracapa final de 7 de dez. 1938. Edição 1731 – “O Tico-Tico”	61

Figura 19 -	Anúncios contracapa final de 22 de fev. 1939. Edição 1742 – “O Tico-Tico”	61
Figura 20 -	Anúncios contracapa inicial de 12 de jun. 1940. Edição 1810 – “O Tico-Tico”	61
Figura 21 -	Concurso de “O Tico-Tico”. 6 de setembro de 1939. Edição 1770	69
Figura 22 -	Seção Série Educação Escolar. Exemplar de 2/08/1939 – “O Tico-Tico”	70
Figura 23 -	Primeiro cabeçalho da seção Meu Jornal	71
Figura 24 -	Mudança de cabeçalho da seção Meu Jornal	72
Figura 25 -	Seção Meu Jornal. Recomendações quanto à publicação de textos e desenhos	73
Figura 26 -	Idade dos leitores que publicaram textos na seção Meu Jornal entre 1935 e 1940	74
Figura 27 -	Sexo dos autores	75
Figura 28 -	Número de edições publicadas e número de edições que trazem a seção Meu Jornal	78
Figura 29 -	Temática dos textos da seção Meu Jornal por ano de publicação	85
Figura 30 -	Temáticas dos textos da seção Meu Jornal	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Materialidade da Revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940	36
Quadro 2 -	Temáticas das capas de “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940	40
Quadro 3 -	Histórias quadrinizadas de “O Tico-Tico” entre os anos de 1935-1940	46
Quadro 4 -	Anúncios publicados em “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940	62
Quadro 5 -	Seções veiculadas no Tico-Tico no período de 1935 a 1940	64

LISTA DE ABREVIATURAS

HEDUCULTES- Grupo de pesquisa em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar.

HQ - História em Quadrinhos

UEM - Universidade Estadual de Maringá

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

MEMORIAL	14
1 INTRODUÇÃO	18
2 A REVISTA “O Tico-Tico” E O ENCARTE “MEU JORNAL”: A PRESENTAÇÃO DO SUPORTE	34
2.1 “O TICO-TICO”: UMA REVISTA ILUSTRADA	35
2.2 A FORMA DO IMPRESSO	36
2.3 COMPOSIÇÃO GRÁFICA: CAPAS, CONTRACAPAS, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, FOTOGRAFIAS, ANÚNCIOS E SEÇÕES	39
2.3.1 As capas de O Tico-Tico	39
2.3.2 As contracapas de O Tico-Tico	43
2.3.3 As histórias quadrinizadas de O Tico-Tico	44
2.3.4 As fotografias d’ O Tico-Tico	51
2.3.4.1 Instituições escolares	53
2.3.4.2 Festas escolares	54
2.3.4.3 Os concursos d’O Tico-Tico	56
2.3.4.4 Atividades escolares	57
2.3.4.5 Retratos infantis	57
2.4 ANÚNCIOS	59
2.5 SEÇÕES D’ O TICO-TICO	63
2.6 A MATERIALIDADE DA SEÇÃO “MEU JORNAL”	71
3 A SEÇÃO MEU JORNAL E A PRÁTICA DE ESCRITA DAS CRIANÇAS LEITORAS DE O TICO-TICO	78
3.1 A PRESENÇA D’O TICO-TICO” NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA BRASILEIRA	88
3.2 INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO MORAL, CÍVICA E EDUCATIVA: APROXIMAÇÕES COM O CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR	102
3.3 AS TEMÁTICAS INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO MORAL, CÍVICA E EDUCATIVA E O DISCURSO NACIONALISTA	105

3.4	A PRÁTICA DE ESCRITA DAS CRIANÇAS E A TEMÁTICA: ENTRETENIMENTO	115
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	124
	APÊNDICE	131

MEMORIAL

Elejo como o primeiro passo para a concretização de um objetivo, a tomada de consciência sobre todas as dificuldades e incertezas que a realização de um curso de mestrado pode nos propiciar. Isso porque o caminho é árduo, a busca pelo conhecimento nos exige muita dedicação, coragem, abdicação e empenho.

Mas registro, esse tem sido mais que um objetivo, é acima de tudo uma escolha de vida, uma aceitação à certas regras de um jogo que demorei muito para aprender, e com base nesse aprendizado constante que não se limita apenas a assimilação de teorias e encaminhamentos metodológicos, mas a uma série de vivências que, com certeza, farão muita diferença em minha trajetória futura, é que reitero a minha satisfação em poder fazer parte do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá e, sobretudo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elaine Rodrigues.

Entretanto essa busca pelo “saber” vem de longe, se inicia em 1999 quando adentrei ao curso de Letras. Sei que voltar ao passado talvez possa parecer enfadonho para alguns, mas acredito na ideia de que foram as experiências vividas que me fizeram chegar ao lugar onde estou hoje.

Assim, enquanto estudante de Letras e até mesmo depois de formada percebi que faltava algo, era como se aqueles temas que havia estudado durante anos não fizessem nenhum sentido para mim. Ressalto que sempre tive necessidade de conhecer, de saber, de adquirir conhecimento, entretanto em nenhum momento de minha primeira graduação senti que essa vontade era suprida.

Tinha uma sede tão grande de estar em contato com o conhecimento que fazia um curso atrás do outro, e nessa procura por algo que nem mesmo eu sabia o que era, decidi aprender a ver “além das aparências”, a conhecer e interpretar o mundo por meio das imagens. Por isso fui estudar Arte e nessa caminhada encontrei algumas das respostas que meu “eu” procurava. Esse aprendizado me instigava cada vez mais a olhar de perto e a ver o mundo com mais propriedade, para além das aparências.

Também foi assim que me apaixonei pela história, pela História da Arte, das pessoas, das crianças. Fui percebendo, gradativamente, por meio dessas aulas tão significantes para mim, que tudo tem história.

Mergulhada nessas convicções e querendo cada vez mais chegar ao meu “Jardim do Éden”, metáfora de um lugar onde todas as coisas fizessem sentido para mim, é que em dezembro de 2009, ao findar de minha graduação em Arte e incentivada por uma professora que exalava vida e gosto pelo saber, é que me encorajei a tentar o Mestrado em Educação na Universidade Estadual de Maringá.

Ressalto que nesse processo de seleção quase fui aprovada, mas por motivos pelos quais somente o destino é portador, fiquei como suplente na área de Políticas Públicas da Educação e, partir daí pensei em cursar uma disciplina “História da Educação no Brasil”. Em nenhum momento imaginei que essa escolha seria um grande divisor de águas em minha vida acadêmica.

Foi assim que pela primeira vez o gosto em “conhecer”, em “saber” começou a me preencher realmente, pois apesar de nesse período estar com o âmago completamente inebriado pela Arte, resolvi então trilhar esse caminho, pois afinal como diz Fernando Pessoa (1995, p. 90) “livros são papéis pintados com tinta”. E foi com esse pensamento que resolvi aliar meu conhecimento artístico aos temas pertinentes à História da Educação no Brasil.

Lembro-me com saudade das instigantes discussões apresentadas pelas professoras Elaine Rodrigues e Fátima Neves e de cada uma das convicções ou saberes cristalizados acerca do fazer historiográfico, que em cada aula proferida, se quebravam em pequenos pedaços como o mais puro e fino cristal.

Depois de cursar a disciplina de “História da Educação no Brasil” como aluna não regular pude sentir que minha necessidade em “conhecer” estava realmente sendo suprida, cresci muito e comecei a compreender as especificidades de uma pesquisa em História da Educação, assim como fui levada a ver além das “verdades” históricas internalizadas por mim durante toda minha vida acadêmica. Senti que não podia mais permanecer ausente dessas discussões e por esse motivo resolvi tentar novamente ser aluna regular do programa, mas agora estava consciente de que a área de História da Educação no Brasil fazia muito mais sentido para mim.

Dessa vez tentei a seleção do mestrado com um projeto sobre o cinema educativo, fui aprovada na prova escrita, mas percebi na entrevista o quanto minhas discussões ainda eram inconsistentes e o quanto carecia de referenciais teórico-metodológicos mais coerentes e melhor fundamentados.

Vi novamente a possibilidade de tornar-me aluna regular do programa ser postergada por mais um ano, mas até hoje me lembro das sábias palavras da professora Fátima me dizendo: “Quando se é reprovado, se ganha mais um ano e a possibilidade de se preparar melhor para essa empreitada”.

Foi com esse conselho em mente e com o respaldo das disciplinas que havia cursado em anos anteriores que passei a investigar temas que fossem relevantes para a História da Educação no Brasil e que pudessem viabilizar a minha tão sonhada entrada como aluna regular do programa de Mestrado em Educação da UEM.

Foi assim que em uma tarde de pesquisa sobre fontes para a História da Educação encontrei no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma série de exemplares da revista “O Tico-Tico” com os quais me encantei. E com esse encanto folheeí dezenas e dezenas de possibilidades riquíssimas de compreensão da História da Educação por meio de documentos não oficiais que nos dizeres de McLuhan (1969) ao mesmo tempo em que “ocultam, mostram” vestígios da escrita do processo educativo de nosso país.

Por sua importância na formação das crianças no início do século XX, decidi que a revista “O Tico-Tico”, publicada no Brasil entre 1905 e 1962 seria a minha porta de entrada para a realização de meu sonho: ser aluna regular do mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Dito e feito. Depois de mais uma tentativa frustrada, fui finalmente aprovada, mas mal sabia eu, quantos seriam os percalços que ainda teria que enfrentar até que meu real objeto de pesquisa viesse a se delinear por completo.

Tive muita dificuldade em entender que a partir do referencial teórico-metodológico da Nova História Cultural deveria me ater em uma análise microscópica do material que tinha em mãos, assim como incorporar o ofício do historiador como aquele que descreve, que dialoga com as fontes, que cria representações acerca do vivido, com a possibilidade de reviver um passado, e de “encontrar os homens através dos vestígios deixados por eles” (CERTEAU, 1982).

Com o passar do tempo surgiu a familiaridade com esses temas e a tomada de consciência sobre o fazer historiográfico a partir do viés da História Cultural, a percepção sobre o que vem a ser realmente o ofício do historiador e, além disso, me apropriar desses conceitos de modo que pudesse me ver como historiadora e produzir uma história da educação com base nesta perspectiva.

De posse de alguns desses conceitos e de valorosas orientações realizadas pela professora Dr.^a Elaine Rodrigues, é que meu objeto começou enfim a se delinear diante de meus olhos, ávidos por encontrar um caminho, uma direção a seguir. Comecei então a me despir da figura da aluna e encaixar-me na indumentária do arqueólogo/historiador no processo minucioso de encontrar os vestígios que estavam ali na revista, mais precisamente no encarte Meu Jornal que seria a partir de então, o vestígio, a fonte que eu escolheria para realizar com ela longas conversas na busca pela realização de minha dissertação.

Ao longo do processo pude constatar a importância da fonte para pesquisa, pois é ela que orienta o trabalho do pesquisador e que fornece os detalhes imprescindíveis para a realização da pesquisa histórica, basta que com ela dialoguemos na intencionalidade que vai muito além do que é dado a ver, mas sim no que se deseja descobrir.

Com base nessas apropriações me proponho a realizar um estudo sobre a fonte Meu Jornal, encarte que circulou nas páginas da revista “O Tico-Tico” entre 1935 e 1940 com vistas a compreender qual teria sido a proposta de formação para a criança posta em circulação no periódico infantil.

O gosto por desenvolver um estudo acerca da imprensa ligada à infância e suas relações com a História da Educação no Brasil surgiu a partir das discussões realizadas nas disciplinas de “Historia da Educação no Brasil”, e “Tópicos especiais em Educação: Intelectuais e memória da Educação no Brasil” ambas oferecidas pelo curso de mestrado em Educação no ano de 2011, e, além disso, por entender que os impressos são riquíssimas fontes de estudo acerca do processo educacional, já que estes evidenciam posicionamentos e dão contornos à pesquisa pouco observados em outras vertentes históricas, mas tão relevante quanto!

1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas a História da Educação tem se debruçado sobre o estudo de novas fontes, novos temas e novos objetos, criando assim novas abordagens de pesquisa. Essas possibilidades de trabalho com a pesquisa histórica foram trazidas pela Nova História Cultural e no campo da História da Educação têm permitido aos pesquisadores lançar novos olhares acerca do cenário educacional brasileiro.

Nesse sentido, estudos que têm como fonte a imprensa têm sido amplamente valorizados por sua condição de “reconstrução” da história, constituindo-se em um valioso recurso para o campo da História da Educação, visto que por meio dela é possível analisarmos as questões educacionais em diferentes momentos históricos.

Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades [...] As suas páginas revelam, quase sempre, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época (NÓVOA, 1997, p.30).

Com base nesse posicionamento é que nomeia-se como objeto de estudo a revista “O Tico-Tico”, importante impresso semanalmente publicado na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX e como fonte de pesquisa a seção “Meu Jornal”, encarte publicado no periódico infantil entre os anos de 1935 e 1940.

Considerando que a eleição da fonte norteia o caminho de pesquisa, pois apresenta ao historiador o que pode ser interrogado, este estudo tem o objetivo de interpretar, de maneira analítica, as propostas de formação para a criança, postas em circulação na cidade do Rio de Janeiro, pelo encarte “Meu Jornal”, seção da revista infantil “O Tico-Tico”, no período que compreende os anos de 1935 a 1940.

Diante disso, os objetivos específicos compreendem descrever a materialidade da revista e do encarte “Meu Jornal” com vistas a identificar o suporte pelo qual este impresso foi apropriado pelas crianças, assim como analisar, por meio das categorias entretenimento, informação e formação moral, cívica e educativa, os

textos infantis escritos pelas mesmas e publicados na seção “Meu Jornal”, seção da revista “O Tico-Tico”.

A escolha da revista justifica-se por esta ter sido um periódico de grande circulação publicado no Brasil durante a primeira metade do século XX e ter cumprido uma missão relevante no estímulo à alfabetização das crianças de seu tempo.¹

Para este estudo, como recorte temporal, optou-se pela década de 1930 em virtude de esta ter sido o período de publicação do encarte “Meu Jornal” na revista “O Tico-Tico”, mas também por este ser um período de grandes transformações políticas e sociais no Brasil.

A escolha por esse período justifica-se também em virtude de que é no início dos anos 30 que se verifica o auge da publicação de suplementos, de jornais e de revistas para crianças no Brasil.

Em “Imprensa e encenações de modernidade no início da república”, Barbosa (2011) defende que o início da República foi marcado pela percepção de que a imprensa se caracterizou como o grande veículo de circulação do discurso civilizatório presente nas elites daquele período. A noção de moderno estava centrada no fim do regime monárquico e no início do progresso brasileiro. Era através das páginas dos periódicos e das revistas como “O Tico-Tico” que estas mudanças deveriam ser divulgadas.

Sevcenko (2003) destaca que este período foi marcado pelo advento do chamado “novo jornalismo” caracterizado por inovações nas técnicas de edição e impressão; com uma vasta utilização de ilustrações que davam refinamento visual à publicação.

Com estas mudanças, as revistas ilustradas, como é o caso de “O Tico-Tico”, passaram a ser consumidas diariamente pelas camadas alfabetizadas da população, que em sua maioria pertenciam à elite brasileira. Sevcenko (2003) ressalta ainda que os jornais e as revistas retrataram a mudança cultural que se procurava propagar na época.

Além disso, há o surgimento de um novo sistema político, o Estado Novo (1937-1945), com tendências pedagógicas e sistemas educacionais bem específicos que influenciariam sobremaneira a formação das crianças desse período.

¹ Entrevista concedida por Anibal Martins Alonso: pioneiro da alfabetização. “**O Tico-Tico**”. Edição do cinquentenário, Rio de Janeiro, out. 1955. p. 57

Como recorte espacial tem-se a cidade do Rio de Janeiro, então capital da República e forte disseminadora das mudanças sociais culturais e políticas do período e sede da Editora O Malho, responsável pela publicação da revista “O Tico-Tico”.

Nesse período, a então capital da República passava por um processo de modernização que precisaria ser traduzido à população e nesse ponto, as revistas como “O Tico-Tico” teriam colaborado para a difusão do gosto pela leitura, da propagação de valores cívicos, dos bons sentimentos e das virtudes morais necessárias e amplamente valorizadas pelo regime Estadonovista.

Outro ponto que também teria influenciado a escolha do Rio de Janeiro é de que grande parte das colaborações enviadas ao encarte “Meu Jornal” teriam sido de leitores residentes ou matriculados em escolas deste estado.

Diante disso, ressalta-se que diferentemente dos postulados da concepção de história que consagra os grandes marcos políticos, elege-se como primeira premissa para a realização deste estudo a escolha das fontes de investigação, isto porque, conforme assegura Saviani (2013), as fontes se constituem o ponto de partida da construção que gera a reconstrução do objeto histórico, para depois proceder à delimitação do período a ser estudado.

Por outro lado, mas não menos importante, é a renovação historiográfica acerca do conceito de fontes documentais para a pesquisa em História da Educação, visto que hoje já se pode considerar como fonte não somente os documentos oficiais, mas também aqueles pequenos indícios e vestígios da produção cultural dos sujeitos ao longo da história. A partir dessa perspectiva deve-se então considerar outros gêneros de documentos que têm ganhado espaço como fonte nas pesquisas que consideram a área de História da Educação como os “ilustrados, transmitidos pelo som, pela imagem, ou de qualquer outra maneira” (LE GOFF, 2003).

Entre outros aspectos a Nova História Cultural também modificou o modo de percepção da História da Educação principalmente quando passa a inserir novos temas como objetos, que na iminência da história positivista, eram considerados pouco nobres no interior das pesquisas que tinham como foco o processo educativo ao longo da história. Assim, os pesquisadores no campo educacional passam a considerar os estudos acerca da história das mulheres, das crianças, das ideias, do corpo, das instituições escolares, enfim retratam uma infinidade de temas que a

partir de uma análise mais microscópica e recortada podem levar o historiador a construir suas interpretações acerca de um determinado momento da história da educação.

Nesse sentido, o reconstruir o passado para o pesquisador adquire contornos interpretativos, e para entendermos essa concepção podemos nos embasar nos conceitos de Chartier (1991) sobre a categoria de “representação” como um olhar sobre a escrita da história que não deve mais nos dar a dimensão da verdade ocorrida, ao contrário, estes são apenas fatos construídos por meio das lentes daqueles que os observam.

Assim, pode-se dizer que os documentos são escritos com o objetivo de transmitir uma versão acerca dos fatos históricos e por isso não têm compromisso com a verdade. Conforme Le Goff (2003),

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 2003, p. 538).

Dessa forma, é preciso tomar os documentos em sua particularidade, reconhecendo que as “verdades” postas pelas fontes podem e devem ser questionadas, pois as mesmas foram construídas com a finalidade de atender a determinadas exigências de seu tempo.

Do mesmo modo entendemos a pesquisa como reconstrução, pois o passado está morto, é criação humana que nada mais modificará, entretanto ressaltamos que “o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa [...]” (BLOCH, 2001, p. 75).

Destarte, o ofício do historiador é lidar com as fontes, pois conforme a afirmativa de Le Goff (2003, p. 106), “sem documento não há história”.

Além disso, infere-se que o ponto de partida da pesquisa histórica deve se pautar na problematização dessas fontes, assim como para a necessidade do diálogo com as mesmas, já que estas sozinhas nada dizem, sendo então necessário interrogá-las na busca por compreendê-las em sua complexidade.

Entretanto é preciso também compreender que o historiador nunca poderá apreender a história em sua totalidade, pois de acordo com Lopes e Galvão (2001,

p.77), “em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido”.

Assim, ao historiador de ofício compete a compreensão da história com base em fragmentos, sendo para isso necessária a realização de uma operação historiográfica na qual compete a prévia seleção das fontes, a demarcação dos recortes temporais e espaciais, o delineamento dos objetivos, assim como a escolha dos procedimentos metodológicos (CERTEAU, 1982).

É por meio destes procedimentos que o historiador do campo da educação irá transformar pequenos e esparsos vestígios em dados para a criação de seu discurso, ou seja, para “a criação de uma narrativa que constitui sua leitura do passado” (STEPHANOU; BASTOS, 2009, p. 417).

É essa leitura que se quer construir acerca do objeto de pesquisa, se quer lançar sobre ele uma nova possibilidade de interpretação acerca do momento vivido, dos discursos presentes, das intencionalidades e dos princípios educativos vigentes no impresso.

Com base no pressuposto de que a revista “O Tico-Tico” bem como o seu encarte “Meu Jornal” estão situados em um determinado tempo histórico, tem-se também de atentar ao fato de que esse é um impresso produzido por um grupo de pessoas que, vinculadas a uma ideologia, produziram um tipo de discurso no qual não há neutralidade, ou seja, todo tipo de material impresso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais e ideológicas dos sujeitos que os criaram.

Assim, esse trabalho historiográfico tomará como mote a compreensão as representações criadas por esses sujeitos e apropriadas por um público específico, e como as práticas realizadas pelo impresso fizeram circular, em seu momento histórico, um discurso dominante entre as crianças leitoras de “O Tico-Tico”.

Para isso, embasar-se-á nas discussões de Chartier (1991), pois o autor afirma que não há a noção de verdade ou mentira, mas de “representações” que são produzidas por aqueles que detêm o poder e que se utilizam deste para impor a outros sujeitos um modo de pensar hegemônico.

As representações do mundo social [...] são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de

outros, legitimando assim suas escolhas e condutas. [...]. Por isso as representações colocam-se sempre no campo da concorrência e se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio (CHARTIER, 1991, p. 17).

O entendimento acerca do conceito de “representação” é imprescindível nesse contexto, pois a partir dele teremos base para a compreensão do passado histórico enquanto reconstrução, a partir da ótica e dos sentidos criados pelo historiador.

Por esse motivo o ofício do historiador é basear-se no critério da criticidade em relação aos sentidos construídos com base na leitura do encarte utilizado como fonte de nossa pesquisa, pois é preciso perguntar à fonte no intuito de saber de onde o autor fala, com quem ele dialoga e qual é a sua intencionalidade.

Na busca por esses dados, esse estudo tomará como base a análise das informações quanto ao conteúdo do impresso, sendo indispensável “classificá-lo, registrando seu ciclo de vida, predominâncias ou recorrências temáticas e informações sobre produtores, colaboradores e leitores, entre outros dados” (CATANI, 1996, p.118).

Para a apropriação desses conhecimentos foi necessário primeiramente conhecer a fonte que está disponível no site da Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro. Foram selecionados 264 exemplares. Essa seleção foi realizada de acordo com a duração da seção “Meu Jornal” na revista “O Tico-Tico”, ou seja, compreendida entre os anos de 1935 e 1940.

Como os arquivos não puderam ser salvos, pois a cópia dos mesmos encontrava-se desabilitada, os encartes da seção “Meu Jornal” tiveram que ser impressos e catalogados por ano de edição. O próximo passo foi realizar um levantamento descritivo com dados sobre ano, número, tamanho, total de páginas e de exemplares que apresentavam o encarte. Em seguida, foi preciso fazer a agrupamento e sistematização por temas recorrentes no conjunto das fontes que serão apresentados ao longo da dissertação em forma de quadros ou tabelas explicativas que auxiliarão na realização das análises para sistematização dos resultados da pesquisa.

Será também apresentado um breve histórico da revista, para que se faça

possível uma compreensão do contexto histórico desse periódico, e em seguida, será exposta a nossa reflexão e compreensão dos conteúdos presentes nas 264 edições do encarte “Meu Jornal” publicados na revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940.

A utilização desses passos metodológicos foi necessária em virtude da concretização dos objetivos para com esse estudo que teve o intuito de analisar o encarte “Meu Jornal” publicado na revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940, com vistas a compreender e interpretar a proposta de formação para a infância posta em circulação no periódico.

A fonte escolhida para a realização da pesquisa foi a seção “Meu Jornal” veiculada na revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940. Entretanto, a revista “O Tico-Tico” surgiu muitos antes, mais precisamente em 1905, na cidade do Rio de Janeiro. É uma criação da então Sociedade Anônima O Malho² importante editora presente no Brasil desde 1902.

Conforme o “Almanaque de “O Tico-Tico”” publicado pelo Instituto Antares, em comemoração aos cem anos da revista:

Em 16 de setembro de 1905, em seu número 157, O Malho anunciava o mais novo lançamento da editora com as seguintes palavras: completando o numero de nossas publicações, vamos fazer ainda surgir outra, num gênero que não se tentou até agora entre nós, o que, entretanto exprime uma necessidade. [...] a publicação de um jornal exclusivamente dedicado às crianças no Brasil (INSTITUTO ANTARES, 2006, p. 21).

A revista “O Tico-Tico” foi apresentada aos leitores como forma de preenchimento para uma grande lacuna no meio jornalístico, porque até então não havia nenhuma revista destinada às crianças com as características do recém-criado semanário - colorida, ilustrada e lúdica. No expediente do primeiro número da revista³, afirma-se que “O Tico-Tico” seria uma grande revolução no mercado de produtos para crianças, que até aquele momento viviam o mundo dos adultos.

² ROSA, Zita de Paula. “O Tico-Tico”. Mito de formação sadia. São Paulo. USP: 1991. Tese de doutorado.

³ Fac símile “O Tico-Tico”, 1905, SANTOS, Roberto E.; VERGUEIRO, Waldomiro. “O Tico-Tico”: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil.

“O Tico-Tico” foi criada por Luiz Bartolomeu de Souza e Silva⁴, proprietário de “O Malho”, mas intelectuais como o historiador e professor Manoel Bonfim⁵, e o jornalista e caricaturista Renato de Castro, professor e homem da imprensa, auxiliaram na criação da revista⁶ cujo objetivo era “ensinar divertindo” a partir de uma diversidade de desenhos coloridos e histórias engraçadas para meninos e meninas. Ao mesmo tempo em que apresentavam uma revista atraente às crianças, sensível aos gostos e interesses infantis, “O Tico-Tico” realizava também o propósito de ser “um veículo leve e suave de instrução” (INSTITUTO ANTARES, 2006, p. 23).

O primeiro número foi lançado em outubro de 1905, uma quarta-feira, na cidade do Rio de Janeiro. Conforme o editorial de lançamento da revista “O Tico-Tico” (1905, n. 1), os editores fizeram questão de esclarecer que pouco se fazia pelo prazer das crianças:

Este jornalzinho se destina exclusivamente ao uso, à leitura, ao prazer, à distração das crianças. Não queremos a atenção nem o aplauso da gente grande: os pequeninos, os inocentes, os simples formarão o nosso público. [...] Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas páginas do Tico-Tico, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, elas poderão dizer, com orgulho: “Os marmanjos têm os seus jornais? Pois nós também temos o nosso jornal, que é feito para nós, ‘exclusivamente para nós!’” (“O TICO-TICO”, 1905, p. 3).

Assim, a revista começou sua trajetória obedecendo a uma periodicidade semanal, sendo publicada todas as quartas-feiras, ao preço de 200 réis, quantia essa que foi mantida até meados de 1920, e contava com uma tiragem inicial de 25.000 exemplares. Podia ser comprada por meio “de assinatura semestral, anual ou até mesmo adquirida, por encomenda nas livrarias e estabelecimentos credenciados à sociedade O Malho” (ROSA, 1991).

⁴ Luís Bartolomeu de Souza e Silva foi jornalista e dono da Sociedade Anonyma *O Malho*. Atuou como editor da revista de mesmo nome, muito popular pelo tom crítico e pela caricatura política. Além de *O Malho* e “*O Tico-Tico*”, ainda publicou revistas literárias, de moda, etc.

⁵ Manoel Bonfim (1868-1932), intelectual sergipano, autor de *A América Latina* (1905), *Através do Brasil* (1910), além de uma trilogia composta por: *O Brasil na América* (1929), *O Brasil na História* (1930) e *O Brasil Nação* (1931). Manuel Bonfim era um dos intelectuais responsáveis pelas políticas educacionais do Rio de Janeiro.

⁶ “O Tico-Tico” e seu almanaque surgiram da intuição de Manuel Bonfim e Renato de Castro, com a colaboração dos melhores artistas da época: J. Carlos criou Juquinha, Lamparina, Jujuba e Carrapicho; Ângelo Agostini fez o cabeçalho e histórias em quadrinhos; Calixto, Gil, Loureiro (responsável pelas histórias de Chiquinho); Storni (criador de Zé Macaco e Faustina); Yantok (criador de Kaximbown e Pipoca), Luís Sá Vasco Lima, etc.

O semanário foi inspirado nos mesmos moldes da revista ilustrada francesa *La Semaine de Suzette* (1905 -1960) editada por Maurice Languereau (MENNA, 2012), entretanto, com o passar do tempo e a influência de bons redatores⁷ e ilustradores gradativamente a revista conseguiu manter seus temas mais próximos da realidade de seus leitores.

Foram ilustradores da revista “O Tico-Tico”, Ângelo Agostini que criou a primeira logomarca da revista em 1905, Luís Gomes Loureiro que começou como decalgador das histórias americanas de *Buster Brown* e seu cão *Tige*.

No Brasil, esses personagens ficaram conhecidos como Chiquinho e Jagunço (INSTITUTO ANTARES, 2006), que estiveram sempre presentes na revista desde o primeiro exemplar até sua completa extinção em 1962. Além de Loureiro, outro ilustrador de peso foi Alfredo Storni que criou personagens como Zé Macaco, Faustina e seu filho Baratinha, Max Yantok o criador das histórias de Kaximbown e Pipoca, além de Pandareco, Pára-choque e Viralata e Luiz Sá que introduziu na revista a partir dos anos 30 as histórias de Reco-Reco, Bolão e Azeitona.

Um dos maiores nomes do humor gráfico brasileiro e um dos principais ilustradores de “O Tico-Tico” foi J. Carlos que criou além de uma nova logomarca para a revista, novos personagens como Carrapicho, Jujuba, Lamparina, Borboleta, Cartola e Goiabada, vinhetas, *patterns* e lustrações de capa (INSTITUTO ANTARES, 2006, p. 147).

Além das histórias em quadrinhos, “O Tico-Tico” também comportava outras seções como a “Lição do vovô”, “A Gaiola d’O Tico-Tico”, “Gavetinha do Saber”, “História do Brasil em figuras”, “Os Concursos d’O Tico-Tico”, a “Correspondência do Dr. Sabetudo”, “Meu Jornal”, “O Tico-Tico” mundano”, seções de correspondências (textos e fotos enviados pelos leitores), além de passatempos, poesias, contos e romances da literatura universal e anúncios publicitários.

A revista “O Tico-Tico” deixou de circular no ano de 1962, depois de 57 anos de publicação semanal até 1940, mensal até 1958 e bimestral a partir de janeiro de 1959 até seu completo desaparecimento em 1962.

⁷ O cartunista Renato de Castro permaneceu como diretor artístico e redator-chefe da revista até 1922. Cabia a ele solicitar e encomendar aos ilustradores e redatores o tipo de material a ser publicado e se dirigir aos leitores em nome da empresa. A partir de 1926, Carlos Manhães respondeu pelo cargo de redator-chefe. Quando do falecimento de Carlos Manhães em 1939, Antonio A. de Souza e Silva assumiu a direção de “O Tico-Tico” prosseguindo a linha de trabalho de seus antecessores (ROSA, 1991, p. 86).

A partir de 1959, a editora O Malho ainda lançou várias edições especiais sobre conteúdos disciplinares intitulados “edições instrutivas” que tinham como objetivo difundir noções de História Natural e da Pátria, Geografia, Botânica, escudos e bandeiras dos estados, noções de Desenho, (HEMEROTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1962), entre outros conhecimentos escolares.



Figura 1. Revista “O Tico-Tico”, exemplar n. 2078, janeiro/fevereiro 1958.

Conforme Merlo (2003), a revista “O Tico-Tico”, em sua grande existência acumulou o número de 2097 edições publicadas até abril do ano de 1962:

nº 1 ao 1852 de 11 de outubro de 1905 a 26 de março de 1940, em publicações semanais; nº 1853 ao 2077, de abril de 1940 a dezembro de 1958 em publicações mensais; e do nº 2078 ao 2097 em janeiro de 1959 a abril de 1962 em publicações bimestrais (MERLO, 2003, 43).

Muitos são os motivos do declínio e consequente extinção da revista, além da concorrência, Vergueiro e Santos (2006, p. 37) apontam outros fatores como a “mudança dos gostos do público, mais adepto às aventuras das HQs, o surgimento da televisão e dos desenhos animados e, finalmente, um novo mercado consumidor: os adolescentes”.

Apesar de hoje a revista encontrar-se em esquecimento, deve-se salientar que durante metade do século XX ela modelou os comportamentos de muitas das crianças brasileiras, sobretudo aquelas de maior poder aquisitivo, que tinham acesso à escolarização, visto que os assinantes, em sua maioria, eram filhos de pessoas da alta sociedade, o que pode ser percebido a partir dos retratos infantis publicados na revista e analisados no corpo deste trabalho, assim como foi responsável também por divulgar os valores ideológicos do período histórico em que se manteve em circulação. De acordo com Menna (2012),

os responsáveis pela revista defendiam um tipo de revista que pudesse colaborar para a produção de adultos pró-ativos, que acreditariam na força do trabalho e participariam do capitalismo em ascensão e acrescenta que o público era formado por crianças da classe média, tementes a Deus e respeitadoras dos valores pátrios submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira (MENNA, 2012, p. 172).

Foi com este objetivo de colaborar para a propagação da educação no Brasil que a revista “O Tico-Tico” manteve-se em consonância com os interesses dos intelectuais da época na busca pela propagação da educação escolarizada e, ainda por essas características conseguiu manter fiel seu público leitor que via no periódico um instrumento de divulgação dos valores educativos e morais apreciados tanto pelos pais quanto por educadores do período.

Apesar de “O Tico-Tico” não ser um impresso caracterizado como pedagógico ou oficial, ressalta-se que a partir dele também é possível construir uma visão privilegiada acerca da realidade educacional do período em questão, posto que em várias de suas edições o periódico teria deixado explícito a sua relação e suposta aceitação no campo educacional.

Essa aceitação pode ser percebida, sobretudo, a partir de 1935 em virtude dos grandes concursos cívicos que a revista promovia e que eram respaldados pelos departamentos de Educação de todos os Estados (Figura 2).

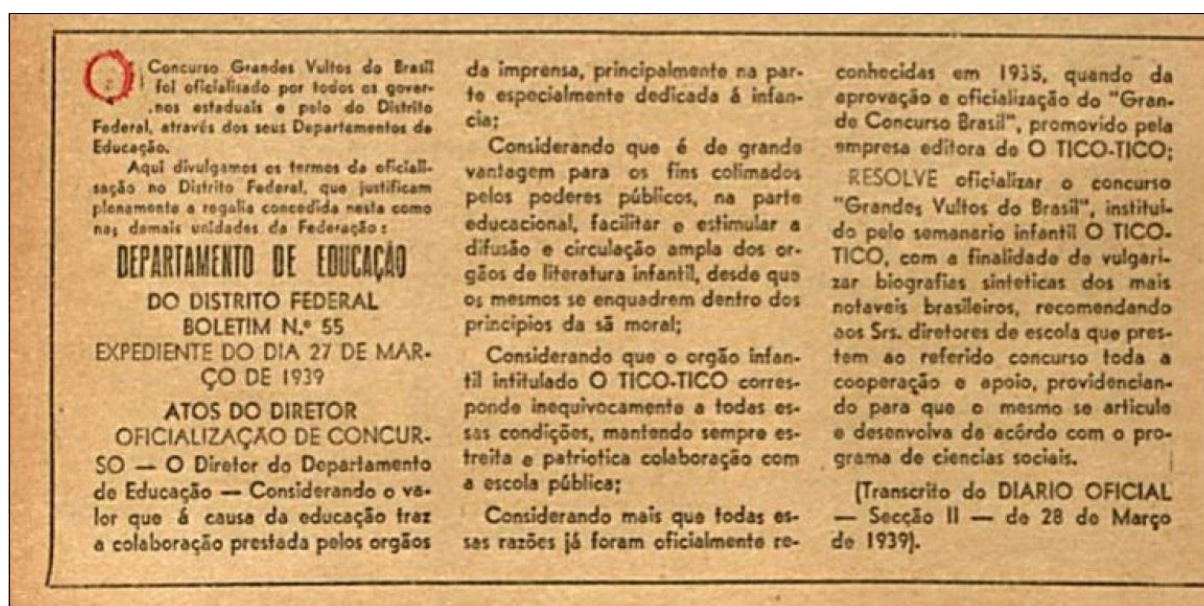


Figura 2. Oficialização do Concurso Grandes Vultos do Brasil
Fonte: Revista “O Tico-Tico”, 06 de setembro de 1939. Edição 1770

A revista “O Tico-Tico”, por sua longa duração e importância no cenário da imprensa brasileira no início do século XX, já teria sido objeto de pesquisa em muitos outros artigos, teses, monografias e dissertações.

Este é o caso da tese da historiadora Zita de Paula Rosa (1991) que é tida como referência no assunto, pois apresenta em seu estudo “O Tico-Tico”: mito da formação sadia, a revista infantil, a partir de seus aspectos recreativos e pedagógicos”. A autora parte do pressuposto de que a revista “O Tico-Tico” não teria sido apenas um empreendimento empresarial, mas sim uma manifestação de caráter cultural que visava responder às necessidades infantis e também realizar de modo informal uma ação pedagógica.

Na referida tese Rosa (1991) faz também um minucioso registro dos caricaturistas e editores de maior importância no periódico e descreve as seções e os personagens mais relevantes da revista infantil. Além disso, procura relacionar a orientação da revista com o campo educacional da época em questão. A autora também reserva um capítulo para ilustrar as manifestações de apreço à revista e as reminiscências feitas pelos leitores e publicadas na revista em uma edição especial datada de 1955.

Outra pesquisa relevante sobre “O Tico-Tico” é a dissertação de mestrado de Maria Cristina Merlo (2003). A autora não faz uma análise aprofundada sobre a revista, mas realiza um trabalho bem minucioso de catalogação de desenhistas, escritores e personalidades importantes para a publicação. Destaca também os principais personagens e seções, além de especificar características internas da revista, como formato, periodicidade, preço e distribuição. Sua referência é importante porque é através dela que se pode conhecer determinadas características formais da revista. Segundo Merlo (2003, p. 37), “a intenção foi de registrar a importância de “O Tico-Tico” como a primeira revista infantil e em quadrinhos, desde a data de seu início e quais foram os motivos de seu encerramento”.

Tida também como referencial importante para as pesquisas com foco no periódico infantil é a publicação dos autores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos, pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicação e Arte da USP.

Na publicação “O Tico-Tico”: Centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil” (2005), organizada por Vergueiro e Santos, é apresentada uma série de

artigos sobre a revista, destacando diversos temas como as memórias de personalidades sobre o semanário, passando pelas influências recebidas das revistas estrangeiras, a relação de “O Tico-Tico” com o escotismo, questões relativas às dimensões cultural, jornalística e literária da revista, assim como estudos sobre os personagens, ilustradores e os quadrinhos mais importantes publicados no semanário.

O trabalho de Vergueiro e Santos (2005) discorre de uma forma bastante ilustrativa e didática sobre uma infinidade de possibilidades de pesquisa que tomaram a revista “O Tico-Tico” como fonte e objeto de estudo criando visões pertinentes em relação “ao papel da mulher, do escotismo e da educação moral e cívica no período de circulação da revista” (VERGUEIRO; SANTOS, 2005, p. 16).

Como referência para realização da presente pesquisa também pode-se citar a tese de Patrícia Santos Hansen (2007, p. 84), que apesar de não ser exclusivamente sobre “O Tico-Tico”, toma a revista como fonte para analisar “a produção da literatura cívico-pedagógica na Primeira República”.

Para Hansen (2007, p. 121), esse tipo de literatura tinha como objetivo difundir um projeto nacional, que relacionava a formação da criança à nação nova, “onde tudo estaria por se fazer”, e que a produção literária para a infância nesse período, incluindo “O Tico-Tico”, “via as crianças como adultos em miniatura, indivíduos precoces com o dever de construir e salvar a pátria no futuro”. Hansen apresenta ainda o objetivo de identificar o tipo ideal de criança brasileira que estava presente nas publicações de cunho infantil de caráter cívico-pedagógico, escritas entre o final do século XIX e início do século XX.

A partir de um campo de pesquisa diferenciado, mais centrado na abordagem jornalística, há também o trabalho de Cardoso (2008) que revela que a revista “O Tico-Tico” teve como modelo em seus primeiros tempos uma revista francesa de nome *Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse* (1904-1910). Em seu trabalho, o autor faz uma análise acerca das capas e matérias presentes nos primeiros exemplares de “O Tico-Tico” publicados no período de 1905 até 1907. A partir dessa análise o autor confirma a tese de que a primeira revista de quadrinhos brasileira teve, por modelo principal, a francesa *Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse* (1904-1910) da qual apropriou-se de capas e histórias em quadrinhos.

Há também o artigo de Maria Cristina Soares Gouveia intitulado “A construção de uma infância escolarizada: a escola na literatura infantil”, no qual a autora fala

sobre as representações da escola que estavam presentes na produção literária do período demarcado entre os anos de 1900 a 1935 no Brasil. Neste trabalho, a autora utiliza “O Tico-Tico” como fonte complementar, pois a mesma procura “analisar as representações construídas sobre a infância em parte da produção literária destinada a criança no Brasil” (GOUVEIA, 1999, p. 15).

Já o estudo de Lígia Menna (2012) relata a relação entre a literatura e o jornalismo. Para fazer essa comparação ela se utiliza do jornal “O Senhor Doutor” e a revista “O Tico-Tico”. Neste trabalho, a autora dá destaque à literatura infantil fora dos livros e toma a revista como objeto de análise, destacando a relevância do periódico para “a formação dos leitores e para o desenvolvimento da Literatura Infantil no Brasil”.

Ainda na modalidade artigo, tem-se o trabalho de Araújo e Curado (2009) que no texto “O Centenário da revista “O Tico-Tico”” discutem a influência cultural exercida pelo impresso no cenário intelectual brasileiro de 1905 a 1960, como disseminador de informações e entretenimento para as crianças brasileiras. De acordo com os autores, o periódico cumpriu relevante papel histórico na literatura para crianças:

contribuindo para que o conhecimento fosse disseminado por meio de histórias em quadrinhos, contos, poesias, noções de conhecimentos gerais, normas e padrões de comportamento e aperfeiçoamento do espírito de brasilidade e formação moral da infância brasileira na primeira metade do século XX (ARAÚJO; CURADO, 2009, p. 59).

No artigo de Theodoro (2011), “A roupa infantil nas revistas destinadas às crianças na década de 1950: modos de educar os corpos de meninos e meninas”, a autora analisa dois impressos brasileiros publicados durante a década de 50: as revistas “O Tico-Tico” e Cirandinha”. Neste texto, a autora discute a formação dos gostos das crianças mediada pelas revistas, assim como apresenta os trajes veiculados e os modelos de comportamento difundidos aos pequenos leitores.

Em “A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista “O Tico-Tico”, Roberta Gonçalves (2011) parte do recorte temporal caracterizado entre 1905 e 1906 para traçar sua análise acerca da revista. A autora discute a importância da imprensa e dos intelectuais da época na difusão de valores

burgueses, identificados com as noções de modernidade e progresso. Com foco no “O Tico-Tico”, Gonçalves (2011) analisa também a educação na primeira República e faz uma breve análise das tentativas de organização do sistema educacional e as influências das ideias pedagógicas presentes no semanário.

Já no artigo escrito por Patroclo (2013), “Os impressos para crianças como fonte de pesquisa em história da educação: uma análise da coluna Lições do Vovô da revista “O Tico-Tico”, a autora procura realizar um estudo acerca dos impressos para crianças como fonte, priorizando o objetivo de identificar o discurso pedagógico presente nas “Lições do Vovô”, importante seção publicada na revista “O Tico-Tico”. Para o cumprimento de seu objetivo, a autora analisa a primeira edição da seção “Lições do Vovô”, publicada em 1905.

Pode-se dizer que as referências citadas poderão orientar nossa escrita no sentido de que a maioria delas apresenta a revista “O Tico-Tico” em uma abordagem bastante próxima dos conceitos trabalhados pela Nova História Cultural, e por esse motivo poderão servir de base para a construção de nosso trabalho de pesquisa em História da Educação.

Além disso, viu-se também que muitos dos trabalhos focam o estudo na perspectiva das crianças ou do ideal infantil que está presente na revista. Esse tema também vem colaborar, já que o foco do presente estudo também é a percepção da criança acerca dos princípios divulgados pela revista “O Tico-Tico”, sobretudo no encarte “Meu Jornal”.

Em suma, as publicações encontradas acerca de “O Tico-Tico” são unânimes em afirmar que a mesma teria influenciado os valores culturais e educacionais da época e também é nesse sentido que procuraremos avançar com nossa abordagem acerca do semanário infantil.

Apesar das particularidades das pesquisas descritas de maneira sucinta, os trabalhos realizados até o momento podem ser utilizados para conhecimento do que se tem produzido no campo educacional acerca da revista “O Tico-Tico” e a temática específica a este estudo.

Com base nas discussões já efetuadas acerca da revista toma-se como mote para a pesquisa o desvelamento da proposta de formação para a criança posta em circulação na seção “Meu Jornal”. Mas, para que isso seja possível opta-se por apresentar as discussões acerca da fonte a partir de dois capítulos ou seções.

Assim, no primeiro capítulo, apresenta-se a materialidade da revista “O Tico-Tico” bem como da seção “Meu Jornal”, com vistas a identificar o suporte pelo qual a revista foi apropriada pelas crianças: sua composição gráfica (capas, sumários, contracapas, fotografias, anúncios e seções) assim como os dados de circulação do periódico, as edições, distribuição, tiragem, público-alvo e lugar de produção.

No segundo capítulo apresenta-se uma análise dos textos escritos pelas crianças leitoras de “O Tico-Tico” e publicados na seção “Meu Jornal”, por meio de categorias recorrentes, a saber, entretenimento, informação e formação moral, cívica e educativa, com vistas a identificar a proposta de formação para a criança posta em circulação pela revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940, na cidade do Rio de Janeiro.

2 A REVISTA “O TICO-TICO” E O ENCARTE “MEU JORNAL”: APRESENTAÇÃO DO SUPORTE

Para que exista o texto é preciso que haja um suporte que propicie a materialização das informações que o mesmo veicula. Deste modo, assim como o conteúdo textual, a materialidade de seu suporte também deve ser pensada como parte relevante no trabalho do pesquisador em relação aos impressos para a reconstrução da História da Educação, visto que o suporte material de um texto, nesse caso, a materialidade da Revista “O Tico-Tico”, pode veicular informações relevantes acerca do objeto que se pretende analisar.

Diante dessa constatação, Chartier (1995, p. 220) afirma que “é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora de seu suporte que lhe confere legibilidade. Diante disso, “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas pelas quais ele chega até seu leitor”.

Assim, tanto o texto quanto seu suporte são criados e pensados para serem manuseados, transportados, vistos, lidos e ouvidos, enfim sujeitos a várias utilizações, assim como na construção de práticas culturais e de seus significados (FRAGA, 2012).

Com base nessa afirmação tem-se a intenção de reconstituir dados relevantes acerca da materialidade da revista “O Tico-Tico” visto que compartilha-se da mesma visão de Chartier (1991, p. 182) quando o autor afirma que, “para que as obras adquiram sentido, é preciso reconstituí-las, estabelecendo relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática de quem dele se apodera”.

A partir dessa relação entre o texto, objeto e as práticas de leitura e escrita propostas pelo “O Tico-Tico”, mais precisamente pelo encarte “Meu Jornal”, seção veiculada pela revista entre os anos de 1935 e 1940 tem-se nesse capítulo o intuito de apresentar alguns dados significativos acerca da materialidade do impresso infantil, apresentando então algumas particularidades em relação ao suporte da revista como gênero ilustrado, sua forma física, composição gráfica e circulação.

2.1 O TICO-TICO: UMA REVISTA ILUSTRADA

O século XX se distingue como um período em que a imprensa periódica fez com que as práticas de leitura se popularizassem em todo o mundo. Além dos livros que tornaram-se cada vez mais populares, os jornais e o surgimento das revistas ilustradas inauguraram um novo modo de ver o mundo e possibilitaram o acesso a todo tipo de informações de maneira muito mais rápida e atraente.

Conforme Almeida (2010, p. 38):

desde as primeiras décadas do século XX, a principal característica das revistas semanais era possibilitar ao leitor o contato com o universo cultural da época. Durante décadas, as revistas ilustradas foram se modernizando, na busca por atender, de forma cada vez mais imediata as demandas da sociedade urbana e industrial que se configurava no Brasil.

Juntamente com o aumento significativo da demanda leitora de impressos, semanários e revistas ilustradas, ocorre no Brasil a expansão da escolarização, fato este que possibilitará modificações tanto na aprendizagem de leitura, quanto nos usos e nas práticas sociais da mesma (CASTILLO GÓMEZ, 2001).

Em relação ao suporte das revistas ilustradas, pode-se dizer que estas se constituem enquanto veículos de informação com peculiaridades significativas, entre elas, a grande variedade de temas, o formato mais leve e atraente, geralmente com poucas páginas se comparadas aos livros e, além disso, o uso constante de ilustrações ou fotografias.

De acordo com Martins (2008, p. 40), as revistas ilustradas “condensam numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, ampliando o público leitor e aproximando-o do noticiário ligeiro e seriado”. Além disso, chamava a atenção “pelo baixo custo, configuração leve, poucas folhas, entremeada de imagens”.

Com base nessas impressões tem-se também no suporte da revista “O Tico-Tico” algumas peculiaridades em relação aos aspectos de formatação, como um veículo de proposta ligeira e condensada, que oferecia um menu bem diversificado de contos, histórias em quadrinhos, seções, atividades lúdicas e educativas, poesias e anúncios que fizeram de “O Tico-Tico” uma publicação de grande popularidade no início do século XX.

2.2 A FORMA DO IMPRESSO: REVISTA “O TICO-TICO”

Conhecer a materialidade da fonte contribui para uma leitura que propicie a compreensão de um meio impresso, desta forma relaciona-se no Quadro 1, os elementos materiais que compõem a Revista “O Tico-Tico” e que a caracterizam como um impresso.

Ano de publicação	Periodização	Formato	Nº de páginas (média)	Nº de exemplares publicados	Nº de exemplares que trazem o encarte Meu Jornal	Capas
1935	Mar./Dez.	31,5 x 22,5	32	39	38	Ilustradas coloridas
1936	Abr./Dez.	31,5 x 22,5	31	35	35	Ilustradas coloridas
1937	Jan./Dez.	31,5 x 22,5	31	51	51	Ilustradas coloridas
1938	Jan./Dez.	31,5 x 22,5	31	51	49	Ilustradas coloridas
1939	Jan./Dez.	31,5 x 22,5	31	51	23	Ilustradas coloridas
1940	Jan./Dez.	31,5 x 22,5	34	51	8	Ilustradas coloridas

Quadro 1. Materialidade da Revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940

Fonte: Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro.

Quanto à sua materialidade a revista “O Tico-Tico” apresenta o formato brochura com as páginas presas na lombada tipo canoa⁸. O formato adotado pela publicação é correspondente ao tamanho 22,5x 31,5 mesmo utilizado pela revista “Caras”. Acredita-se que esse formato tenha sido escolhido pelo fato de permitir um grande uso de fotografias em uma página sem perda da qualidade de visualização das imagens abundantes na revista.

Em geral o número de páginas não variou muito, concentrando-se na média entre 31 e 34, até mesmo porque a revista manteve, pelo menos durante os anos estudados, pouca variabilidade nas seções e histórias em quadrinhos.

Quanto a periodicidade, “O Tico-Tico”, por ser uma publicação de grande amplitude para a época e ter sido patrocinada pela Sociedade Anônima O Malho, uma das maiores editoras do Brasil naquele período, conseguiu manter sua

⁸ Lombada canoa é o acabamento dos cadernos unidos por grampos, esse tipo de acabamento é indicado para revistas que tenham em torno de 60 páginas. (Disponível em: <<http://www.graficaadhara.blogspot.com/>>. Acesso: 20 jun. 2014).

publicação semanal até meados de 1941, quando a revista passa a ser mensal, apresentando uma média de quatro exemplares publicados por mês, o que significa um número de aproximadamente 48 a 51 revistas por ano de publicação.

Quanto à tiragem do semanário não foi encontrada nenhuma informação explícita na revista em si, entretanto Rosa (1991, p. 45) atesta que:

Durante mais de meio século de permanência no mercado editorial, a tiragem da revista oscilou entre 20.000 e 100.000 exemplares. Os índices mais altos foram obtidos entre 1935 e 1939, quando da promoção de grandes concursos cívicos de alcance nacional (ROSA, 1991, p 45).

Como o período citado por Rosa (1991) em sua pesquisa coincide com o período escolhido para a realização deste estudo, isto quer dizer que a tiragem da revista deve ter se aproximado ou até mesmo ultrapassado a quantidade de 100.000 exemplares por semana.

Em relação ao próprio suporte, tanto a capa quanto o miolo da publicação apresentam o papel tipo jornal e há também uma pequena diversificação no uso das cores: na capa e na contracapa são utilizadas de quatro a seis cores e o restante da revista é impresso em preto e branco com exceção de algumas histórias quadrinizadas impressas em vermelho e azul e algumas títulos e seções diversas onde tem-se a utilização de variadas cores. Todos os números apresentam capas ilustradas e a maioria delas com a apresentação de histórias quadrinizadas pelo cartunista Oswaldo Storni.

Ainda quanto ao *layout* da capa foi possível perceber que no período proposto para a pesquisa o mesmo se modifica duas vezes no espaço de cinco anos. De acordo com Menna (2012, p. 182):

a partir dos anos de 1930, Luis Sá, criador dos personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona, idealizou um novo cabeçalho e logotipo para a revista. À direita aparecem os preços, 500 réis para o Rio de Janeiro, aumentando para 600 réis para os outros estados. Abaixo o ano, local, data, e número de publicação (MENNA, 2012, p. 182).

Além disso, o cabeçalho apresenta a figura de um pássaro, no centro, apoiado em um poleiro amparado pelo hífen da palavra “Tico-Tico”, caracterizado com chapéu, óculos e um livro debaixo da asa. Vê-se ainda que são incorporados ao

cabeçalho da revista alguns dos personagens mais atuantes do periódico como o menino Chiquinho, o casal Faustina e Zé Macaco, os amigos Reco-Reco, Bolão e Azeitona, Jujuba, Kaximbown e Pipoca além dos personagens estrangeiros Mickey e gato Félix. Todos olhando em direção ao pássaro. O cabeçalho apresenta ainda quatro cores: o azul, amarelo, vermelho e preto.



Figura 3. Logotipo e cabeçalho da década de 1930, ilustrado por Luiz Sá. 11/01/1935

A partir de 1940, o cabeçalho da revista sofrerá mais uma modificação. Desaparecem as figuras dos personagens e o logotipo do pássaro, dando lugar à apenas o nome da revista, às vezes centralizado e outras no canto superior esquerdo, colorido em apenas uma cor: preto, azul, amarelo ou vermelho, apresentando além da data, ano, número e preço, o subtítulo: semanário infantil.

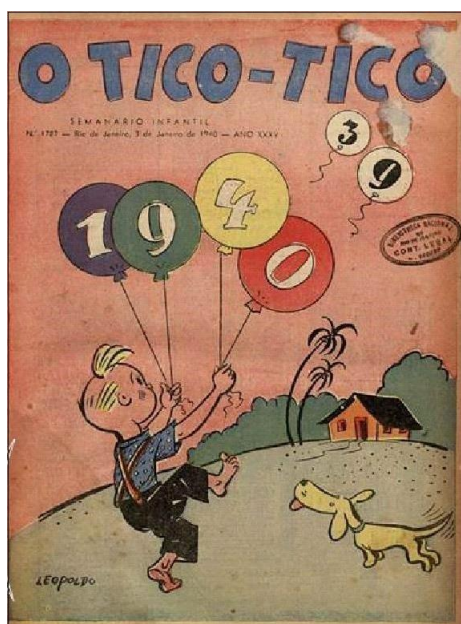


Figura 4. Capa da revista "O Tico-Tico". N.º 1787. Exemplar de 03 de janeiro de 1940

Também as histórias quadrinizadas, bastante frequentes nas capas entre os anos de 1935 e 1939, dão lugar a grandes ilustrações de variados autores, ora apresentando os personagens da revista, ora as ilustrações de histórias publicadas

no exemplar, ou até mesmo servindo de base para pequenas anedotas no rodapé.

Após essa breve apresentação dos aspectos mais formais da Revista “O Tico-Tico”, passa-se aos aspectos materiais que dizem respeito à própria composição gráfica da revista.

2.3. COMPOSIÇÃO GRÁFICA: CAPAS, CONTRACAPAS, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, FOTOGRAFIAS, ANÚNCIOS E SEÇÕES

Tanto o formato quanto a composição gráfica de um suporte, ou seja, sua materialidade pode nos dar informações acerca de seu processo de fabricação, dos agentes que estiveram envolvidos em sua criação e sobre os objetivos que o impresso tem a intenção de alcançar. Nesse sentido, apresenta-se mais adiante as escolhas que deram ao texto impresso de “O Tico-Tico” seu formato material e que o caracterizam dentro do gênero revista.

Os textos não existem fora do suporte material de que são veículos (CHARTIER, 2002), porém não é o mesmo texto, caso seja alterado o suporte por meio do qual chegará até o leitor. É aí que reside a importância da descrição rigorosa da materialidade do impresso, porque o modo como o conteúdo está disposto em uma página, seu espaçamento, o tamanho da fonte e as imagens revelam uma intencionalidade pretendida com a sua organização.

Com base nesse pressuposto pode-se inferir que cada tipo de impresso abrange algumas características tais como forma, capa, tamanho, logotipos, ilustrações e contracapas, assim como outras particularidades que proporcionam a revista um perfil que se diferencia do jornal e de outros tipos de impressos.

2.3.1 As capas de O Tico-Tico

Entre as peculiaridades citadas acima, que conferem a cada tipo de impresso um protocolo de leitura, as capas podem ser consideradas como um mecanismo que sugere ao leitor um modo de ler e, por conseguinte, por mediar a criação de significados acerca do texto lido.

Basicamente, as capas de “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940 giram em torno de quatro temáticas principais: histórias ilustradas de Reco-Reco, Bolão e

Azeitona, Bolonha e Bolinha, Chiquinho e Duduca, todos personagens frequentes na publicação. Entretanto, tem-se também a incidência de capas alusivas a datas comemorativas como a Independência do Brasil, a Proclamação da República e ilustrações de personagens ou vultos históricos.

Há ainda algumas capas que apresentam histórias de cunho moralizante e educativo, e por fim e em maior incidência, capas com histórias quadrinizadas de aventuras.

Temáticas das capas	Personagens de “O Tico-Tico”	Datas comemorativas e vultos históricos	Histórias de cunho moral e educativo	Histórias de aventura	Outros temas	Total
Quantidade	81	31	42	84	26	264
Percentual	31%	12%	16%	31%	10%	100%

Quadro 2: Temáticas das capas de “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, nº 1526 a 1820 (Organização da autora).

Entre os anos de 1935 e 1939 há a predominância de ilustrações de capa em formato quadrinado, apresentando como tema, ora as peripécias dos personagens de “O Tico-Tico”, ora as histórias de aventura geralmente ilustradas pelo artista gráfico Oswaldo Storni.⁹

Entretanto, além de Storni, as capas de “O Tico-Tico” foram assinadas também por outros ilustradores como Paulo Affonso, Nino, o criador de Bolonha e Bolinha e Cícero Valadares que também era responsável por ilustrar as narrativas sobre a História do Brasil escritas por Viriato Corrêa e Adolpho Plessen.

Do total de 264 capas publicadas entre os anos de 1935 e 1940, as histórias de aventura e os personagens da revista “O Tico-Tico” foram predominantes em cerca de 62% delas, isso pode estar relacionado ao fato de que apesar dos objetivos educativos estarem implícitos na revista, a mesma se caracteriza enquanto um empreendimento comercial que tem como meta atrair leitores para que os mesmos sejam instigados a comprar a revista e, entende-se que a apresentação prévia dos personagens da revista ou das histórias de aventuras nas ilustrações de capa suscita no leitor a necessidade de folhear a revista, no intuito de continuar a

⁹ Oswaldo Storni, um dos grandes desenhistas d'O Tico-Tico era filho de Alfredo Storni, um mestre da caricatura e criador de Zé Macaco e Faustina, personagens d'O Tico-Tico. Storni trabalhou em diversas editoras e revistas como O Malho e “O Tico-Tico”. A partir de 1950 passou a ser ilustrador efetivo da Companhia Melhoramentos. Além de desenhista, escreveu inúmeros contos para crianças.

acompanhar as peripécias do seu personagem preferido, de fazer parte daquele universo que lhe é apresentado nas capas coloridas e atraentes que tem como objetivo primordial atrair os leitores.



Figura 5: Capas histórias de aventura e personagens Revista “O Tico-Tico”. (A) Capa de 5 de junho de 1935 – edição n. 1548; (B) Capa de 20 de julho de 1938 – edição n. 1711

Em menor quantidade encontra-se as capas que fazem alusão a vultos históricos ou datas comemorativas juntamente com aquelas que apresentam pequenas narrativas de cunho moralizante ou educativo como pode ser visto na capa a seguir que trata do tema Felicidade (“O Tico-Tico”, 1937, nº 1633). Nessa capa há uma família sentada à mesa e um pequeno poema no rodapé da página que versa sobre qualidades que as crianças da ilustração devem honrar como a honestidade e a bondade.



Figura 6. Capas comemorativas e de cunho moralizante ou educativo. (A) Capa de 20 de janeiro de 1937 – edição n. 1633; (B) Capa de 6 de setembro de 1939 – edição n. 1770

Entende-se que essas capas são as mais educativas visto que se mantêm em conformidade com os preceitos morais e cívicos que eram vigentes no período em questão. Se compararmos a maioria dos conteúdos abordados na revista, é possível perceber que a mesma consegue manter uma regularidade nos assuntos abordados, o que poderá ser visto na análise realizada.

Há também uma regularidade em relação ao cabeçalho que se mantém sempre na parte superior da página e em todos os números as capas são coloridas e ilustradas apresentando textos recortados quadro a quadro ou somente em legendas pequenas no rodapé ou nas extremidades da capa.

No período que se restringe ao ano de 1940, com a mudança do cabeçalho, o *layout* da capa também fica mais simples apresentando somente grandes ilustrações bastante coloridas e lúdicas geralmente com anedotas no rodapé da página.

Em relação às temáticas apresentadas, pode-se perceber que, sobretudo, na década de 1930, com a criação de outros periódicos infantis como o Suplemento Infantil e O Globo Juvenil a revista teve que adequar seus temas “aos novos gostos populares infantis que substituíram a preferência pelos personagens ingênuos e bem

intencionados de “O Tico-Tico” por grandes desbravadores de novos mundos, homens mascarados ou superpoderosos” (VERGUEIRO; SANTOS, 2005, p. 77). Isso explica a grande quantidade de histórias de aventuras presentes nas capas do semanário no período observado, em oposição aos temas sempre recorrentes em “O Tico-Tico”.

Como a revista não apresenta nenhum tipo de sumário ou índice, em alguns exemplares de capas temos a apresentação de pequenos resumos do conteúdo interno da revista.

Por ser o primeiro contato visual com o suporte e o texto pode-se dizer que a capa sugere indícios acerca dos sentidos transmitidos à leitura. Por esse motivo, enquanto um protocolo de leitura, a capa, dispositivo tipográfico, fruto do trabalho de mediação editorial, proporciona mobilidade às possíveis atualizações do texto (CHARTIER, 2009).

2.3.2 As contracapas de O Tico-Tico

Durante o período analisado que abrange os anos de 1935 a 1940, a revista “O Tico-Tico” destinou o espaço das contracapas internas à apresentação de propagandas, à publicação de diversos anúncios vinculados à própria revista ou até mesmo para a publicação de textos diversos produzidos por colaboradores como Eustórgio Wanderley e crianças leitoras do periódico.

Os anúncios mais recorrentes na primeira contracapa interna se referem às publicações da editora O Malho como as revistas ilustradas direcionadas para o público feminino, entre elas Moda e Bordado, Anuário das Senhoras, Cinearte, Enxoval do Bebê, Ponto Cruz, Álbum para noivas, entre outras publicações.

Já as publicações relacionadas à Biblioteca d’ O Tico-Tico apresentaram nas contracapas títulos como Coleção Seth, As aventuras de Katrapuz, Histórias de Pae João, História de Pandareco, Parachoque e Viralata, Vovô d’O Tico-Tico, Meu livro de Histórias, As aventuras de Recoreco, Bolão e Azeitona, além de páginas inteiras dedicadas aos almanaques anuais lançados pela revista.

Além dos anúncios referentes às publicações de O Malho e “O Tico-Tico” é possível perceber que não há uma padronização nos *layouts* na primeira contracapa interna, já que estes se apresentam de maneira bastante variada, geralmente mesclando propagandas comumente relacionadas aos cuidados com a saúde e

higiene como Emulsão Scott, sabonetes, creme dental Eucalol e elixir de Nogueira com textos escritos por autores e leitores de “O Tico-Tico”.

São também pouco comuns anúncios de páginas inteiras, sendo então mais frequentes a apresentação de páginas com uma profusão de gêneros como as propagandas, anúncios e textos literários.

Nas últimas contracapas internas tem-se basicamente a publicação de anúncios da Biblioteca de “O Tico-Tico” e da editora O Malho, propagandas relacionadas à saúde e à higiene, entretanto, várias edições apresentam também na contracapa interna o expediente da revista contendo entre outras informações o preço das assinaturas.

Algo que não apresentou nenhuma alteração durante o período estudado foi a apresentação da contracapa externa que desde sua primeira publicação, ainda em 1905 era ilustrada pelas Aventuras do Chiquinho.

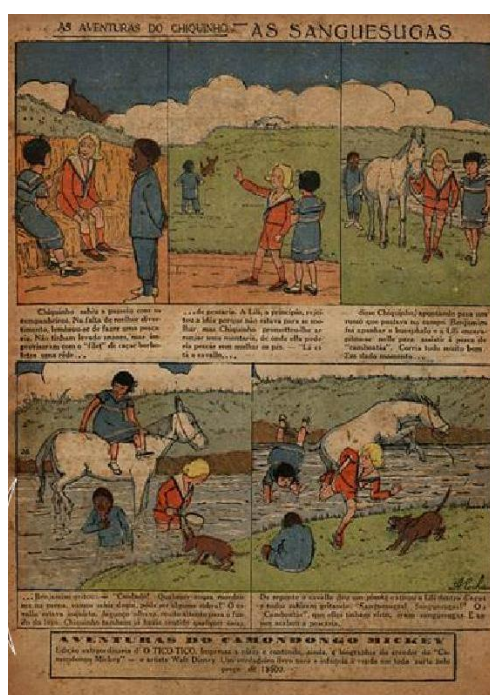


Figura 7. Contracapa externa: As aventuras de Chiquinho – edição n. 1526, de 2 de janeiro de 1935

2.3.3 As histórias quadrinizadas de O Tico-Tico

Apesar dos objetivos instrutivos da revista “O Tico-Tico”, o semanário se caracterizou no período de 1935 a 1940 pela grande profusão de histórias em quadrinhos. Embora não se tratasse propriamente de uma revista em quadrinhos,

“O Tico-Tico”, desde sua origem, dedicou amplos espaços às séries quadrinizadas e de acordo com Santos (2005) teria sido considerada como a primeira revista brasileira a fazê-lo. Ainda de acordo com este autor, um dos propósitos dos editores com relação à publicação das histórias em quadrinhos teria sido o incentivo a leitura, pois a então nova linguagem tinha um imenso potencial para isso. Por isso, foi publicada uma grande quantidade de histórias em quadrinhos tanto de autoria de artistas nacionais, mas também muitas séries estrangeiras.

Para facilitar a descrição e análise dessa temática no período proposto pelo estudo, apresenta-se no Quadro 3 as histórias quadrinizadas que circularam nas páginas de “O Tico-Tico”, tomando como base uma sequência cronológica.

Histórias Quadrinizadas	Ano						
	1935	1936	1937	1938	1939	1940	Total
As aventuras do Camundongo Mickey	48	36	51	51	51	30	267
Aventuras de Brocoio	29						29
As proezas do Gato Felix	48	36	51	51	51	30	267
As aventuras de Chiquinho	51	36	51	51	51	30	270
Juca e Tita	15	6					21
O Barão do Rapapé	3	7	10	10	7	7	44
Jibimba e Jojoca	3			7	4		14
Recoreco, Bolão e Azeitona	36	19	2				57
Bolinha e Bolonha	2	2		21	11	3	39
Pandareco, Parachoque e Viralata	6	7	12	11	9	7	52
Kaximborn na Pandegolândia	10	10	17	28	9	9	83
Os banaboys	40						40
Zé Macaco e Faustina	32	36	44	46	42	22	222
Lamparina e Carrapicho	48	36	51	2			137
O segredo do capitão Nemo	48						48
Aventuras de Tinoco, o caçador de feras	17	19	40	45	3	27	151
A heroína da Cruz Vermelha		8	4				12
Terras estranhas		8	51	47			106
A vida de Floriano Peixoto			15				15
Babe Bunting			33	51	29	23	136
Ming Foo – novela policial			35	51	45	28	159
A quadrilha negra			17				17
Aventuras de Tupiniquim			36	51	15	5	107
Proezas do Cazuzinha			25	24	21	20	90

Aventuras de Pernambuco – o marujo			6	51	48	9	114
As aventuras de Pindobinha			6				6
Pinga fogo – o az dos detetives			11	17			28
As aventuras de João de Malempeor			23	37	26	9	95
As aventuras do Capitão Cloud			8	31			39
O mistério dos diamantes amarelos			30	51	21		102
O homem infernal			24				24
Agib – o curioso					3	10	13
Harry Brunette – crime					14		14
Pegadas de Satan					9		9
Legionários da sorte						24	24
Total de histórias publicadas	436	266	653	734	469	293	2851

Quadro 3. Histórias quadrinizadas de “O Tico-Tico” entre os anos de 1935-1940

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, n. 1526-1820 (Organização da autora).

Conforme o Quadro 3, pode-se perceber que no ano de 1935 a revista “O Tico-Tico” apresenta em sua grande maioria histórias em quadrinhos que têm como característica um enredo mais ameno, divertido e que apresenta ao mesmo tempo um tom de aventura e bom humor. Essas peculiaridades são frequentes nas Aventuras de Tinoco, o caçador de feras, Zé Macaco e Faustina, nas Aventuras de Chiquinho, Pandareco, Pára-choque e Viralata, O Barão do Rapapé, As proezas do gato Felix e As Aventuras do camundongo Mickey, inicialmente chamado de O ratinho curioso.

Além das histórias destacadas acima foram ainda publicadas em 1935, As aventuras de Brocoió, o marinheiro Popeye, Juca e Tita, Jibimba e Jojoca, Recoreco, Bolão e Azeitona, Os Banaboys, Lamparina e Carrapicho e o Segredo do capitão Nemo. Com exceção das histórias em quadrinhos do camundongo Mickey, do Gato Félix e do Marinheiro Popeye, criadas por autores estrangeiros como Walt Disney e Patt Sullivan, todas as outras histórias quadrinizadas publicadas em 1935 foram criadas por cartunistas brasileiros como Alfredo e Oswaldo Storni, Max Yantok, Luiz Sá, entre outros.

No ano de 1935 foram analisados 51 exemplares da revista “O Tico-Tico”, que apresentou a quantidade significativa de 436 histórias quadrinizadas ao longo do ano. Já, em 1936 em virtude da indisponibilidade dos exemplares da revista nos meses de janeiro a março no site da Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro, tem-se a apresentação de apenas 36 exemplares cujas publicações apresentam o número

de 266 histórias quadrinizadas.

Nesse ano, a revista apresenta basicamente as mesmas histórias em quadrinhos publicadas no ano anterior, com exceção das histórias de Brocoió, o marinheiro Popeye, Jibimba e Jojoca, Os Banaboys, e o segredo do Capitão Nemo.

Entretanto, nos últimos oito exemplares do ano de 1936 a revista passa a publicar novas histórias quadrinizadas de aventuras: A heroína da Cruz Vermelha e Terras Estranhas.

Entre os anos de 1935 e 1936, a maioria das histórias quadrinizadas de “O Tico-Tico” apresentam no máximo três cores, amarelo, vermelho ou azul, sendo que a maioria delas está em preto e branco.

A partir de 1937, percebe-se uma mudança significativa no teor das histórias em quadrinhos do semanário. A partir desse período passam a aparecer na publicação muitas histórias quadrinizadas de autoria estrangeira, com temas policiais e resolução de crimes. Isso acontece porque a revista “O Tico-Tico” passa a enfrentar a concorrência de outras revistas infantis como O Suplemento Juvenil¹⁰ e como alega Rosa (1991, p. 16):

A revista não mais respondia às expectativas e aos interesses das crianças brasileiras. Os exemplos de lealdade, de obediência, de cortesia, de esforço, de aplicação nos estudos, de honestidade e humildade chocavam-se com os de coragem, de destreza, de malícia, de astúcia, de esperteza e de arrojo de heróis como Batman, Flash Gordon, Super-homem, Mandrake, entre outros (ROSA, 1991, p.16).

A partir dessa renovação vê-se também que o número de histórias em quadrinhos cresce substancialmente, visto que nos 51 exemplares analisados o número de histórias quadrinizadas publicadas chega a 653 nesse período.

Assim, personagens fixos da revista como Zé Macaco e Faustina, Chiquinho, Lamparina e Carrapicho, Tinoco, Kaximbown, Pandareco, Pára-choque e Viralata passam a ter de dividir espaço com as histórias de Babe Bunting, Ming Foo e Quadrilha Infernal, todas histórias de cunho policial ou de mistério.

Além dos personagens citados acima, o ano de 1937 reserva ainda espaço

¹⁰ Em 1934, Adolfo Aizen fundou o Suplemento Infantil no Rio de Janeiro, inaugurando uma nova fase na divulgação das histórias em quadrinhos no Brasil. Com o Suplemento era introduzido no país o modelo norte-americano de quadrinhos, no qual se destacavam aventuras mirabolantes e personagens de intensa penetração social (VERGUEIRO; SANTOS, 2005, p. 206).

para muitas outras histórias quadrinizadas, como As aventuras de Tupiniquim, as Proezas de Cazuzinha, As Aventuras de João de Malempeor e do Capitão Cloud, O Mistério dos Diamantes Amarelos e O Homem Infernal, todas com perfil aventureiro ou policial e de autoria estrangeira em oposição ao tom eminentemente nacional e humorístico que tradicionalmente povoava as páginas de quadrinhos da revista (VERGUEIRO; SANTOS, 2005).

Das histórias quadrinizadas escritas pelos próprios autores de “O Tico-Tico” tem-se As Aventuras de Pernambuco, o Marujo, Pinga Fogo o Az dos Detetives e As aventuras de Pindobinha, que por sinal teve curtíssima duração aparecendo somente seis vezes ao longo de cinco anos. A única história quadrinizada que foge ao perfil de aventura, humor ou policial é a publicação de A Vida de Floriano Peixoto escrita e ilustrada por A. Plessen.

Em 1938, o número de histórias em quadrinhos publicadas é ainda maior do que em 1937. Dos 51 exemplares analisados tem-se a significativa soma de 734 histórias quadrinizadas.

São publicadas nesse ano as histórias do Camundongo Mickey, As Proezas do Gato Felix, As Aventuras de Chiquinho, O Barão do Rapapé, Jibimba e Jojoca, Bolinha e Bolonha, Pandareco, Pára-choque e Viralata, Kaximbown na Pandegolândia, Zé Macaco e Faustina, Lamparina e Carrapicho, Tinoco, o caçador de Feras, Terras Estranhas, Babe Bunting e Ming Foo, As Aventuras de Tupiniquim e de Pernambuco, o marujo, Proezas de Cazuzinha, histórias de Pinga Fogo, João de Malempeor e capitão Cloud e o Mistério dos Diamantes Amarelos.

Vê-se então que aparecem nesse período basicamente as mesmas histórias quadrinizadas publicadas no ano de 1937, notando-se apenas a ausência de alguns personagens fixos da revista, provavelmente por falta de espaço e pelo fim de algumas séries como O Homem Infernal, A vida de Floriano Peixoto e a Quadrilha Negra.

Já em 1939 o número de histórias quadrinizadas cai quase pela metade, sendo assim, neste ano são publicadas apenas 438 histórias em quadrinhos nos 51 exemplares analisados. Vemos a partir do quadro 3 que apenas As Aventuras de Chiquinho, do Camundongo Mickey e As proezas do Gato Félix apresentam a mesma quantidade de publicações. Nesse caso todas as outras tiveram um decréscimo em sua publicação, caindo algumas vezes pela metade como aconteceu com Babe Bunting e As Aventuras de Tupiniquim e até mesmo desaparecendo por

completo com é o caso de Lamparina e Carrapicho e de Pinga Fogo o az dos detetives.

Nota-se que neste ano são acrescentadas ainda duas novas séries quadrinizadas: a história policial do detetive Harry Brunette, de autoria de Rex Collier e os quadrinhos de mistério intitulado As Pegadas de Satã.

Em 1940, último ano da análise realizada nesse estudo, apenas 30 dos 51 exemplares supostamente publicados, foram disponibilizados pela Hemeroteca Nacional do Rio de Janeiro. Nestes 30 exemplares tem-se a inserção de 203 histórias quadrinizadas, o que pode levar a crer que, em relação ao ano anterior o número de publicações não teria variado muito.

Assim, nesse período tem-se basicamente o aparecimento das mesmas histórias em quadrinhos do ano anterior com pouquíssimas exceções. Somente houve o acréscimo da história quadrinizada de aventuras Os Legionários da Sorte, escrita e ilustrada pelo desenhista vinculado a revista “O Tico-Tico”, Carlos Thiré.

Com relação à sequência temporal analisada vemos ainda que as únicas histórias quadrinizadas que conseguiram permanecer ao longo dos anos observados foram As Aventuras do Camundongo Mickey, As Proezas do Gato Felix, As Aventuras de Chiquinho, O Barão do Rapapé, Zé Macaco e Faustina, Pandareco, Pára-choque e Viralata, Tinoco, o caçador de feras e Kaximbown na Pandegolândia, que com exceção de Gato Felix e do Camundongo Mickey foram personagens fixos da revista criados por autores vinculados a revista “O Tico-Tico”.

Em relação à frequência da publicação das histórias em quadrinhos em “O Tico-Tico”, as histórias com maior duração foram As Aventuras do Camundongo Mickey, As proezas do Gato Félix e As Aventuras de Chiquinho.

As Aventuras do Camundongo Mickey e As proezas do Gato Félix são conhecidas do público infantil até a atualidade. Escritas respectivamente por Walt Disney e Patt Sullivan, eram duas séries americanas que haviam sido concebidas para desenhos animados e vinham de consagradas trajetórias no cinema. Ambas versavam basicamente sobre as aventuras cômicas de seus personagens.

Já As Aventuras de Chiquinho, principal história em quadrinhos da revista, era também as narrativas mais educativas da revista, pois sua estrutura centrava-se basicamente nas traquinagens do menino Chiquinho, cujas travessuras eram sempre seguidas de uma punição física, aplicada seja com réguas, cintos, chinelos ou escovas. “Em certa ocasião sua mãe chegou a amarrá-lo a uma árvore por ter

incitado seus colegas de escola à greve” (SANTOS, 2005, p. 141).

As transgressões do menino eram sempre reprimidas de modo que a ordem familiar fosse novamente reestabelecida. Todos os desfechos da historieta apresentavam uma carga bastante moralizadora que, ao nosso ver, reafirmava a postura educativa e conservadora da publicação.

Chiquinho foi o único personagem presente em todas as edições de “O Tico-Tico”. Contudo, com o passar do tempo, mesmo com a passagem do menino da fase de alfabetização para a pré-adolescência, suas travessuras e brincadeiras continuaram sendo recriminadas para que pudessem servir de exemplo para os leitores da revista.

Apesar do caráter eminentemente lúdico das histórias em quadrinhos, foram publicadas também algumas histórias com teor bastante histórico como, por exemplo, a vida de Floriano Peixoto e a heroína da Cruz Vermelha, ambos escritos e ilustrados por A. Plessen. Entretanto, essas narrativas tiveram um número de publicações insignificantes se comparadas com outras histórias também publicadas no período como Ming Foo e Babe Bunting, de teor mais aventureiro e baseadas em romances policiais.

Outras histórias que também chegaram a apresentar um teor mais educativo foram as narrativas cômicas de Zé Macaco e sua esposa Faustina. Isso porque Faustina, em muitas das publicações aparece como a personificação da mudança da mulher brasileira às voltas com as inovações da modernidade, assim como pela tomada de consciência dos problemas sociais que afetavam o país naquele momento.

Conforme a edição comemorativa do Almanaque d’ “O Tico-Tico”, publicada pelo Instituto Antares, em 2006, “as transformações sociais e as lutas pela emancipação da mulher encontravam na figura de Faustina a sua mais expressiva representação” (INSTITUTO ANTARES, 2006, p. 59).

Além de Faustina, Chiquinho também fazia permanentes alusões aos acontecimentos sociais acontecidos tanto no Brasil quanto na Europa. Algumas de suas histórias ilustraram eventos como a Guerra Mundial de 1914, a revolução russa e a gripe espanhola, assim como grandes invenções como o rádio e a disseminação dos transportes urbanos.

Grande parte das histórias em quadrinhos publicadas pelo “O Tico-Tico” apresentou conteúdos tanto lúdicos quanto educativos. Presume-se que essa

particularidade reside no fato de que apesar de seus objetivos instrutivos, a revista era um empreendimento comercial que visava, acima de tudo, o lucro e, por esse motivo a brincadeira e o entretenimento eram vertentes importantes, sobretudo, para as histórias em quadrinhos que eram, juntamente com As lições do Vovô e os Concursos de “O Tico-Tico”, carros-chefes da publicação e que tinham como objetivo maior despertar o interesse da criançada pela leitura periódica do semanário.

2.3.4 As fotografias d’ O Tico-Tico

Ainda com relação ao suporte material da revista “O Tico-Tico” é relevante considerar que a mesma seja também descrita e analisada levando em consideração as fotografias que ilustram o semanário durante o período pesquisado, pois estas são ao mesmo tempo portadoras e responsáveis pela produção de sentidos na revista.

Partindo desse pressuposto tomaremos o período de 1935 e 1940 para mapear, descrever e analisar as fotografias apresentadas pelo “O Tico-Tico” no intuito de desvelar seus sentidos em relação ao periódico. Nesse período específico a revista publicou em suas páginas cerca de 270 fotografias.

Quanto à disposição das fotografias nas páginas, pode-se dizer que não havia um local fixo para que as mesmas fossem publicadas. Elas estiveram presentes nas primeiras ou últimas páginas, quando da ocasião dos concursos, retratando os prêmios que poderiam ser adquiridos pelas crianças leitoras, mas estiveram também concentradas nas páginas ao longo da revista com os subtítulos: Nossos amiguinhos, O Brasil de Amanhã, Nossos Leitores, ou até mesmo em casos mais isolados, ocupavam toda a dimensão da página como no caso dos álbuns de O Tico-Tico.

Algumas fotografias funcionam como complementos dos textos como é o caso daquelas que aparecem vinculadas aos Concursos de “O Tico-Tico”, visando “assegurar a clareza das informações difundidas e direcionando o entendimento daquilo que se queria transmitir” (FRAGA, 2012). Entretanto a grande maioria, a nosso ver, busca apenas estabelecer um vínculo de proximidade com o leitor da revista.

Nesse sentido, Biccás (2008, p. 36) afirma que “os editores utilizam-se de

fotografias, de textos não verbais, para compor a revista como uma estratégia para atrair os leitores e, ao mesmo tempo, produzir uma leitura mais leve e agradável”.

Essas fotografias, como elementos de composição gráfica da revista “O Tico-Tico”, depois de mapeadas, foram organizadas em ordem cronológica de publicação e em seguida analisadas a partir de cinco temas mais relevantes. Observa-se na Figura 8, a organização por ano de publicação e, em seguida, a análise a partir de temas.

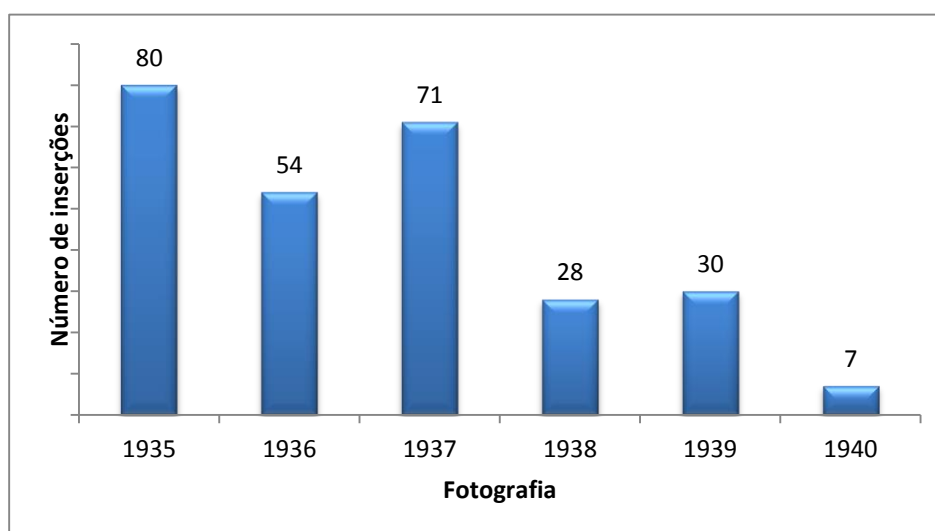


Figura 8. Fotografias de “O Tico-Tico”, entre os anos de 1935 e 1940
 Fonte: Revista “O Tico-Tico”, nº 1526 a 1820 (Organização da autora).

Para melhor fazer a descrição dos temas presentes nas fotografias buscou-se a organização das mesmas a partir de cinco assuntos mais recorrentes: retratos infantis, prédios escolares, atividades escolares com as crianças, festas e concursos da revista. Pode-se dizer que ao longo do período recortado para a análise, 1935 à 1940, esses foram os temas mais aparentes nas fotografias de “O Tico-Tico”.

Entre os anos escolhidos para a descrição e análise da materialidade da revista, o gráfico demonstra que as fotografias tiveram mais espaço em “O Tico-Tico” no ano de 1935, apresentando o número exato de 80 fotografias ao longo de todo o ano de publicação.

Destas oitenta fotografias publicadas no ano de 1935, 57 delas eram retratos infantis, 10 tinham como tema as instituições escolares, 6 fotografias versavam sobre festas escolares e aniversário de crianças, 5 eram relativas aos concursos de “O Tico-Tico” e apenas duas fotografias tinham como tema as atividades escolares.

Já no ano de 1936, nos 36 exemplares analisados, nota-se uma quantidade bem menor em relação ao ano anterior. São publicadas apenas 54 fotografias. Destas temos apenas 3 fotografias que retratam na sequência instituições escolares, festas e concursos de “O Tico-Tico”. Todo o restante, ou seja, 51 delas são retratos infantis.

Quanto ao ano de 1937, vê-se que a quantidade de fotografias publicadas obteve crescimento em relação ao ano anterior, entretanto, a ênfase nos retratos em relação aos outros temas é ainda mais significativa. Nesse caso, das 71 fotografias publicadas, 67 delas tinham como tema os retratos e somente 3 ilustram as instituições, festas escolares e concursos da revista.

Já em 1938, o número de fotografias cai significativamente, apresentando nos 51 exemplares analisados a publicação de apenas 27 fotografias ao longo de todo o ano. Assim como no ano anterior os retratos são maioria. Tem-se então 26 retratos infantis e apenas 1 fotografia de atividade escolar.

Em contrapartida, no ano de 1939, o número de fotografias é um pouco maior, apresentando cerca de 30 delas, divididas em 28 retratos e 2 de atividades e instituições escolares consecutivamente.

Finalmente, em 1940, as fotografias desaparecem quase que por completo do periódico infantil, pois dos 30 exemplares disponibilizados, temos apenas 6 retratos de leitores e apenas 1 fotografia sobre um concurso patriótico promovido pela revista naquele ano.

Partindo do pressuposto de que essas fotografias tinham uma intencionalidade na revista, buscou-se pensá-las a partir das cinco temáticas específicas, ou seja, instituições escolares, festas, atividades escolares, concursos e retratos infantis.

2.3.4.1 Instituições escolares

Em anos anteriores, a representação das fachadas de instituições escolares sempre foram muito comuns em “O Tico-Tico”, entretanto, no período recortado pela análise, entre 1935 e 1940, a revista apresenta as fotografias dos prédios estudantis com um único intuito: o comercial, pois vincula a imponência e o prestígio de algumas renomadas instituições escolares aos concursos promovidos pelo “O Tico-Tico”, ou seja, nos anos analisados, a revista promoveu vários concursos nos quais

garantia como primeiro prêmio aos ganhadores a matrícula nas instituições retratadas, prêmio este que era muito desejado por muitas crianças leitoras de “O Tico-Tico” na época. Ainda mais porque nesse período houve uma grande valorização da escolarização e isso pode ser percebido sobretudo no investimento dado a estruturas de algumas instituições educacionais da época.

Para ilustrar o fato descrito acima apresenta-se na figura 6 a representação das fachadas do Colégio Anglo-Americano instalado na cidade do Rio de Janeiro e do Instituto Nossa Senhora do Carmo em Pernambuco, todas instituições de renome na época estabelecida. Ainda por meio destas publicações, a revista “O Tico-Tico” tentava mostrar sua proximidade com o campo educacional referendando assim seu papel como suposta auxiliadora da escolarização das crianças leitoras ou não de “O Tico-Tico”.



Figura 9. Exemplar de 26 de junho de 1935. Edição 1551 – Revista O Tico-Tico

2.3.4.2 Festas escolares

As festas escolares também foram outro elemento visual presente nas páginas de “O Tico-Tico”. Principalmente no período de 1930, elas foram utilizadas para “divulgar as ações republicanas, corporificando símbolos e valores da pedagogia cívica e moral que lhe era própria” (SOUZA, 1998, p. 241).

Essas características podem ser visualizadas na Figura 10 que destaca uma festa escolar de caráter cívico realizada pelo Colégio Salesiano de Santa Rosa, na cidade de Niterói no Rio de Janeiro.

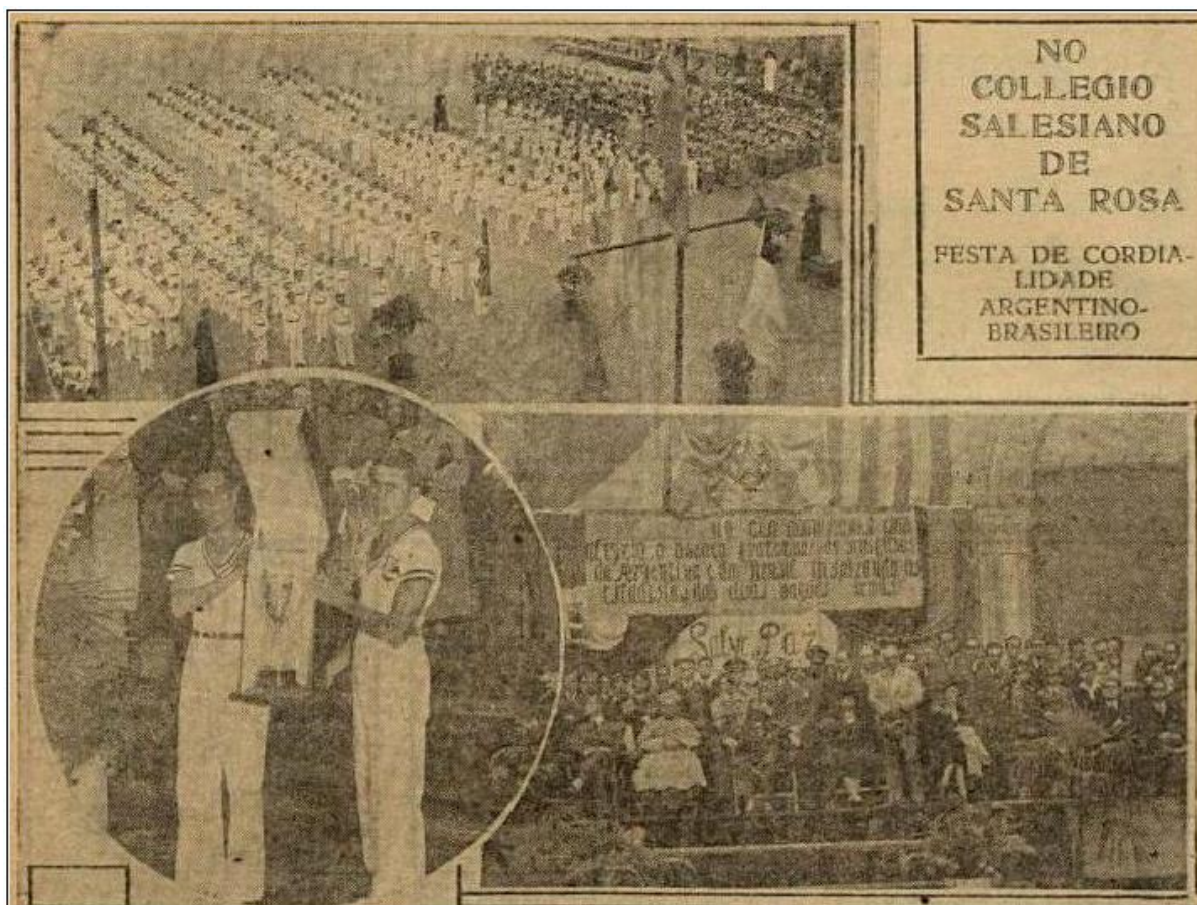


Figura 10. Exemplar de 14 de agosto de 1935. Edição 1558 – Revista “O Tico-Tico”

Como já destacado as fotografias de festas escolares não foram muitos presentes nos anos analisados, mas em resumo, foram apresentadas pela revista “O Tico-Tico” com as mesmas características: os alunos enfileirados em posição de sentido e a frente dos mesmos a bandeira do país hasteada.

Vê-se também o grande número de pessoas presentes à solenidade, além dos alunos uniformizados. Conforme Biccás (2008, p. 160), “esses registros fotográficos indicam o grande prestígio e efeito que as atividades escolares exerciam na comunidade”. Nesse caso a fotografia mostra uma festa de cordialidade entre as duas repúblicas: Brasil e Argentina.

2.3.4.3 Os concursos de O Tico-Tico

Sobretudo, na década de 1930, os concursos veiculados pela revista “O Tico-Tico” foram uma estratégia para conseguir um número cada vez maior de leitores, visto que nesse período o semanário já começava a sofrer as consequências da perda de leitores assíduos em vista da renovação do gênero revistas ilustradas infantis no mercado editorial brasileiro.

Por esses motivos o periódico passa a manter a partir de 1935 contatos regulares com autoridades educacionais de todo o país, pois dessa maneira os responsáveis pela revista assegurariam o apoio de diretores de instrução e de grupos escolares para a manutenção de seus concursos.

Em uma estratégia conjunta “os diários oficiais dos Estados divulgavam através de decretos e resoluções, entre 1935 e 1939, as bases dos concursos promovidos pela revista, declarando-os de utilizada pública, e recomendando aos professores que cuidassem da seleção dos trabalhos” (ROSA, 1991, p, 111).

Nestes concursos, sobre temas e vultos nacionais, a qualidade da redação, a coerência das ideias e a observância das regras ortográficas foram os critérios considerados para a premiação dos trabalhos. Entre os prêmios destacavam-se em algumas das fotografias publicadas em “O Tico-Tico”, máquinas de escrever, máquinas de costura, assinaturas de revistas, roupas finas, prêmios em dinheiro e as cobiçadas matrículas com enxoval grátis para escolas de renome no país. Tem-se na fotografia abaixo a entrega de um desses prêmios. Na figura 11 o menino recebe a premiação e conhece as instalações do Instituto Lafayette no Rio de Janeiro.



Figura 11. Exemplar de 7 de abril de 1937. Edição 1644 – Revista “O Tico-Tico”

2.3.4.4 ATIVIDADES ESCOLARES

Apesar de terem sido pouco utilizadas na revista no período analisado, provavelmente o objetivo da divulgação dessas imagens fosse o de demonstrar que o periódico ainda tinha como princípio base auxiliar na educação das crianças mesmo que de maneira informal e além de tudo tinha o interesse em obter o apoio das instituições escolares garantindo assim seu público leitor.

Conforme Biccas (2008, p. 160), “esse era um tipo de fotografia comum naquele período. Ao mesmo tempo em que exibia as crianças, exibiam-se, principalmente, as fachadas dos prédios escolares”.



Figura 12. Exemplar de 02 de fevereiro de 1938. Edição 1687 – Revista “O Tico-Tico”

2.3.4.5 RETRATOS INFANTIS

A publicação dos retratos dos leitores de “O Tico-Tico” pode ser vista como uma engenhosa estratégia que teria assegurado e mantido a comercialização da revista tanto entre seus leitores assíduos, como também pode ter sido um forma de aproximação para aqueles que não eram leitores fieis do semanário infantil, pois julga-se que a ansiedade e o orgulho em ver publicados os retratos das crianças na revista teriam colaborado para incentivar tanto a leitura dos pequenos quanto dos adultos: pais e professores. Conforme Rosa (1991, p. 119),

as fotos individuais traziam o nome da criança, precedidos por adjetivos como “inteligente”, “galante”, “esperto”, “robusto” talentoso”, “gentil”, “leitor”, “futuro leitor”, entre outros Seguia-se geralmente o

nome do pai, com a discriminação de sua profissão e local de residência.



Figura 13. Exemplar de 13 fevereiro de 1935. Edição 1532 – Revista “O Tico-Tico”

Geralmente, os retratos publicados apresentavam crianças caracterizadas de inúmeras maneiras: vestidas para a primeira comunhão, para o carnaval, brincando, fardadas ou até mesmo fazendo poses intelectuais.



Figura 14. Retratos de crianças publicadas na Revista “O Tico-Tico”. (A) Aniversário – Exemplar de 11 de novembro de 1936 – edição 1623; (B) Fantasia de carnaval – Exemplar de 13 de março de 1940 – edição 1797

Em virtude dos interesses comerciais, a revista “O Tico-Tico” também se caracterizou pela apresentação de variados anúncios e propagandas. Com base nessa especificidade relata-se mais adiante as propostas da revista quanto as suas estratégias de publicidade.

2.4. ANÚNCIOS

Durante o período analisado, 1935 a 1940, a Revista “O Tico-Tico” veiculou em suas páginas uma variedade de anúncios publicitários que manteve-se, ao longo dos anos, quase que inalterada. Entretanto, antes de iniciar a análise da materialidade dos anúncios na revista julga-se importante salientar que:

Dos vários suportes que se prestaram à propaganda e à publicidade, a revista talvez tenha sido um dos mais efetivos, concentrando a força da propaganda e a evolução dinâmica da publicidade, expressando-as em suas representações mais acabadas. Para a

última em particular, tornou-se de tal forma o veículo ideal que, em sua essência, quase se confundia com ela, uma vez que ambas, revista e publicidade, direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja: dar-se a conhecer, divulgar, “produzir para vender”, razão pela qual muitos periódicos revelaram-se economicamente viáveis, tão são pela proposta de divulgação de produtos, isto é, pelo seu caráter publicitário. A revista, pois, era a publicidade; ou por outra, no periodismo da época, a revista transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade (MARTINS, 2008, 244).

Com base nesse pressuposto, entender a revista como embalagem para o produto publicidade implica também analisar a presença dos anúncios que ocuparam as páginas de “O Tico-Tico”, como um meio de divulgação destes produtos ou serviços.

Na revista, os anúncios encontram-se, em sua maioria nas contracapas. Geralmente eram dedicadas cerca de duas páginas para os anúncios publicitários. Nas primeiras contracapas os anúncios apareciam em tamanho maior, na página inteira. Via de regra, estes apresentavam anúncios publicitários ligados ao próprio “O Tico-Tico” ou até mesmo a Editora O malho. Em contrapartida as contracapas finais apresentavam um grande variedade de anúncios de produtos e serviços, desde sabonetes até anúncios de clínicas médicas.



Figura 15. Anúncio contracapa final de 2 de jan. 1935. Edição 1526 – “O Tico-Tico”



Figura 16. Anúncio contracapa inicial de 16 de set. 1936. Edição 1615 – “O Tico-Tico”



Figura 17. Anúncio contracapa inicial de 7 de abril 1937. Edição 1644 – "O Tico-Tico"



Figura 18. Anúncio contracapa final de 7 de dez. 1938. Edição 1731 – "O Tico-Tico"



Figura 19. Anúncios contracapa final de 22 de fev. 1939. Edição 1742 – "O Tico-Tico"



Figura 20. Anúncios contracapa inicial de 12 de jun. 1940. Edição 1810 – "O Tico-Tico"

Para melhor discutir os dados referentes à veiculação das propagandas no "Tico-Tico" apresenta-se no Quadro 4 um mapeamento, no qual foram catalogados todos os tipos de produtos e serviços anunciados entre 1935 e 1940 pela revista "O Tico-Tico".

Anúncios	1935	1936	1937	1938	1939	1940	Total
Medicamento	6	6	6	7	3	3	30
Inseticida	1	1	1				3
Revista feminina	6	4	8	8	6	6	38
Higiene pessoal	3	2	3	3			11
Produtos para recém-nascidos	1						1
Alimentação infantil	2	2	3		1	1	7
Publicações “O Tico-Tico”	6	9	9	8	8	8	46
Fortificante	3	3	3	2	2		13
Clínicas médicas	1	1	1	2	2	2	9
Produto de beleza	2	1	1	1	1	1	7
Loja de calçados	1	1					7
Instituição escolar		1	1	2			4
Armazém		1					1
Publicações O Malho		1	1	1	1	1	5
Refrigerantes					1	1	2
Total	32	33	37	34	25	23	184

Quadro 4. Anúncios publicados em “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, n. 1526 a 1820 (Organização da autora).

Com base no Quadro 4 vê-se que a maior quantidade de anúncios publicados refere-se a medicamentos, revistas femininas e às publicações relativas à Biblioteca de “O Tico-Tico”.

Em relação aos medicamentos, tem-se a inserção de anúncios como as Pílulas Virtuosas, indicadas para doenças do estômago, fígado e prisão de ventre; Elixir de Nogueira, medicamento indicado para o tratamento de impurezas no sangue e Homeovermil, remédio para vermes.

Pode-se dizer que o conjunto de propagandas de medicamentos que foram publicadas em ambos os anos analisados, conforme visto no Quadro 4, apresentavam produtos que encarnavam a preocupação existente no período com a questão da saúde pública no Brasil. Entende-se também, por meio da publicação desses anúncios que, além das crianças, a revista elege também como seu público alvo as mães, pois a elas era designado o cuidado com a saúde das crianças.

Esse fato toma ainda mais corpo ao analisar a quantidade de anúncios que ao longo dos anos de 1935 a 1940 deram prioridade à publicação de impressos destinados às mulheres.

Para atingir esse público-alvo tem-se os anúncios de revistas como Anuário

das Senhoras, Ilustração Brasileira, o Álbum da Noiva, Enxoval do Bebê, Cinearte, Alimentação e Saúde e a série A Arte de Bordar que abrangia as publicações Moda e Bordado, Tricot e Crochet, Filet e Ponto Cruz.

Para o entretenimento das crianças, público principal do periódico tem-se a publicação de anúncios referentes à Coleção Seth, às revistinhas ilustradas da Biblioteca de “O Tico-Tico”, entre elas: Recoreco, Bolão e Azeitona, Zé macaco e Faustina, Quando o céu se enche de balões, Papae, Histórias de Pae João, Historias maravilhosas, Minha Babá, O Vovô d’O Tico-Tico, Pandareco, Pára-choque e viralata e aventuras de Katrapuz e o próprio Almanaque “O Tico-Tico” publicado semestralmente pela editora de O Malho.

Além desses anúncios publicados com maior regularidade na revista, tem-se também vários anúncios relativos à saúde e à alimentação das crianças como é o caso da Emulsão Scott, Elixir de Inhame e óleo de fígado de bacalhau Lanman e Kemp, ambos fortificantes; Ovo Maltine e Mayzena Duryea utilizada para preparação de mingau e sopas, Cera Lustosa e Camimilina para dores de dente e Untisal para tratamento de calosidades nos pés, transpiração e dores de dente.

Há também a publicação de anúncios relativos a clínicas de especialidades médicas como é o caso do Dr. Neves Manta, do Dr. Ubaldo Veiga e Motta Granja ambos especializados em enfermidades e comportamento infantil. Há ainda anúncios que priorizam a higiene e beleza como Juventude Alexandre, creme escurecedor para os cabelos, Gomalina Excelsior, esmaltes e cremes Baby, Creme Dental e Sabonete Eucalol. Além disso, há também poucos anúncios direcionados a instrução formal das crianças como nas propagandas sobre o Liceu Militar e a Escola Juventus.

A partir de 1940, a ênfase das propagandas recai sobre as publicações ligadas a “O Tico-Tico” apresentando apenas os anúncios da Coleção Seth, a Biblioteca de “O Tico-Tico”, O malho, pílulas virtuosas, Mayzena Duryea Juventude Alexandre, Electron, revistas moda e bordado, Arte de bordar e Cinearte.

2.5 SEÇÕES D’ O TICO-TICO

Pretende-se agora tomar como objeto de análise as seções de “O Tico-Tico” no intuito de descrevê-las e analisá-las esquematicamente, o que possibilitará ter uma visão geral do encaminhamento da revista no período escolhido para o estudo,

do tempo de permanência da seção e a que tipo de temática as mesmas se referiam.

Assim, o Quadro 5 exibe todas as seções que foram veiculadas pela revista “O Tico-Tico” no período de 1935 a 1940 a partir de uma sequência cronológica.

Seções	1935	1936	1937	1938	1939	1940	Total
Lições do Vovô	51	36	51	51	51	30	270
Gavetinha do Saber	51	36	51	51	51	30	270
Exercício escolar	48	7	0	0	3	0	58
Página de armar	24	23	43	25	26	6	147
Os romances de “O Tico-Tico”	48	17	0	12	24	0	101
Nossos Concursos	51	36	51	51	51	30	270
Vultos e obras célebres	5	0	0	0	0	0	5
Correspondência do Dr. Sabe Tudo	20	0	0	0	14	0	34
Carta enigmática	43	0	0	0	0	0	43
Desenhos que a gente faz	40	36	44	0	0	0	120
Meu jornal	40	36	51	51	21	6	205
Museu escolar	38	36	51	51	34	17	227
Viajando pelo mundo	0	10	10	6	0	0	26
Pedacinhos do saber	0	3	24	51	3	0	81
As surpresas do desenho	0	0	22	0	0	0	22
Página para meninas	0	0	16	0	12	1	29
Curiosidades	0	0	25	18	7	6	56
Os contos bons de se ler	0	0	7	0	0	2	9
Para aprender a desenhar	0	0	0	13	2	0	15
Galeria de homens célebres	0	0	0	3	3	6	12
Variedades	0	0	0	8	2	0	10
Desenhos para colorir	0	0	0	0	11	4	15
Jogo infantil para hora do recreio	0	0	0	1	7	1	9
Escudos e bandeiras dos países americanos	0	0	0	0	21	0	21
Calendário d’”O Tico-Tico”	0	0	0	0	12	6	18
Cine jornal	0	0	0	0	20	0	20
A ciência agradável	0	0	0	0	5	3	8
Visões do mundo	0	0	0	0	9	4	13
Para declamar na escola	0	0	0	0	13	1	14
Série educação escolar	0	0	0	0	10	19	29
Para ajudar os trabalhos escolares	0	0	0	0	5	0	5
Brinquedos para os dias de chuva	0	0	27	0	6	0	33

Teatrinho escolar	0	0	0	0	2	5	7
As lindas poesias de autores nacionais	0	0	0	0	6	0	6
Desenhos de vultos históricos	0	0	0	0	8	12	20
Zoologia recreativa	0	0	0	0	4	12	16
Você saberá isto?	0	0	0	0	5	7	13
Alfabeto ilustrado	0	0	0	0	0	20	20
Pequenas biografias	0	0	0	0	0	9	9
Total	459	276	473	392	448	237	2286

Quadro 5. Seções veiculadas no “O Tico-Tico” no período de 1935 a 1940

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, nº 1526 a 1820 (Organização da autora).

A revista “O Tico-Tico”, no período analisado, contou com 39 seções devidamente marcadas e com propostas bem delineadas. Percebe-se também que as seções mais recorrentes na revista no período de 1935 a 1940 foram As Lições do Vovô, Gavetinha do Saber e Nossos Concursos.

No ano de 1935, no periódico haviam doze seções: Lições do Vovô, Gavetinha do saber, Exercício Escolar, Página de Armar, os romances de “O Tico-Tico”, Nossos concursos, Vultos e Obras celebres, Correspondência do Doutor Sabetudo, Carta Enigmática, Desenhos que a gente faz, Museu Jornal e Museu Escolar que veicularam o expressivo número de 479 textos, atividades e ilustrações.

Em 1936, deixam de circular três seções: Vultos e obras celebres, Correspondência do Doutor Sabetudo e Carta Enigmática e são incluídas apenas duas: Viajando pelo Mundo e Pedacinhos do saber. Foram publicadas nessas seções 276 textos, ilustrações e atividades diversas.

Já em 1937, deixam de ser publicadas as seções: Exercícios Escolares e os romances de “O Tico-Tico”, entretanto, passaram a ser veiculadas mais quatro seções: Curiosidades, Os contos bons de se ler, As surpresas do Desenho, Página para meninas, e Brinquedos para os dias de chuva.

À exceção da seção de Curiosidades as outras seções que surgiram nesse período deixam de ser publicadas no ano de 1938. O total de textos, atividades e ilustrações publicadas gira em torno de 446 no ano de 1937.

Em 1938, somente a seção Desenhos que a gente faz não será publicada mas passam a ser publicadas mais quatro seções novas: Para Aprender a desenhar, Galeria dos Homens celebres, Variedades, desenhos para colorir e jogos infantis para a hora do recreio.

Conforme o Quadro 5, vê-se ainda que aumenta consideravelmente o número

de seções no “Tico-Tico” no ano de 1939. Tem-se a criação de mais 13 seções: Escudos e bandeiras dos países americanos, Calendário d’ O Tico-Tico, Cine Jornal, A ciência agradável, Visões do Mundo, Para declamar na escola, Série educação escolar, Para ajudar os trabalhos escolares, Teatrinho escolar, As lindas poesias de autores nacionais, Desenhos de vultos históricos, Zoologia recreativa, Você saberá isto, Alfabeto ilustrado e Pequenas biografias. Nesse ano são publicados aproximadamente 470 textos, atividades e ilustrações.

No ano de 1940, cai consideravelmente o número de textos, atividades e ilustrações veiculadas pelas seções, ou seja, temos no período de janeiro a agosto de 1940, o total de apenas 110 publicações.

Nesse ano são publicadas as seções Lições do Vovô, Gavetinha do Saber, Páginas de Armar, Nossos Concursos, Meu Jornal, Museu Escolar, Páginas de Meninas, Curiosidades, Os contos bons de se ler, Galeria de Homens Célebres e Desenho para Colorir, Jogo Infantil para hora do recreio, Calendário de “O Tico-Tico” e Ciência Agradável, Visões do Mundo, Para declamar na Escola, Série Educação Escolar, Teatrinho Escolar, desenhos de Vultos Históricos, Zoologia Recreativa, Você saberá isto?, e são criadas apenas duas seções Alfabeto Ilustrado e Pequenas Biografias.

Com relação aos temas das seções de “O Tico-Tico” optou-se por dividi-las em seções de passatempos ou recreação, conhecimentos gerais, gêneros literários, conhecimentos históricos e pedagógicos.

Entretanto antes de explicitar o foco destas seções apresenta-se a definição dos termos citados acima para melhor exemplificar o papel das ditas seções na revista.

Assim, pode-se definir “passatempo” como a denominação dada a uma atividade de entretenimento livre que o indivíduo desenvolve sozinho ou coletivamente. Um passatempo pode manifestar-se de várias formas: desde uma atividade prática (culinária, esporte, modelagem pintura) até uma pura e simples atividade intelectual (escrever, ler, filosofar).¹¹

Em relação as seções caracterizadas como passatempos pode-se inferir que as mesmas tinham como proposta o entretenimento das crianças por meio de

¹¹ FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

atividades lúdicas e divertidas. Com relação as seções de passatempos ou recreação podemos citar as Páginas de armar, Carta enigmática, As surpresas do Desenho, Calendário d' "O Tico-Tico", Desenhos para colorir, Jogos infantis para a hora do recreio, Desenhos que a gente faz e Brinquedos para os dias de chuva.

Entre essas seções, a Página de Armar sem dúvida nenhuma, foi a mais duradoura e a mais apreciada pelas crianças dada a sua duração que teria perpassado os mais de cinquenta anos de publicação da revista.

Conforme Rosa (1991, p. 46), "eram verdadeiras obras-primas, com peças coloridas para recortar e montar que transformavam-se em objetos variados como locomotivas, carruagens, circos e casas". Além das diversas páginas de armar que apareciam ao longo do ano na revista, eram apreciados também os "presépios de O Tico-Tico" que foram publicados no periódico nas edições de dezembro até 1941.

No que se refere às seções que tinham como foco os conhecimentos gerais, a revista publicou a Lição do Vovô, Gavetinha do Saber, Correspondência do Dr. Sabe tudo, Cine jornal, Visões do Mundo, Curiosidades, Qual a origem, Pedacinhos do Saber, Variedades, e Viajando pelo Mundo que tiveram como principal objetivo divulgar conhecimentos variados por meio de pequenas notas, ilustradas ou não, de particularidades geográficas, de conhecimentos científicos, de características dos animais, da origem de determinados objetos, expressões e de hábitos inusitados ao redor do mundo, entre outros assuntos.

Por conhecimentos gerais pode-se entender os conhecimentos ou noções gerais sobre diferenciadas áreas como Geografia, Ciências, História, Biologia, Corte e Costura, Horóscopo, Língua Portuguesa entre outros assuntos variados.

Sob o título Páginas para meninas, entre 1937 e 1940, foram ensinados trabalhos de bordado, costura, e diferenciados tipos de trabalhos manuais. Por intermédio desta seção era recomendado às meninas, que, desde cedo, fossem úteis em casa, executando pequenas tarefas sob a supervisão de adultos a fim de que pudesse realizar seu "aprendizado de moça desde cedo e ser uma menina feliz" ("O Tico-Tico", 1939, p. 13).

"O Tico-Tico" também estimulou a publicação de gêneros literários em seções como Os contos bons de se ler, As lindas poesias de autores nacionais e os Romances de "O Tico-Tico".

Os gêneros literários podem ser classificados como grupos que reúnem nas mesmas categorias obras com atributos semelhantes. Nesse caso, estes textos são

organizados conforme suas propriedades formais e normalmente classificados em subgrupos que partem de uma classificação padrão, ou seja, os textos podem ser narrativos, líricos e/ou dramáticos.

Na revista é nítida a ênfase dada a publicação de textos com base nos gêneros narrativo, com destaque para os romances e contos publicados, e lírico, marcado pela presença constante de poesias escritas tanto pelos próprios editores das seções quanto pelos leitores da revista.

De acordo com Rosa (1991, p. 199),

Os Romances de “O Tico-Tico” traduziam a preocupação de evitar que a revista ficasse restrita à publicação de história em quadrinhos. Assim a revista popularizou a leitura de obras de autores clássicos. Entretanto também os utilizou, como forma de manter a fidelidade de seu público leitor em razão das publicações dos romances em capítulos.

Com relação às seções de conhecimentos históricos, “O Tico-Tico” publicou no período em estudo as seguintes seções: Vultos e obras célebres, Galeria de homens célebres, Desenhos de vultos históricos e Pequenas biografias. Todas estas seções tinham como único objetivo fazer com que as crianças conhecessem diversos personagens importantes da história de nosso país.

Pode-se definir o conhecimento histórico como o registro dos fatos ou experiências humanas que foram deixados pelo homem em um determinado local e tempo. No caso das seções de “O Tico-Tico”, tem-se inúmeros registros da história política que exalta os grandes feitos e descobertas realizadas por personalidades brasileiras entre o fim do século XIX e início do século XX.

Assim, tem-se no período pesquisado a publicação de pequenos textos com a história de vida de vultos como Tiradentes, Santos Dumont, José Bonifácio, Duque de Caxias, Bernardino de Campos, Afonso Pena entre outras personalidades importantes.

Além de textos escritos sobre os vultos nacionais, “O Tico-Tico” passou a divulgar também entre 1939 e 1940 a seção Desenhos de Vultos históricos vinculada a seção de Concursos de “O Tico-Tico”.

O objetivo, nesse caso, seria premiar todos os leitores que conseguissem montar um grande mapa com o retrato de políticos, inventores, escritores e personalidades de renome para a história do Brasil. Pode-se inferir que o concurso

de vultos históricos teria sido mais uma das estratégias editoriais de “O Tico-Tico” no objetivo de manter o interesse dos leitores infantis no semanário, assim como influenciar os pais na compra da revista, visto que no próprio certame de lançamento do concurso constava o aval das secretarias de educação do Distrito Federal, então cidade do Rio de Janeiro e todos os estados brasileiros.

O TICO-TICO — 4 — 6 — Setembro — 1939

CONCURSO “GRANDES VULTOS DO BRASIL”

OFICIALIZADO PELOS DEPARTAMENTOS DE EDUCAÇÃO DE TODOS OS ESTADOS E DO DISTRITO FEDERAL

DAMOS início hoje, satisfazendo a grande expectativa dos nossos leitores, à publicação do primeiro retrato que deverá ser cuidadosamente recortado e colado no Mapa, no espaço em branco que lhe compete.

Para achar qual é esse espaço em branco, o concorrente deverá ler atentamente as legendas que aparecem no Mapa, além de ver qual é a que se refere a José Bonifácio. E o retrato será colado no espaço que fica logo acima da legenda. Assim o concorrente fará com os demais retratos que irmos publicando, até completar o Mapa, preenchendo todos os espaços.

O Mapa, que acompanha a presente edição de O TICO-TICO é suplemento da revista e não custa ao leitor. Além de reproduzirmos na página seguinte as Bases do certame, ainda aparecerem elas em

sinéptico resumo no Mapa, onde também vai claramente explicado o modo pelo qual se operará a troca dos Mapas, quando completos, pelos cupons numerados com cujos números os concorrentes tomarão parte no sorteio dos magníficos prêmios.

Está, assim, lançado, o mais sensacional concurso infantil de todos os tempos, e O TICO-TICO se jubila antecipadamente com o êxito de mais esta sua iniciativa em prol da cultura dos seus leitores.

Que o Concurso Grandes Vultos do Brasil é uma realização dessa natureza não resta dúvida nenhuma, e o melhor atestado disso está em terem os Departamentos de Educação de todos os Estados e do Distrito Federal — este em primeiro lugar — aprovado o plano do certame e resolvido oficializá-lo nas escolas respectivamente subordinadas.

Essa oficialização demonstra que O TICO-TICO, sem a menor restrição é aceito pelos orientadores da cultura da infância em nosso país como hábil publicação infantil, cuja orientação satisfaz plenamente e cabalmente aos seus pontos de vista morais e pedagógicos.

COLE ESTE RETRATO NO LUGAR RESPECTIVO NO MAPA DO CONCURSO.

LEVANDO NESTA EDIÇÃO SEVA FOLHA O MAPA DO CONCURSO, NOMEANDO AO ALTO O ANO-TICOM.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL
BOLETIM Nº 55
EXPEDIENTE DO DIA 27 DE MARÇO DE 1939

ATOS DO DIRETOR
OFICIALIZAÇÃO DE CONCURSO — O Diretor do Departamento de Educação — Considerando o valor que a causa da educação tem a colaboração prestada pelos órgãos

de imprensa, principalmente os parte especialmente dedicada à infância;

Considerando que é de grande vantagem para os fins colimados pelos poderes públicos, na parte educacional, facilitar a estimular a difusão e circulação ampla dos órgãos de literatura infantil, desde que os mesmos se enquadrem dentro dos princípios da sã moral;

Considerando que o órgão infantil intitulado O TICO-TICO cumpre, portanto inequivocamente a todos os seus condições, mantendo sempre estreita e patriótica colaboração com a escola pública;

Considerando, mais que todos estes razões já foram oficialmente re-

conhecidas em 1938, quando da aprovação a oficialização do “Grande Concurso Brasil”, promovido pela imprensa editora de O TICO-TICO, RESOLVE oficializar o concurso “Grandes Vultos do Brasil”, instituído pelo semanário infantil O TICO-TICO, com a finalidade de vulgarizar biografias sintéticas das mais notáveis brasileiros, recomendando aos Senhores diretores de escola que prestem ao referido concurso toda a cooperação e apoio, providenciando para que a mesma se articule a desenvolver de acordo com o programa de ciências sociais.

(Transcrito do DIÁRIO OFICIAL — Seção II — de 28 de Março de 1939).

6 — Setembro — 1939 — 5 — O TICO-TICO

CONCURSO “GRANDES VULTOS DO BRASIL”

2.547 PREMIO NO VALOR TOTAL DE RS. 78.000\$000

BASES DO CONCURSO

Ainda uma vez reproduzimos as bases deste certame, para melhor conhecimento dos leitores.

- 1 — “O TICO-TICO” distribui em todos os colégios particulares e escolas públicas do Brasil, um mapa que abrangirá o território de todos os países da revista, o qual conterá vinte e cinco espaços em branco, nos quais deverão ser colados os retratos de outros tantos grandes vultos da história nacional, que serão publicados no “O TICO-TICO”, consecutivamente, em edições a seguir.
- 2 — Além de cada um desses espaços do mapa, figurará uma legenda com o resumo sintético da biografia do vulto brasileiro — herói, artista, patriota ou cientista notável cujo retrato ali deverá ser colado.
- 3 — Os retratos respectivos serão publicados semanalmente pelo “O TICO-TICO”, um de cada vez, a partir da edição de hoje, sem obedecer esta publicação à ordem da colocação no mapa. Dessa maneira, à proporção que for publicado cada retrato, o concorrente irá lendo e ouvindo a que legenda corresponde, familiarizando-se, assim, insensivelmente, com as biografias de todos eles.
- 4 — Uma vez colados todos os retratos estará completo o mapa, que com o resumo sintético da biografia do vulto brasileiro — herói, artista, patriota ou cientista notável cujo retrato ali deverá ser colado.
- 5 — O sorteio, como os que já têm sido realizados em concursos anteriores, será público e focalizado pelo Conselho Federal, sendo, em primeiro lugar, para o mesmo, esboçados “Fusos”.

RELAÇÃO DOS 2.547 PREMIO

É a seguinte a relação completa dos prêmios que serão sorteados entre os concorrentes:

1.º PREMIO: — Matrícula de honra para o curso fundamental (5 anos) e todas as despesas de internato no “Ginásio Paraisópolis” — VALOR..... 12.000\$000.	“OLYMPIA”, com todos os requintes modernos — VALOR..... 1.200\$000 cada.	11.º ao 16.º PREMIO: — 6 aparelhos de rádio “EMERSON” — 5 unidades cada, logo que — VALOR — 1.000\$000 cada.	212.º ao 311.º PREMIO: — 100 máquinas fotográficas “KODAK” Eby Brown — VALOR 300\$00 cada.
2.º PREMIO: — Uma aplicação de “A EQUITATIVA”, cujo valor será recebido pelo concorrente ao completar 21 anos — VALOR 10.000\$000.	17.º ao 36.º PREMIO: — 20 bicicletas “KING” — (Prêmios Goldada marca “PEINE”) para meninos ou meninas, VALOR 350\$000 cada.	312.º ao 511.º PREMIO: — 200 bolas de futebol (Prêmio “EUCALOL”) tamanho 5, VALOR 25\$000 cada.	512.º ao 547.º PREMIO: — 36 camisetas anuais de O TICO-TICO — VALOR 25\$000 cada.
3.º ao 6.º PREMIO: — 4 projetores “PATHE” 9 m/m e meio, modelo H. oferta de ISNARD 6 Cia. — Ras Bazarito da Veiga, 20 — VALOR..... 1.500\$000 cada um.	37.º ao 61.º PREMIO: — 25 relógios de pulso (Prêmios Maiores “AYMORE”) marca CYMA — VALOR 150\$000 cada.	548.º ao 2.547.º PREMIO: — 2.000 belíssimos livros infantis ilustrados, bem encadernados — VALOR 50\$00 cada.	
7.º ao 10.º PREMIO: — 4 máquinas de escrever portáteis	62.º ao 211.º PREMIO: — 150 canetas tinteiras (Prêmio		

Figura 21. Concurso de “O Tico-Tico”. 06 de setembro de 1939. Edição 1770

Em relação às seções que versavam sobre conteúdos escolares ou pedagógicos temos os seguintes títulos: Museu escolar, Para aprender a desenhar, escudos e bandeiras dos países americanos, Para ajudar nos trabalhos escolares, Ciência agradável, Teatrinho escolar, Para declamar na escola, Série educação escolar, Zoologia recreativa e Alfabeto ilustrado.

Como disseminadoras de conteúdos escolares, pode-se destacar as seções que tinham como intuito a publicação de conteúdos que pudessem auxiliar na escolarização das crianças leitoras da revista.

Com a publicação destas seções a revista “O Tico-Tico” procurou subsidiar as atividades escolares, desenvolvendo séries específicas de diferentes disciplinas

como no caso de Museu Escolar, seção veiculada pelo periódico em todos os anos analisados com o intuito de apresentar conhecimentos acerca das Ciências Naturais e Zoologia.

Outra seção importante de “O Tico-Tico” foi Alfabeto Ilustrado que apresentava em cada número uma letra do alfabeto ricamente ilustrada e com a significação dos verbetes no verso. Essa seção foi confeccionada com o intuito de encadernação, para que as crianças pudessem utilizá-las em seu aprendizado.

Também a Série Educação Escolar apresentou entre suas coleções, assuntos como a Geografia Humana, a fauna do Brasil e países da América. Todas as páginas dessa seção apresentavam os conteúdos escolares a partir de pequenos textos informativos e grandes e coloridas ilustrações.



Figura 22. Seção Série Educação Escolar. Exemplar de 2/08/1939 – “O Tico-Tico”

Entre todas as outras seções discutidas, somente Meu Jornal tinha uma temática diversificada, ou seja, era a página dos leitores de “O Tico-Tico”. Nela poderiam ser publicados os textos e ilustrações produzidas pelos próprios leitores da revista. Por essas particularidades, essa seção foi escolhida como objeto de análise

desse estudo, posto que apresenta as práticas de leitura e escrita que foram sugeridas pela revista entre os anos de 1935 a 1940.

2.6. A MATERIALIDADE DA SEÇÃO MEU JORNAL

A seção Meu Jornal circulou nas páginas da revista “O Tico-Tico” no período de 27 de março de 1935 a 5 de junho de 1940 e tinha como objetivo publicar as colaborações das crianças e adolescentes leitores e admiradores de “O Tico-Tico”.

Conforme Rosa (1991, p. 117), “a partir de 1934 tornou-se frequente nas páginas da revista o uso de textos, fotografias e ilustrações enviados pelos leitores com histórias, anedotas e versos propondo o desenvolvimento de temas afins com a linha de trabalho da revista”.

Utilizando-se de uma proposta lúdica a seção Meu Jornal propunha mediar o diálogo entre o diretor “Chiquinho”, um dos principais personagens do semanário e seus colaboradores, ou seja, “todos aqueles que quisessem” publicar suas histórias na revista.

Quanto à apresentação gráfica da seção, pode-se perceber que durante os anos de publicação, a composição da seção Meu Jornal apresentou algumas modificações. Entre 1935 e 1938, o nome da seção aparece centralizado, em negrito e letra caixa alta. Do lado esquerdo, o ano de publicação e o subtítulo “órgão dos leitores d’ “O Tico-Tico” e do lado direito o número da publicação e a frase “A criança diz no jornal o que quer”. No cabeçalho, logo abaixo do título da seção, temos ainda o nome fictício do diretor: Chiquinho e os colaboradores “todos que quizerem”, fazendo menção às crianças leitoras de “O Tico-Tico”.



Figura 23. Primeiro cabeçalho da seção Meu Jornal

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, edição 1538 publicada em 27 de março de 1935.

Já em meados de 1939, o cabeçalho da seção sofre uma modificação, substituindo os dizeres: “órgão dos leitores de “O Tico-Tico” e “A criança diz no jornal o que quer” por duas ilustrações em ambos os lados do título com duas imagens bastante representativas. Do lado esquerdo temos a figura de uma mulher, provavelmente a mãe, sentada à mesa escrevendo e, ao seu lado, uma criança que acompanha a ação.

Essa representação faz uma clara alusão a escrita infantil dos textos publicados no “O Tico-Tico” que provavelmente eram redigidos com o auxílio de algum adulto.



Figura 24. Mudança de cabeçalho da seção Meu Jornal

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, edição 1741 publicada em 15 de fevereiro de 1939.

Já a imagem do lado direito expõe as práticas de leitura, pois apresenta duas crianças provavelmente em idade escolar lendo a revista. Enquanto que o menino segura em suas mãos o semanário, uma menina o acompanha na leitura. Em uma nítida alusão à seção, ambos parecem ávidos por verem seus textos publicados no semanário.

Ainda no cabeçalho vê-se, abaixo do título, o nome fictício do diretor: Chiquinho e em ambos os lados, todavia agora abaixo do título o ano e o número de publicação.

Geralmente, os textos publicados na seção Meu Jornal apareciam escritos em colunas e era comum também a presença de pequenas frases de cunho educativo nos rodapés da página. Ensinamentos morais, cívicos e religiosos como: “Respeita os mais velhos”, “Sê justo”, “Preza a tua palavra”, “A mentira avilta”, “Não te vença a preguiça”, “Honra teus pais”, “Ama tua pátria”, “Protege as árvores”, “Sem Deus, sem crença não se vive” dividiam espaço nos rodapés com anúncios relativos às publicações de “O Tico-Tico” como o Almanaque, Meu livro de Histórias, dentre outros títulos.

A predominância nas páginas da seção Meu Jornal era de textos escritos, entretanto temos em alguns exemplares, a partir de abril de 1936, a publicação de fotografias dos leitores e desenhos. Muitas das ilustrações na seção foram criadas pelos próprios redatores com intuito de simplesmente ilustrar as histórias publicadas. Todavia a partir de 1939 além da mudança no cabeçalho da seção ocorre também a publicação dos primeiros desenhos e histórias quadrinizadas criadas pelos leitores de “O Tico-Tico”.

A seção Meu Jornal de “O Tico-Tico” permaneceu invariável até meados de 1939, provavelmente a mudança acontece nesse período em virtude da queda no envio de textos para serem publicados na seção, visto que além do maior número de ilustrações temos também a repetição de muitos dos textos já publicados em outros exemplares anteriores.

Tanto para a publicação de textos quanto para as ilustrações, a seção Meu Jornal estabelece, portanto, a partir de 1939, algumas recomendações para a publicação dos mesmos como: número de linhas, a disposição dos textos no papel, material e faixa etária (Figura 25).

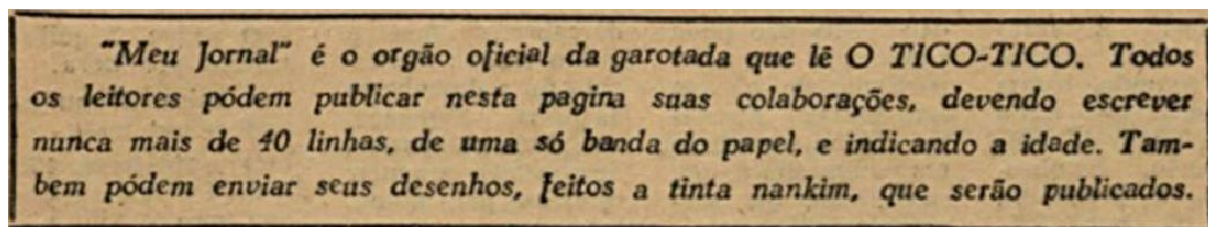


Figura 25. Seção Meu Jornal. Recomendações quanto à publicação de textos e desenhos
Fonte: Revista “O Tico-Tico”, edição 1750 publicada em 19 de abril de 1939.

De acordo com a Figura 25, para que os textos pudessem ser publicados estes deveriam ter em torno de quarenta linhas. Esta era uma recomendação que tinha por base a preocupação de que na seção houvesse espaço para todas as colaborações, visto que, de acordo com seus redatores “muitos dos textos enviados pelas crianças eram demasiadamente longos chegando a ocupar quase uma página inteira” (“O TICO-TICO”, 1939, 21).

Outra recomendação era quanto à disposição dos textos e ilustrações no papel, pois de acordo com a seção Correspondência do Dr. Sabe Tudo que tornou-se responsável a partir de 1939 em selecionar os textos a serem publicados na seção Meu Jornal, o envio de textos e desenhos feitos nos dois lados da folha

inviabilizava sua publicação visto que “não garantia uma boa impressão dos mesmos, pois estes ficavam manchados e escuros” (CORRESPONDÊNCIA DO DR. SABETUDO, 1939, nº 1753, p. 28).

Em relação à publicação dos desenhos, a recomendação era de que fossem feitos com tinta nanquim e não à lápis, pois os desenhos sem o contorno com a caneta nanquim também não permitiriam uma boa visualização, posto que, os desenhos feitos com lápis preto ou coloridos não ficavam nítidos depois de impressos.

A idade dos leitores foi também uma outra recomendação para que os textos infantis pudessem ser publicados, visto que diferentemente dos anos anteriores em que a maioria das crianças enviava junto com os textos, informações sobre suas respectivas idades, no ano de 1938 muitos dos autores passaram a omitir informações sobre sua faixa etária.

Isto fez com que a partir de 1939 fosse criada essa recomendação por parte dos editores de modo a motivar a indicação da idade como um critério válido para que os textos pudessem ser publicados na seção Meu Jornal. De posse dessas informações e com base na Figura 26 pode-se inferir qual a faixa etária dos autores que publicaram textos na referida seção.

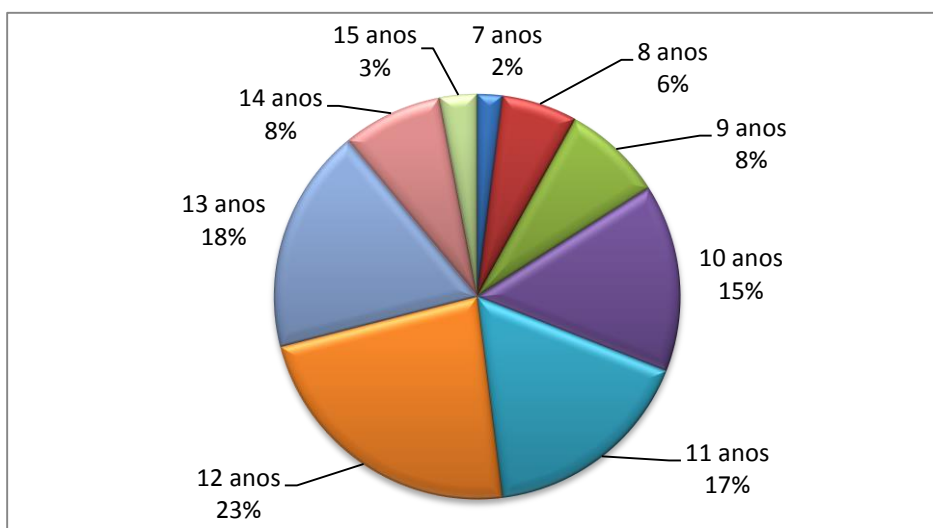


Figura 26. Idade dos leitores que publicaram textos na seção Meu Jornal entre 1935 e 1940

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, nº 1526 a 1820 (Organização da autora).

A Figura 26 demonstra que os leitores que publicaram textos na seção Meu

Jornal tinham entre 7 e 15 anos de idade, sendo que a maior parte destes textos, cerca de 58%, foram escritos por crianças na faixa etária entre 11 e 13 anos.

Das 1060 histórias publicadas na seção Meu Jornal, o maior percentual, cerca de 23% dessas histórias foram escritas por crianças de 12 anos e a menor quantidade delas, aproximadamente 2%, por crianças na idade de 7 anos, ou seja, possivelmente ainda em fase de alfabetização.

Outro pequeno percentual equivale aos autores maiores de 15 anos, visto que nessa faixa etária, mesmo não sendo mais caracterizados como crianças ainda enviavam textos para serem publicados na seção.

Com a finalidade de traçar o perfil desses leitores que publicaram textos na seção Meu Jornal, a presente pesquisa buscou dados e sistematizou na Figura 27 as informações de forma a caracterizar ainda que brevemente os leitores a partir do sexo dos mesmos.

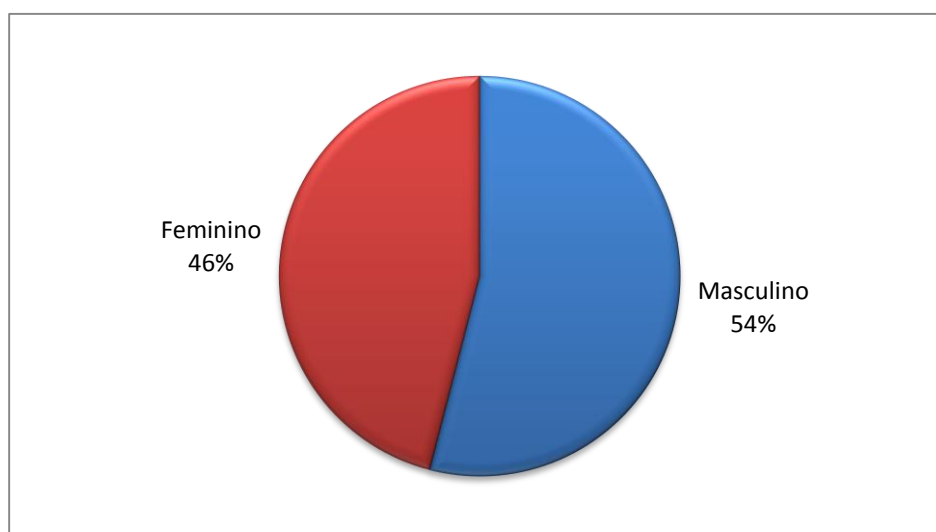


Figura 27. Sexo dos autores

Fonte: Revista “O Tico-Tico”, n. 1526 a 1820 (Organização da autora).

Conforme a Figura 27 pode-se perceber que a maior parte dos textos infantis publicados na seção Meu Jornal foram escritos por leitores do sexo masculino, ou seja, 54% dos textos foram produzidos por meninos e pouco menos da metade, cerca de 46% foram escritos pelas meninas leitoras de “O Tico-Tico”.

É interessante ressaltar também que muitos dos leitores da revista eram assíduos no envio de textos com vistas à publicação dos mesmos no semanário infantil. Temos então como autores mais frequentes Agenôra de Carvoliva, Diva

Paulo, Paulo Dantas Neto, Warney José de Fontenelle, Yolanda Barros Freire, entre outras crianças e adolescentes que publicaram uma grande quantidade de textos ao longo dos seis anos de duração da seção Meu Jornal.

A partir da sistematização dos dados sobre a idade e o sexo dos leitores/autores de Meu Jornal conseguimos traçar o perfil dos mesmos.

Entretanto, também é relevante identificar de onde falam os editores da seção Meu Jornal de “O Tico-Tico” de forma a identificar o lugar social de produção tanto da seção quanto da revista, visto que não há informações sobre a procedência e nem mesmo sobre a classe social dos verdadeiros produtores dos textos na seção, isto é, as crianças leitoras do semanário.

Julga-se que é relevante investigar o lugar social de produção do impresso visto que este é representativo dos interesses dos grupos que o fabricaram (CHARTIER, 1991), pois conforme a assertiva de Certeau (2002), o lugar serve tanto para legitimar a operação historiográfica realizada pelo historiador, como também impõe-se como necessário para conhecer e situar o outro, auxiliando o historiador no momento de executar seu ofício.

Com base nesses pressupostos é relevante destacar o lugar social de produção dos discursos veiculados tanto pela revista “O Tico-Tico” quanto pela seção Meu Jornal, bem como os sujeitos responsáveis pela escolha dos temas sugeridos à prática de escrita das crianças leitoras da revista.

Isto porque, segundo Catani e Bastos (1997, p. 20), “acompanhar o aparecimento e o ciclo de vida de um impresso permite analisar a participação dos agentes produtores do periódico na elaboração dos discursos que visam instaurar práticas exemplares”.

A Revista “O Tico-Tico” fala então de um lugar privado, a editora O malho, que revolucionou o mercado editorial de impressos destinados à infância com a publicação do semanário em outubro de 1905. Quanto aos agentes produtores dos discursos defendidos pela revista tem-se a participação de renomados autores nacionais como Coelho Neto, Carlos Manhães, Bastos Tigre, Josué Montello e Eustórgio Wanderley que mantiveram como propósito sugerir, por meio da publicação de contos e seções variadas, a adoção de bons comportamentos pelas crianças, endossando o princípio original da revista em “entreter, informar e formar, de maneira sadia, a criança brasileira” (VERGUEIRO; SANTOS 2005, p.24).

Apesar de seus objetivos quase que puramente comerciais, percebe-se que a

revista “O Tico-Tico” se utilizou do discurso de defesa da educação informal com meio de se firmar no mercado editorial para crianças.

Quanto aos editores responsáveis pela produção da seção Meu Jornal pode-se entender que apesar da revista não fazer nenhum tipo de referência aos mesmos, Vergueiro e Santos (2006) atestam que os responsáveis pela seleção dos conteúdos a serem publicados na revista entre 1935 e 1939 eram Carlos Manhães que dirigiu entre outras seções As lições do Vovô e Eustórgio Wanderley, escritor responsável pela produção da Correspondência do Doutor Sabetudo, seção que também selecionava os conteúdos dos textos enviados pelos leitores de “O Tico-Tico”.

Já de posse de informações fundamentais sobre as especificidades da revista e da seção Meu Jornal no período analisado, assim como do perfil de seus leitores e do local de produção discursiva de onde a revista “O Tico-Tico” se constitui enquanto impresso de perfil supostamente educativo, e da seção Meu Jornal como portadora de seus discursos, privilegiaremos agora as discussões acerca das práticas de escrita infantil inerentes à seção Meu Jornal.

Por fim, expôs-se nesse capítulo a materialidade do suporte de “O Tico-Tico” visando entender também sua especificidade e particularidades, com base na premissa de que o suporte relaciona-se com o texto, a ponto de que “qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas pelas quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 1991, p.220).

Desse modo, no próximo capítulo será feita a discussão do próprio texto, escrito pelas crianças na seção Meu Jornal, com o objetivo de desvelar algumas particularidades acerca de sua proposta, seus temas e objetivos, bem como sobre as práticas de escrita que orientaram os leitores/autores infantis de “O Tico-Tico” no período estabelecido pela análise.

3 A SEÇÃO MEU JORNAL E A PRÁTICA DE ESCRITA DAS CRIANÇAS LEITORAS DE “O TICO-TICO”

O mapeamento da materialidade do suporte realizado até aqui, que apresenta peculiaridades por meio das quais o texto é apresentado aos seus leitores, é importante na pesquisa em história da educação visto que fornece vestígios e pistas relevantes para a composição do trabalho do historiador.

Entretanto, é preciso ir além de descrição da materialidade do suporte, já que a relação entre suporte, texto e leitura também merece atenção por parte do pesquisador. Assim, a materialidade do suporte dará lugar agora a apresentação e análise das práticas de escrita dos leitores da revista “O Tico-Tico”.

Em um trabalho arqueológico realizado a partir dos vestígios encontrados em 272 exemplares do impresso de 1935 a 1940, o texto se pauta na análise de 206 que trazem a seção Meu Jornal em suas edições.

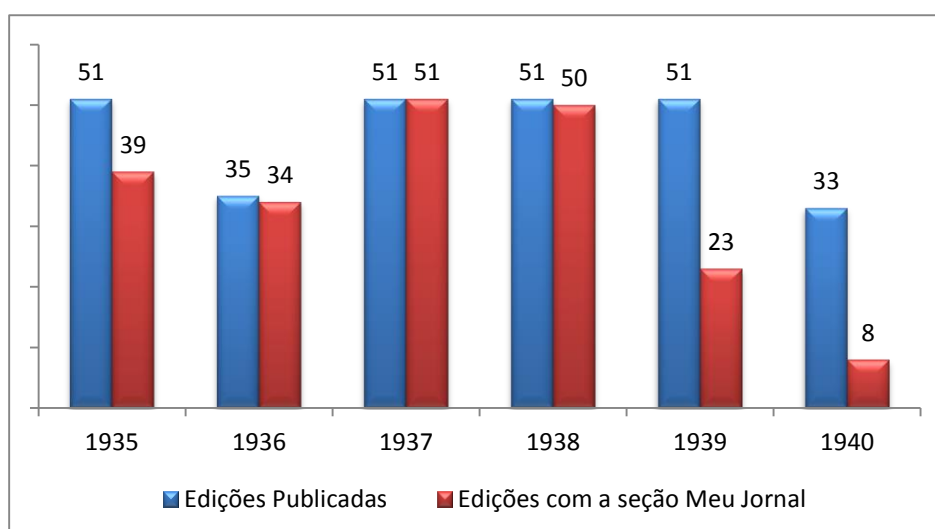


Figura 28. Número de edições publicadas e número de publicações que trazem a Seção Meu Jornal.
Fonte: Revista “O Tico-Tico”, 1935 -1940. (Organização da autora).

Por meio dos dados visualizáveis na Figura 28 é possível perceber com que frequência a seção Meu Jornal circulou na revista “O Tico-Tico” entre os anos de 1935 e 1940. Ao observar os dados vê-se que a seção foi publicada com maior assiduidade entre 1937 e 1938, vindo a diminuir consideravelmente seu aparecimento nos dois últimos anos de publicação, entre 1939 e 1940.

De acordo com Rosa (1991, p. 28), “entre 1935 e 1939, a revista “O Tico-Tico”

obteve os mais altos índices de vendas, ficando entre 30 e 50 mil exemplares, quando da promoção de grandes concursos cívicos”. Entretanto, a autora afirma ainda que “em uma sociedade que se tornava cada vez mais complexa, muito diferente dos velhos tempos de seus primeiros números, “O Tico-Tico” não conseguiu sobreviver e sua existência material se exauriu nos início dos anos 60”.

Em virtude disso, ainda na década de 1940, para que pudesse continuar a existir em meio ao surgimento de inúmeras outras fontes de entretenimento, a revista teve que passar por várias reformulações a partir desse período e é nesse sentido que a seção Meu Jornal deixa de ser um elemento importante para a publicação, que a esta altura já brigava com outras publicações como o Semanário Infantil criado por Adolfo Aizen e que tinha como maior foco a publicação de histórias em quadrinhos com bravos heróis e histórias muito mais empolgantes em sintonia com as necessidades das crianças e jovens do período ávidos por novidades. Por esse e muitos outros motivos, imagina-se que a seção teria perdido espaço para outras seções e histórias quadrinizadas muito mais coloridas e dinâmicas.

Dessa maneira a queda no interesse pelo envio dos textos para a seção, seria de acordo com Rosa (1991, p.73) devido “a concorrência de outros periódicos infantis” que teriam feito com que as crianças perdessem parte do interesse na revista, falta de interesse este, que teria se estendido também à seção Meu Jornal que se encerra na primeira metade do ano de 1940, mesmo período em que a revista muda sua periodicidade de semanal para mensal.

Assim, vê-se que o perfil do leitor da revista estaria mudando, tanto que a partir de 1940 a revista passa a dialogar de maneira mais próxima com as instituições e autoridades educacionais de todo o país no intuito de buscar o apoio dos pais e professores para que ficasse a cargo destes estimular as crianças na leitura do periódico.

Apesar disso a seção Meu Jornal enquanto foi publicada teria sido uma seção importante para a revista “O Tico-Tico” devido à divulgação dos textos escritos pelas crianças leitoras do semanário, por esse motivo o estudo em questão enfocará a seguir os temas mais recorrentes nas histórias infantis publicadas na seção, bem como os sistematizará a partir de três categorias de modo a facilitar quais deles foram mais representativos em relação às práticas de escrita das crianças na seção.

Assim, os textos que circularam na seção Meu Jornal serão apresentados como práticas de escrita das próprias crianças leitoras de “O Tico-Tico”. Por essa

razão, o capítulo em questão apresenta um levantamento com os títulos publicados e sua consequente categorização realizada a partir de três temáticas mais relevantes.

Nesse sentido, focaliza-se agora pelo viés da História Cultural, a história da cultura escrita no período entre os anos de 1935 e 1940, visto que essa escrita pode ser entendida enquanto uma prática sociocultural percebida por meio da produção das crianças que compõe a seção Meu Jornal e que foi sistematizada por esta pesquisadora a partir de três categorias: Entretenimento, Informação e Formação moral, cívica e educativa.

Primou-se pela análise a partir dessas categorias visto que os textos publicados na seção Meu Jornal refletem, intencionalmente, os princípios básicos da própria revista, quais sejam os de “entreter, formar e informar a criança brasileira” (“O TICO-TICO”, 1905, p. 3).

Assim, julga-se que esses princípios foram também apropriados pelas crianças leitoras do semanário e utilizados como matéria-prima para a prática de escrita infantil da seção Meu Jornal. Sendo assim veremos mais adiante de que maneira as crianças leitoras de “O Tico-Tico” manipularam, compreenderam e apreenderam o discurso presente no período estudado e em circulação na revista e por meio dele produziram seus próprios artefatos culturais, ou seja, os textos publicados na seção Meu Jornal.

Para melhor entendimento destas práticas e do modo como as crianças se apropriaram dos discursos presentes em “O Tico-Tico”, foi realizado um levantamento e classificação dos textos publicados em Meu Jornal com base no título e classificação conforme a temática: entretenimento, informação e formação. Mas, antes de referirmos à classificação dos textos é preciso definir o significado dos conceitos dos termos utilizados.

Dessa forma, por entretenimento tem-se as atividades que o ser humano pratica sem outra finalidade senão o prazer. As atividades de entretenimento focam distrair o indivíduo dos assuntos considerados de maior importância e relativos ao trabalho ou estudo. O entretenimento destina-se a explorar a ficção, extravasar frustrações, nutrir a imaginação, chamar a atenção e divertir. É um valor sempre tratado no “sentido de oposição à razão, à verdade, ao conhecimento e, neste mesma direção, aproximando-se daquilo que seduz, provoca prazer, afeta nossos sentidos” (GUTMANN, 2008, p. 2).

Diante disso, a categoria entretenimento compreende as produções textuais que apresentavam histórias de aventuras, contos de fadas, anedotas, poemas e histórias em quadrinhos cuja finalidade maior era a diversão das crianças leitoras. Entretanto essas produções também tinham compromisso com a educação das mesmas, visto que estimulavam o hábito da leitura.

No que concerne a informação, a literatura aponta que o termo se refere à ação de informar(se), de averiguar, buscar, inquirir, investigar. Recorrendo a etimologia clássica do vocabulário, constata-se então que palavra informação pode ser usada como sinônimo de mensagem, notícias, fatos, eventos e ideias que são adquiridos e passados adiante como conhecimento.

Com base nessa perspectiva, pode-se inferir que as informações divulgadas pelas crianças na seção Meu Jornal também podem ser tidas como uma forma de conhecimento mais informal, mas também necessário para a formação educativa infantil.

Na categoria “Informação” as crianças publicaram textos que informam sobre festas, divulgam biografias, datas importantes, a descrição de países, cidades e pontos turísticos além de outros assuntos afins.

Já a formação moral está relacionada à aquisição de bons hábitos como a responsabilidade, respeito, solidariedade, entre outros valores como família, cidadania e ética, e mesmo não se tratando obrigatoriamente de conteúdos escolares são fundamentais ao exercício da vida em sociedade.

Da mesma forma a formação cívica refere-se a atitudes e comportamentos que os cidadãos devem manifestar na defesa de certos valores e práticas assumidas como fundamentais para a vida coletiva, como o amor e o respeito a pátria, aos símbolos nacionais, a preservação da unidade nacional.

Na formação educativa podemos englobar a disseminação de assuntos relativos as disciplinas escolares, a importância do estudo e da escola. Nesse caso, são saberes que têm utilidade para a vida profissional do indivíduo.

Levando em consideração esses saberes, a categoria “Formação moral, cívica e educativa” apresenta textos tanto em poesia quanto em prosa que exaltam valores e virtudes morais como a gratidão, a bondade e a caridade, ou mesmo que reprovam atos de avareza, gula e preguiça. Nessa categoria ainda tem-se textos sobre o valor da instrução, do estudo, do trabalho e dos símbolos cívicos como a bandeira nacional.

Com base nessas informações apresenta-se em anexo um mapeamento das temáticas relevantes na produção escrita dos textos infantis catalogados e separados por ano de publicação na seção Meu Jornal, com o intuito de perceber quais foram as mudanças e recorrências apresentadas pela seção ao longo dos seis anos de publicação na revista “O Tico-Tico”.

Conforme a Tabela 1 encontrada no Apêndice A, a seção Meu Jornal teria publicado no ano de 1935, 70 histórias com foco na temática de entretenimento, 57 com o tema informação e 63 títulos que tematizaram a formação moral, cívica e educativa, somando ao todo o expressivo número de 190 títulos publicados no primeiro ano da seção. Esses dados demonstram que foi pequena a variação nas temáticas dos textos publicados nesse período. Assim, apesar dos objetivos primordiais de entretenimento da revista, as temáticas de informação e formação moral, cívica e educativa também foram alvo de interesse das crianças leitoras do “O Tico-Tico”.

Com relação aos assuntos abordados, as histórias de entretenimento publicadas nesse ano basearam-se basicamente em pequenas narrativas de aventuras, textos alusivos a fábulas conhecidas, anedotas e muitos contos de fadas. Em relação à temática de informação os textos apresentaram um expressivo número de biografias de grandes homens e textos que faziam remissão a particularidades de certos animais, plantas, cidades e estados do país. Já a temática formação priorizou nesse ano os textos que valorizam os valores e as virtudes morais.

Já no ano de 1936, apesar da disponibilização de apenas 36 dos exemplares da revista “O Tico-Tico”, abrangendo os meses de abril a dezembro deste ano, vê-se que a partir da Tabela 2 (Apêndice A), que nesse período foram publicados basicamente a mesma quantia de histórias do ano anterior, ou seja, cerca de 193 títulos. Destes, a maioria, isto é, 83 deles apresentaram o tema entretenimento, enquanto que 54 versavam sobre a temática informativa e quase a mesma quantia, ou seja, 56 textos privilegiaram a temática formação moral, cívica e educativa.

Por intermédio desses dados foi possível perceber que, nesse ano, a publicação de textos com base na temática de entretenimento teria sido bastante superior as outras temáticas chegando a apresentar quase o dobro de publicações.

Quanto aos assuntos referentes à temática de entretenimento foram publicadas pelas crianças textos que iam desde pequenos relatos do cotidiano e narrativas sobre festas e passeios locais até anedotas e contos fabulosos.

Mantendo a mesma ótica do ano anterior os textos informativos basearam-se novamente nas biografias e descrições de cidades, animais, estados, entre outros assuntos. Também os textos acerca da temática de formação versaram sobre as virtudes morais, mas, no entanto deram maior ênfase em temas cívicos e no apreço aos símbolos e as datas cívicas.

Conforme a Tabela 3 (Apêndice A) foram publicadas na seção Meu Jornal no ano de 1937 o significativo número de 284 histórias, dentre as quais 130 delas focalizaram a temática de entretenimento enquanto que as temáticas de informação e formação moral, cívica e educativa tiveram um número de publicações bem menos expressivo. Enquanto que os títulos sobre a formação moral, cívica e educativa chegaram ao número de 92 publicações ao longo do ano, a temática informativa esteve presente em somente 62 dos textos publicados.

Apesar do grande número de textos na seção Meu Jornal que visavam o entretenimento dos leitores de “O Tico-Tico” no ano de 1937, é importante salientar que as questões educacionais também se mostraram muito mais presentes do que foram nos anos anteriores. Dessa forma, salienta-se que assuntos como a valorização dos estudos, dos livros, do papel da família, da escola e da própria revista “O Tico-Tico” na formação das crianças será salientado por muitas das narrativas infantis publicadas na seção Meu Jornal nesse período.

Não raros também foram os textos que trataram da valorização das datas e dos símbolos nacionais que aludem a supervalorização do civismo no contexto educacional da época. Em virtude dessas peculiaridades pode-se inferir que apesar da menor quantidade de publicações referentes as questões educacionais, não se pode negar que elas foram bastante significativas a partir de ano de 1937 na seção.

Assim como no ano anterior, em 1938 a quantidade de histórias publicadas pela seção Meu Jornal teria crescido significativamente se levarmos em conta os anos de 1935 e 1936, visto que no total foram publicadas cerca de 270 histórias.

Considerando o ano de 1937, tem-se uma ênfase ainda maior nos títulos que apresentam a temática de entretenimento em relação aos textos que priorizam assuntos relacionados aos temas de informação e de formação moral, cívica e educativa.

Com base nos dados fornecidos pela Tabela 4 (Apêndice A) foi possível perceber que cerca de 136 dos títulos publicados nesse ano podem ser relacionados à temática de entretenimento, 72 das narrativas pautaram-se no caráter formativo,

enquanto que apenas 62 textos escritos pelas crianças na seção Meu Jornal pertencem, de acordo com nossa análise, a temática que tem como base a informação.

Assim como em 1937, novamente foi possível perceber a partir da análise dos textos infantis que apesar da grande quantidade de textos que priorizaram o entretenimento dos leitores, são significativamente relevantes os textos que abordam alguns dos preceitos educativos da época como a moralidade, o civismo e o apreço ao trabalho e aos estudos.

Diferentemente do ano anterior quando foram publicadas uma grande quantidade de títulos na seção Meu Jornal, o período referente ao ano de 1939 apresenta uma queda bastante acentuada no número de publicações da seção na revista “O Tico-Tico”. Dos 50 exemplares do periódico publicados neste ano apenas 23 apresentaram a seção. Por isso foram publicados somente 94 textos em Meu Jornal no ano de 1939. Destes 40 priorizaram o tema entretenimento, 16 a informação e 38 títulos podem ser relacionados a temática de formação moral, cívica e educativa.

Outra questão também percebida por meio da Tabela 5 (Apêndice A) é que nesse ano o número de publicações relacionadas à formação das crianças teve a mesma ênfase nas produções escritas que o tema entretenimento.

Em 1940, último ano de publicação da revista pode-se perceber nitidamente o declínio do interesse das crianças na publicação de textos na seção, visto que a partir da análise realizada, viu-se que as histórias em quadrinhos e as ilustrações tomam grande parte do espaço destinado a seção Meu Jornal desse ano. Em vista disso é bem pequena a quantidade de textos publicados, já que a última edição de Meu Jornal de 1940 veio a público no mês de junho do corrente ano.

Conforme informações recorrentes na Tabela 6 (Apêndice A), nesse período foram publicados apenas 25 textos, dentre os quais 13 versaram sobre a temática de entretenimento, 11 eram alusivos à formação moral, cívica e educativa e apenas 1 título apresentou características informativas.

Pode-se concluir também por meio da análise dos exemplares que o declínio do interesse das crianças e jovens em relação à produção escrita na seção Meu Jornal referiu-se não somente a seção em si, mas à toda a revista visto que no ano seguinte em virtude “da escassez de matéria-prima” (ROSA, 1991, p.68) e da queda

no número de assinaturas e leitores, a revista “O Tico-Tico” passaria a ser publicada mensalmente. De acordo com Vergueiro e Santos (2005, p.208),

A partir de agosto de 1941 a revista passaria a ser mensal, mudando a quantidade de páginas (de 31 para 50). Mas ao mesmo tempo manteve a mesma linha editorial que havia caracterizado a publicação, apenas adotando uma menor quantidade de textos ao passo que as ilustrações tornaram-se maiores.

Para melhor visualização das informações relatadas até aqui, apresenta-se a Figura 29 com base no crescimento e na diminuição das publicações de Meu Jornal ao longo do período analisado, assim como da recorrência dos títulos referentes a cada uma das temáticas existentes na seção.

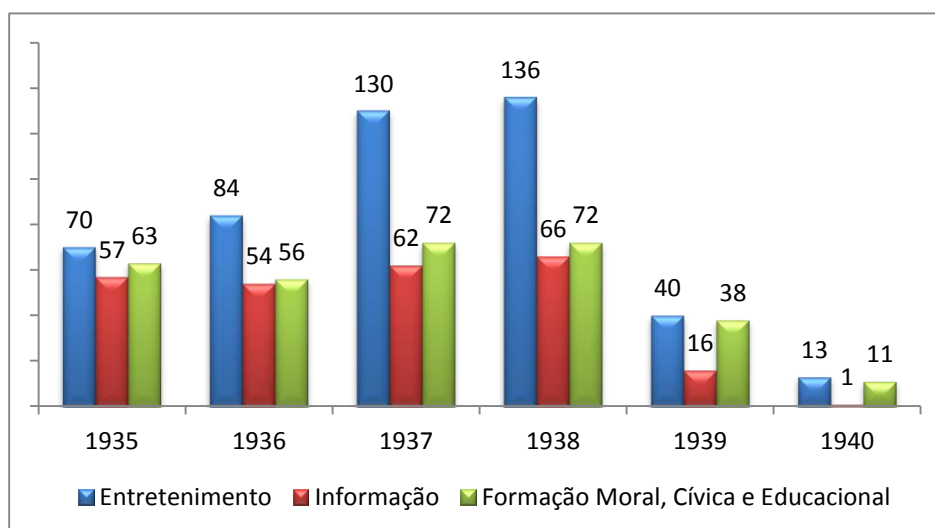


Figura 29. Temáticas dos textos da Seção Meu Jornal por ano de publicação
Fonte: Revista “O Tico-Tico”, 1935 -1940. (Organização da autora).

O levantamento da produção escrita das crianças demonstra que as temáticas textuais apresentam uma regularidade entre os anos de 1935 e 1940, incidindo em sua maioria na temática de entretenimento em detrimento dos temas informação e formação moral, cívica e educativa, apesar destes últimos terem sido mais incentivados pela revista.

Ainda com base na Figura 29, vê-se que a maior parte dos textos publicados na seção Meu Jornal entre 1936 e 1938, apresenta a temática entretenimento. Diante dessa constatação surge o seguinte questionamento: Por que apesar do

direcionamento da revista em incentivar a produção de textos mais instrutivos, cresce o número de histórias que visam o entretenimento?

Sabendo que a Correspondência do Dr. Sabetudo, seção responsável por filtrar as colaborações infantis enviadas para Meu Jornal foi interrompida em 1936 e passa a ser publicada novamente somente em 1939, vê-se que as crianças leitoras de “O Tico-Tico” têm, nesse período uma maior chance de escrever sobre qualquer assunto exercendo assim uma certa resistência aos temas instrutivos preferidos pela revista até então.

Assim, pode-se dizer que as crianças ao preferirem escrever sobre outros temas, exerceram uma postura que Certeau (1990) chama de “tática” pois esta permitiu que as crianças produtoras dos textos pudessem manipular e alterar as “estratégias” de imposição do discurso veiculado pela revista no período em questão.

Tomando como base esses princípios, ao investigar as produções de escrita infantil dos leitores de “O Tico-Tico”, é possível perceber a relação entre as táticas de apropriação e as estratégias de imposição do discurso cívico e moralizante do contexto social da década de 1930. Nesse caso, o conceito de apropriação assume centralidade, visto que, segundo Carvalho (1998, p.12)

[...] como tática que subverte dispositivos de modelização está o cerne dessa história cultural dos saberes pedagógicos não somente porque demarca o intento e as questões centrais desse tipo de investigação mas, também, porque lhe indica um percurso: rastrear a presença de modelos culturais inscritos nos usos dos saberes pedagógicos. Pois é a partilha de um conjunto determinado de códigos culturais que distingue as práticas de apropriação, definindo comunidades distintas de usuários e configurando os usos que fazem de objetos e dos modelos culturais que lhes são impostos.

A partir desse pressuposto, é possível constatar que tendo em vista o direcionamento da revista e o período varguista, os textos publicados pelas crianças deveriam ter como tema prioritariamente a educação moral e cívica. Entretanto, o que se vê é uma grande preferência por temas mais relacionados à vivência cotidiana das mesmas. Sendo assim é notória a utilização das táticas de apropriação das mesmas acerca dos temas veiculados pelo “Tico-Tico”.

Dessa forma, é possível demonstrar o distanciamento entre o prescrito na revista e o praticado na produção escrita infantil, o que evidencia que o discurso do

periódico não teria funcionado de maneira tão eficaz como dispositivo de conformação nas práticas de escrita das crianças, até mesmo porque estas dependem do modo como os discursos foram apropriados pelas mesmas.

Ainda com relação às temáticas dos textos é possível perceber que a partir de meados de 1939 a quantidade de publicações que versavam sobre entretenimento e formação foram praticamente as mesmas, talvez por influência direta da correspondência da seção do Dr. Sabetudo que também volta a ser publicada nesse período.

Mesmo com a predominância de textos acerca da temática de entretenimento, a seção Meu Jornal também manteve grande interesse na publicação de textos ligados à instrução das crianças, isto porque se tomarmos por base as temáticas de Informação e Formação moral, cívica e educativa, pode-se perceber que essas duas temáticas concentram juntas grande parte da produção escrita das crianças leitoras de “O Tico-Tico”, ou seja, cerca de 55% das histórias publicadas na seção Meu Jornal mantiveram o foco na apresentação de conhecimentos relativos a instrução, informação e/ou educação das crianças.

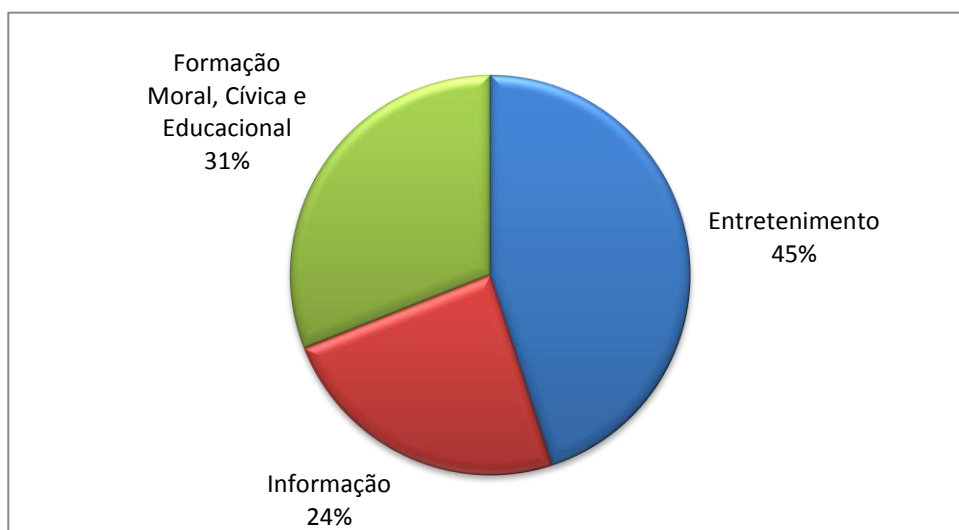


Figura 30. Temáticas dos textos da seção Meu Jornal
Fonte: Revista “O Tico-Tico”, 1935-1940 (Organização da autora).

Com base nessa constatação surge ainda a seguinte indagação: os textos das crianças correspondem às práticas de escrita características ao período de 1935 a 1940?

Entretanto, a observação dessas práticas deve incidir no lugar de onde vertem a leitura e a escrita como práticas sociais de comunicação composta por atores, finalidades, tempos e suportes (CUCUZZA; PINEAU, 2002). Assim, analisar a seção Meu Jornal como lócus de produção é analisar a fala de seus atores vinculada ao processo histórico do qual fizeram parte, para que possamos assim abstrair os significados dos discursos infantis presentes no impresso.

Com o olhar voltado para os textos produzidos pelas crianças leitoras do semanário depreendem-se algumas respostas em relação ao questionamento feito acima. As crianças ao publicarem seus textos se utilizaram de práticas de escrita intimamente ligadas às práticas culturais da época, isto porque os primeiros anos da República brasileira, assim como a década de 1930 foram períodos bastante produtivos em relação ao estabelecimento de ações direcionadas às questões educacionais e ao consequente fortalecimento do sentimento de identidade nacional.

Dessa forma, antes de se deter a análise dos textos publicados na seção como disseminadores das práticas culturais vinculadas ao contexto educacional da década de 1930, é relevante se afixar nas ações estabelecidas no período estudado, para que se possa então relacioná-las à revista “O Tico-Tico”, fonte dessa pesquisa, bem como às práticas de escrita infantil presentes no objeto, o encarte Meu jornal, seção publicada no semanário na década de 1930.

3.1 A PRESENÇA D’ “O TICO-TICO” NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA BRASILEIRA

A revista “O Tico-Tico” por ser um produto cultural da sociedade que a produziu, veio ao longo dos anos, incorporando e disseminando as influências culturais a que esteve exposta ao longo de sua existência entre os anos de 1905 e 1962. Sendo assim, no período estipulado pela pesquisa, a década de 1930, a revista, assim como muitas de suas seções, se aproxima dos discursos culturais e educacionais implantados no país.

Por esse motivo criou-se neste estudo, a necessidade de situar esse impresso no processo histórico e educacional do qual vivia o país, a partir de um breve panorama acerca da educação no Brasil republicano na década de 1930, com

vistas a relacionar as ações ocorridas em âmbito cultural e educacional às práticas de escrita infantil da seção Meu Jornal.

Mas, para que se possa atentar às mudanças no cenário educacional ocorridas nesse período, faz-se necessário retroceder na história do Brasil republicano, para que possamos entender os desdobramentos que deram origem às transformações que ocorreram a partir da década de 1930, sobretudo na esfera educativa.

Na mudança do regime imperial para o republicano “muitas transformações ocorreram na sociedade brasileira como o fim da escravidão e a adoção gradativa do trabalho livre e assalariado, a remodelação material do país, a imigração, o desenvolvimento industrial, assim como uma significativa e crescente urbanização” (GHIRALDELLI JUNIOR, 1994, p.78).

Foram essas transformações que impulsionaram a criação da República em 1889 e da crença que de era preciso estabelecer uma nova cultura nacional que materializasse a construção de uma identidade nacionalista, o progresso e a civilização da nação.

Além de estabelecer novas diretrizes administrativas e políticas, era preciso conseguir a legitimação da República do Brasil junto ao imaginário da população. Instituiu-se um processo de inserção de uma nova memória nacional através da renovação dos símbolos pátrios, hino e bandeira, dos heróis nacionais e das datas históricas. As referências ao Imperador D. Pedro II e ao regime monárquico deveriam ser substituídas (CARVALHO, 1990).

Entre as primeiras ações executadas no campo educacional brasileiro com vistas ao “progredimento”¹² da nação, tem-se a criação dos grupos escolares em São Paulo, ainda em 1893, como empreendimento republicano de modernização nacional (SOUZA, 2006).

De acordo com Souza (2006, p. 115), “por toda parte onde foi implantado, esse novo modelo de escola primária foi instituído como símbolo de modernização do ensino, em sintonia com expectativas em relação ao desenvolvimento social e econômico”.

Até mesmo porque nesse período o Brasil passava por transformações tanto políticas quanto econômicas que fizeram com que se criasse a necessidade de

¹² Termo utilizado por Ana Lucia Cunha Fernandes.

formar o cidadão brasileiro conforme os princípios recém-implantados pela República.

Essa necessidade de instrução que abrangia não somente o aspecto escolar, mas também a possibilidade de melhoria na formação cultural do cidadão brasileiro, vinculada não somente ao anseio de progresso, mas também de regeneração social, esteve presente durante todo o início do período republicano e se manteve tanto de maneira formalizada, ou seja, por meio da escola, quanto por meio de iniciativas culturais diversas como, por exemplo: a imprensa. Conforme Nicolau Sevcenko (1999, p. 94),

O desenvolvimento do “novo jornalismo” representou o fenômeno mais marcante na área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento dos grupos intelectuais. Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse “novo jornalismo” de par com as revistas intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom tom sob a atmosfera da regeneração social (SEVCENKO, 1999, p. 94).

A partir da perspectiva de regeneração cultural surge a revista “O Tico-Tico”, produto dessa nova imprensa especializada, com o objetivo de auxiliar na formação tanto cultural quanto intelectual das crianças brasileiras do início do século XX, sobretudo no Rio de Janeiro, onde as inovações culturais eram criadas a reboque do grande crescimento populacional e da urbanização que tomara conta da cidade nesse período.

A situação era realmente excepcional. A cidade do Rio de Janeiro abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando-se do seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se no seu interior vastos recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais [...] Essas condições prodigiosas fizeram da cidade o maior centro comercial do país. [...] Acrescente-se ainda a esse quadro o fato de essa cidade constituir o maior centro populacional do país, oferecendo às indústrias que ali se instalaram, o mais amplo mercado nacional de consumo e de mão de obra (SEVCENKO, 1999, p. 27).

Em face disso, “no início do século XX, o Rio de Janeiro, como capital federal e São Paulo, como pólo industrial, centralizaram a vida cultural do país. É, principalmente nessas duas cidades que a intelectualidade se concentra”. Isso demonstra que “apesar do mimetismo com que se procura exercitar as letras e as artes nesse país, existia genialidade, crítica social, preocupação com a formação da “alma” nacional, busca da civilização e do progresso por meio da cultura” (GONÇALVES NETO, 2007, p. 107).

Muito dessa genialidade esteve presente nas páginas da revista “O Tico-Tico” personificada não somente nos grandes nomes da literatura nacional como Coelho Neto, Monteiro Lobato e Manuel Bonfim, mas também na representação de grandes fatos históricos alusivos à história mundial e do país que fizeram remissão a acontecimentos como as Guerras Mundiais de 1914 e 1939, as grandes invenções como o telefone, o rádio e os transportes urbanos, assim como outros acontecimentos importantes.

A busca pela civilização e pelo progresso por meio da cultura também estiveram presentes no semanário na forma de seções como “As lições do Vovô” que, de acordo com Patroclo (2013, p. 8), “eram um espaço marcado pelo aconselhamento das crianças acerca do seu comportamento moral, intelectual e de amor à pátria”; nas seções que glorificavam a vida de grandes presidentes do Brasil e dos Concursos que assim como o divulgado em outubro de 1905: “O que o menino quer ser”; tinham como intuito divulgar os valores sociais da época pautados na exaltação da nacionalidade.

A proposição de valores sociais também esteve nas “Seções para meninas”, que a partir de pequenos artigos e desenhos de moda demonstravam como a menina e a mulher do início do século deveriam se portar e vestir-se com base nos moldes de comportamento tão valorizados no período da *Belle Époque*¹³ brasileira.

Isso porque de acordo com Sevcenko (1999, p. 36), “o novo cenário suntuoso e grandiloquente da cidade exigia novos figurinos”. Com relação à vestimenta, não

¹³ A *Belle Époque* foi o período que decorreu na Europa entre 1890 e 1914, ano em que começou a Primeira Guerra Mundial. A expressão *Belle Époque*, contudo, só surgiu depois do conflito armado para designar um período considerado de expansão e progresso, nomeadamente a nível intelectual e artístico. Nesta época surgiram inovações tecnológicas como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, o automóvel e o avião, que originaram novos modos de vida e de pensamento, com repercussões práticas no cotidiano. Esta foi uma fase de grande desenvolvimento na Europa.

somente as mulheres deveriam mudar seus trajes, mas também com relação aos homens,

verifica-se a passagem da tradicional sobrecasaca e cartola, ambos pretos, símbolos da austeridade patriarcal e aristocrática do Império, para a moda mais leve e democrática do paletó de casemira clara e chapéu de palha. O importante agora é ser chique ou smart.

Esse era o ideal do homem regenerado que ascende às primeiras décadas da República e a quem rotineiramente a imprensa e no caso infantil, a revista “O Tico-Tico” vai levar as últimas novidades não somente em termos de moda, mas também de comportamento social na moderna e progressista cidade do Rio de Janeiro do começo de século.

Nesse caso cumpria acompanhar o progresso que segue rápido e não espera por ninguém. [...] E acompanhar o progresso significava somente uma coisa: alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da vida e da economia européia, onde nas indústrias e no comércio o progresso do século foi assombroso, e a rapidez desse progresso miraculosa (SEVCENKO, 1999, p. 29).

Entretanto já em âmbito político, o país não exercia uma posição tão progressista assim, pois até a década de 1930 no Brasil ainda prevalecerá, a política oligárquica denominada “café com leite”, que baseava-se na alternância entre paulistas e mineiros no governo do país. Pode-se dizer então que enquanto Minas Gerais e São Paulo exerciam no país a hegemonia política, o Rio de Janeiro com sua crescente e vertiginosa modernização urbana e o aburguesamento de sua população era o centro irradiador da cultura nacional nas primeiras do século XX.

Tanto que de acordo com Gonçalves Neto (2007, p. 108):

Nas pequenas cidades do interior do país [...] encontraremos os reflexos da cultura que se desenvolve nos grandes centros e as adaptações que são promovidas [...] como mecanismo de conformação das diversas representações que vão sendo construídas nesse universo, tanto em termos políticos, como sociais, econômicos, culturais, etc. (GONÇALVES NETO, 2007, p. 108).

Diante disso é possível afirmar então que foi dessa forma que a revista “O Tico-Tico”, em poucos anos, tornou-se um sucesso nacional, visto que em suas páginas estavam presentes muitas informações acerca dos modos de vida das grandes cidades, das inovações em termos de literatura, música, teatro, cinema e,

sobretudo, sobre o que havia de mais moderno em relação ao entretenimento infantil e aos modelos de instrução para os filhos da recém-criada burguesia brasileira.

A partir dessas características é que depreende-se a ideia de que ler “O Tico-Tico” era sinônimo de modernização, de distinção social sobretudo em um país de maioria analfabeta. Mesmo porque, entre as classes mais abastadas do país havia sempre o interesse em dominar os bens culturais que estavam em voga naquele momento e que mesmo de forma simples e lúdica, eram divulgados pelo “O Tico-Tico”. Como afirma Gonçalves Neto (2007, p. 108) naquele momento,

existia a preocupação em dar-se um certo lustro na imagem, o que só podia ser feito por meio do domínio de certos bens culturais que, em falta no local, deviam ser buscados nos grandes centros, por meio do estudo dos filhos, da importação de literatura e de conferencistas, de peças teatrais, filmes, etc. Ou, melhor ainda, se possível, reproduzir na localidade a prática cultural existente nos grandes centros, nos quais se mira o tempo todo.

É válido salientar que muitos desses bens culturais apreciados pela sociedade em voga eram divulgados pelo “O Tico-Tico” como, por exemplo, é o caso das propagandas e seções de aconselhamento como a Correspondência do Doutor Sabetudo, que entre outros assuntos, dava conselhos acerca da escolha dos melhores colégios para se estudar, das propagandas de espetáculos teatrais, de seções de cinema e do acesso à grandes obras da literatura universal.

Devido a fatos dessa natureza, a revista “O Tico-Tico” avançava como um empreendimento de sucesso absoluto entre a classe burguesa do país, visto que por meio dela era possível adquirir os ares de civilização tão apreciados pela elite social brasileira entre os anos de 1910 e 1920.

Com o advento da República criou-se também uma preocupação com o estabelecimento de uma nova ordem social e de redefinição de identidade cultural e nacional do Brasil. Os setores políticos e da intelectualidade no país passaram a divulgar a ideia de que se deveria criar junto à criança brasileira um espírito de amor a pátria, de nacionalidade.

Nesse sentido, foram realizadas ações de cunho escolar, cultural e sanitário com o propósito de formar e proteger essa parcela da sociedade brasileira. “O novo lugar da criança na família e sua transformação simbólica em futuro da nação expressavam um dos modos através dos quais essas mudanças alteravam o

cotidiano da sociedade urbana” (HANSEN, 2007, p.45).

Diferentemente do setor social no qual as inovações eram buscadas com grande rapidez e afinco, no setor econômico, o país ainda tentava sair de sua posição de nação baseada quase que exclusivamente no setor agrário, e ingressar nos modos de vida capitalista, já vivido pelas grandes potências mundiais nas quais o Brasil se espelhava.

Isso porque naquele momento, devido a grande ênfase no cultivo do café, a economia brasileira de origem “agrário-exportadora”, dependia quase que única e exclusivamente da venda e exportação de produtos primários como o café, e devido às deficiências predominantes no setor industrial ainda em formação, importava produtos industrializados sendo assim economicamente bastante dependente de outros países. Conforme o historiador Fausto (2007, p. 373):

O café foi o eixo da economia do período. Ao longo da República Velha, o produto manteve de longe o primeiro lugar na pauta das exportações brasileiras, com uma média em torno de 60% do valor total. No fim do período, representava em média 72% das exportações. Dependiam do produto o crescimento e o emprego nas áreas mais desenvolvidas do país (FAUSTO, 2007, p. 273).

Entretanto, em 1914 ocorre a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que viria influenciar a política econômica no Brasil, visto que com a guerra, as exportações que se concentravam basicamente na oferta do café a nações estrangeiras ficaram em baixa, o que fez com que o Brasil enfrentasse problemas em seu setor econômico devido aos baixos preços causados em grande parte pela oferta excessiva do produto.

Em contrapartida, a crise do café e paralelamente o conflito mundial favoreceram o processo de industrialização do Brasil. A interrupção da entrada de capitais estrangeiros e a obrigação de honrar os compromissos da dívida externa minaram os estoques de divisas nacionais. Como consequência, foi necessário controlar as importações, já prejudicadas devido à guerra, e promover a produção nacional de artigos industrializados. Estima-se que a produção industrial brasileira cresceu a uma taxa anual de 8,5% durante os anos de conflito. [...] O processo de industrialização da década de 1920 se dividiu em duas etapas: a primeira até 1924, coincidindo com a terceira valorização do café (1921-24), quando foram realizados importantes investimentos em maquinaria que levaram à modernização da indústria; a segunda, de 1924 até 1929, quando ocorreu um processo de desaceleração na produção industrial, em

virtude da retomada do fluxo de importações graças a uma taxa de câmbio que tornava mais barato o produto estrangeiro (FAUSTO, 2007, 275).

Essa situação de prosperidade, prolongada até fins dos anos 20, na economia rural, com a lavoura de café e o surto industrial, principalmente a partir de 1918, de certa forma, contribuiu para a criação de um estado de efervescência social que esteve presente durante toda a década de 1920.

Assim, a evolução da vida econômica, com a crescente urbanização e o surto de industrialização verificados após a guerra de 1914, teria sido acompanhado por modificações nas crenças. A guerra européia e suas consequências econômicas, sociais e políticas deflagraram um estado de inquietação, de esperanças e de aspirações desencadeando uma nova corrente de pensamento.

A partir das mudanças instituídas em todos os âmbitos do sistema nacional brasileiro começa a surgir no país a necessidade de escolarização da população, pois com o crescimento da urbanização e da industrialização no país há que se pensar também na instrução do povo e na formação das elites que garantiriam o progresso e a modernização do país. Sobre essa necessidade, Azevedo (1937, p. 15) afirmava que:

os governos vêm seguindo e apoiando, se não estimulando e estendendo, o movimento de renovação educacional; sente-se que já vai penetrando, no espírito de nossos homens públicos, a consciência cada vez mais nítida e larga da gravidade e da importância do problema educacional brasileiro (AZEVEDO, 1937, p. 15).

De acordo com Azevedo (1976), a guerra de 1914 havia também contribuído para elevar ao primeiro plano das preocupações sociais e políticas as reformas educacionais, com as quais se pensava forjar uma humanidade nova e uma vida melhor.

Com base nesses objetivos é que a partir dos anos 20 começam a germinar no país ideais reformadores advindos de uma série de intelectuais que assim como Lourenço Filho¹⁴, Fernando de Azevedo¹⁵ e Anísio Teixeira¹⁶ acreditavam que o

¹⁴ Lourenço Filho dirigiu a reforma da instrução pública no Ceará (1922-1923) e em São Paulo (1931-1932). Na década de 30, exerceu funções de chefe de gabinete do ministro da Educação Francisco Campos e dirigiu o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Foi diretor do INEP e um dos precursores

remédio para os males da nação era acabar com o analfabetismo por meio da instrução pública.

Sobre a instrução no Brasil, Fausto (2007, p. 237) afirma que “em 1872, apenas 16,85% das crianças e jovens entre 6 e 15 anos frequentavam a escola e desses alunos apenas 12 mil estavam matriculados no ensino secundário”. Já em 1920, mesmo após mais de trinta anos de regime republicano, 75% da população brasileira ainda era analfabeta (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991, p.18). Esses dados aludem à ideia de que a instrução no Brasil ainda não era uma necessidade social.

Apesar disso desde sua criação em 1905, a revista “O Tico-Tico” defendia a causa da instrução, seja publicando conselhos sobre a importância da escola para a formação da infância, seja pela orientação acerca de atividades escolares, da publicação de textos com finalidades pedagógicas ou até mesmo da publicação de fotografias de instituições escolares que viessem a colaborar com a disseminação da escolarização ou amenizar o problema da instrução no Brasil.

Mas, além de iniciativas informais como “O Tico-Tico”, entre as alternativas para a resolução desses problemas educacionais surgem também as chamadas “reformas do ensino” que, em âmbito estadual, pretendiam remodelar os sistemas de ensino em vários dos estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais e que viessem a atender as necessidades de escolarização que começam a surgir em virtude das mudanças nas condições de vida da população brasileira.

Na década de 20, a primeira reforma do ensino surgiu em São Paulo, mas com o passar dos anos “iniciativas reformistas surgiram também no Ceará, a partir de 1922, na Bahia em 1924 e em Minas Gerais e no Distrito Federal em 1927” (FAUSTO, 2007, p. X).

no estudo e publicações no âmbito da Escola Nova, com o livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, no fim da década de 30.

¹⁵Fernando de Azevedo foi diretor geral da Instrução Pública do Distrito Federal (1926-30); e do Estado de São Paulo (1933); No Distrito Federal (1926-30) realizou uma reforma de ensino Fundou em 1931 a Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira (B.P.B.), Foi o redator e o primeiro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (A reconstrução educacional no Brasil), em 1932, em que se lançaram as bases e diretrizes de uma nova política de educação. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação.

¹⁶Anísio Teixeira foi inspetor-geral do Ensino na Bahia e diretor de Instrução Pública do Rio de Janeiro. É considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20 e foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis.

Além dessas reformas, as primeiras décadas da República também inspiraram o surgimento de novos métodos de ensino, de novos estabelecimentos escolares e de uma nova cultura que primava pelo objetivo de tornar a instrução cada vez mais acessível às crianças e jovens brasileiros.

Também a criação da Associação Brasileira de Educação¹⁷ (ABE), em 1924, com propósito de mediar os debates em torno das questões educacionais bem como de tornar mais abrangente e eficiente a ação escolar, constituindo como um de seus principais objetivos a promoção de debates em torno da remodelação e reestruturação do sistema escolar com vistas à elaboração de uma política nacional de educação (CARVALHO, 1989, p. 58).

Essas mudanças no cenário educativo espelhavam o ideário reformista e a supervalorização das possibilidades da educação na solução dos problemas sociais, políticos e econômicos do país, mas apesar das inovações propostas nas primeiras décadas da República, no campo educacional ainda “era preciso resolver o grande problema nacional: o da educação do povo” (NISKIER, 1996).

No intento de solução desta problemática a década de 1930 surge imersa em intensos debates políticos, nos quais se demonstrava um crescente interesse pela resolução dos problemas educacionais. Nesse período podemos observar também a gradativa construção de um discurso nacionalista valorizando a centralização do poder, bem como a personificação dos interesses nacionais na imagem do presidente da República.

De acordo com Mate (2002), geralmente quando se propõe o estudo acerca dessa década toma-se como marco inicial a Revolução de 1930, quando a atuação do presidente Getúlio Vargas aparece como marco explicativo para questões políticas e sociais. A década de 1930 no Brasil pode ser identificada como um período de grande efervescência política, econômica, cultural e educacional.

No setor econômico, a crise da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929¹⁸, fez com que o país que tinha como base econômica a agro-exportação, sofresse

¹⁷ Em outubro de 1924, um grupo de intelectuais funda, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. A Associação Brasileira de Educação. Eram advogados, médicos, professores e, principalmente, engenheiros que, desiludidos com a república e convencidos de que na educação residia a solução dos problemas do país, decidiram organizar um ampla campanha pela causa educacional, propondo políticas, constituindo objetos e estratégias de intervenção e credenciando-se a si mesmos como quadros intelectuais e técnicos de formulação e execução destas (CARVALHO, 1997, p.115).

¹⁸ Em 1929, uma grave crise econômica do capitalismo foi anunciada com a “Quebra da Bolsa de Nova York”, isto porque, em 24 de outubro deste ano, no centro financeiro dos Estados Unidos, Wall Street, o valor das ações caiu vertiginosamente e ninguém mais conseguia vender ações, arruinando

muitas perdas. Esse fato fez então com o governo brasileiro deixasse de lado a sua herança econômica agrária, pautada no cultivo e exportação do café, para investir pesadamente em outro setor que despontava fortemente nesse período: o industrial.

Por volta de 1880, já existia a presença de várias fábricas no Brasil, mas sem uma estrutura realmente significativa. Contudo, por volta das décadas de 1910 e 1920, as atividades industriais já eram bastante expressivas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por meio da intensa exportação de café e importação de outros produtos necessários ao mercado interno brasileiro, várias estruturas de maquinário fabril também aportaram em terras brasileiras, já que muitos produtores de café também passaram a investir nas fábricas. Os principais tipos de atividades industriais do período estavam relacionados aos setores: têxtil (produção de tecido), de bebidas e de alimentos. A modernização agrícola contribuiu decisivamente para a que indústria se desenvolvesse no âmbito dos setores referidos (LOBATO, 2014, p. 04).

A partir do momento em que se dá a crise de produção do café, as perdas afetam toda a economia nacional, fazendo com que um forte processo de industrialização venha a se consolidar entre os anos 1910 e 1920, graças, principalmente, à concentração de renda gerada pela economia cafeeira. Também a disponibilidade de mão de obra livre incrementada pela imigração, a alta nos preços das mercadorias importadas devido a Primeira Guerra Mundial, a expansão do mercado de consumo interno formaram condições propícias para o crescimento industrial.

Além disso, nota-se também, durante a década de 1930, um grande incentivo do governo à industrialização e modernização do país. Era tempo de afirmação nacional e de um novo projeto de nação (OLIVEIRA, 1990).

Na política, fatos como a Revolução de 1930¹⁹ deram um novo rumo ao país com a nomeação de Getúlio Vargas à presidência, a criação do Ministério da

milhares de empresas e anunciando um incontável número de medidas que esse país tomaria para inverter essa situação.

¹⁹ A 3 de outubro, a “Revolução” estourou sob o comando de Getúlio Vargas, mas o ponto máximo do movimento foi o dia 24 de outubro de 1930, quando, no Rio de Janeiro, o alto comando militar depôs o presidente Washington Luís, impedindo Júlio Prestes de ser empossado e estabelecendo uma Junta Governativa incumbida de governar o país até que fosse determinado o novo presidente. Dez dias depois do Golpe, em 03 de novembro de 1930, Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República, tornando-se chefe do Governo Provisório até que novas eleições fossem convocadas (CHAVES, 2006, p. 34).

Educação e Saúde Pública²⁰, assim como a inauguração de uma nova fase na República brasileira: a Era Vargas²¹.

É óbvio que há enorme controvérsia sobre o significado da revolução de 1930 para a constituição da ordem burguesa no Brasil [...], mas seja como for, a despeito de algumas interpretações considerarem o movimento de 30 e sua denominação como “revolução” [...], há algum consenso sobre o caráter de ruptura presente nela e não são poucos os autores que colocam-na como “marco histórico” no processo de constituição tanto do Estado brasileiro, enquanto Estado nacional, como da própria cultura, principalmente por ter gerado um movimento de unificação cultural (LAHUERTA, 1998, p. 102).

Nesse sentido, a Revolução de 1930 ampliou o uso das palavras “renovação” e “reconstrução nacional” e, para muitos dos intelectuais da época, a tão sonhada reconstrução nacional só poderia se efetivar realmente a partir da educação.

Conforme afirmou Couto (1927), em conferência proferida na Associação Brasileira de Educação, em 2 de julho de 1927, a educação do povo é o primeiro problema nacional; primeiro porque o mais urgente; primeiro porque solve todos os outros; primeiro, porque resolvido, colocará o Brasil a par das nações cultas.

É com base nessa perspectiva que em 1932, um grupo de intelectuais, professores e artistas assinou O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova na tentativa de influenciar as políticas educacionais governamentais e, para isso, um grupo de educadores liderados por Fernando de Azevedo, cujo primeiro parágrafo dizia:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932).

²⁰ A criação do MES — Decreto no 19.402, de 14 de novembro de 1930 — se constituiu em uma das primeiras medidas do Governo Provisório que permitiram ao Estado nacional e capitalista em formação uma atuação mais objetiva em relação aos problemas educacionais do País. Francisco Campos, seu primeiro titular, tomou posse no dia 18 de novembro daquele mesmo ano.

²¹ A Era Vargas teve início com a Revolução de 1930 que expulsou do poder a oligarquia cafeeira, dividindo-se em três momentos: governo provisório (1930-1934), governo constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945). Esse período foi um marco na história brasileira, em razão das inúmeras alterações que Getúlio Vargas fez no país, tanto sociais quanto econômicas.

Em linhas gerais, o manifesto era um documento dirigido ao “povo e ao governo” que pautava-se na “defesa da escola pública obrigatória, laica, gratuita, coeducativa e pelos princípios pedagógicos renovadores” (GHIRALDELLI JUNIOR, 1994, p. 42). Além disso, propunham a organização do ensino em seus diversos níveis, assim como a reconstrução da educação brasileira por meio da criação de um Sistema Nacional de Ensino.

A ideologia dos renovadores está explícita nas páginas desse documento, como esclarece Romanelli (1978, p. 145):

O documento tem por objetivo imprimir uma direção mais firme ao movimento renovador e defini-lo mais objetivamente. Opondo-se ao caráter empirista das reformas parciais, o manifesto surge como uma convicção abertamente definida da necessidade de se construir e aplicar um programa de reconstrução educacional de âmbito nacional.

Segundo esses intelectuais renovadores, seria impossível o desenvolvimento do país, “sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade” (COUTO, 1927).

Foi também com esse intuito de renovação que em 1934 foi promulgada pelo governo a segunda constituição republicana que dispunha pela primeira vez da premissa de que a educação deveria ser um direito de todos, e ministrada pela família e pelos poderes públicos.

Conforme disposto no artigo 150 da Constituição Federal promulgada em 16 de julho de 1934, “à União competia fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do país” (NISKIER, 1996, p.262). Por meio da Constituição de 1934 ficou estabelecida a necessidade da criação do Plano Nacional de Educação, como também da gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar.

Mas, apesar das discussões realizadas em torno da construção do Plano nacional de educação e de seu projeto concluído em 17 de maio de 1937, sua criação foi abafada pela institucionalização do Estado Novo, “golpe de Estado de 10 de dezembro de 1937 que encerrou as atividades do Poder Legislativo e, dessa

forma, adiou a implementação do Plano Nacional de Ensino” (NISKIER, 1996, p. 268). O golpe de Estado que instalou o Estado Novo em 1937 foi justificado:

pela necessidade de se manter a ordem institucional contra os regionalismos, herança do período anterior; contra as divergências entre os grupos dominantes: setores agrários e burguesia industrial e contra as manifestações das forças de oposição, esse período intensificou as mudanças nas relações entre Estado e sociedade, fortalecendo a centralização do poder e facilitando a criação de um Estado forte, que predominou até meados dos anos de 1940 (ANDREOTTI, 2006, p.104).

Nesse período, o governo procurou construir a imagem de um Estado moderno e fortalecer os princípios de uma identidade nacional fortalecida e para isso as instâncias governamentais procuraram manter uma linha de atuação marcadamente autoritária, centralista e intervencionista.

Conforme Niskier (1996, p.278) “a ideologia do Estado Novo marcou profundamente a educação no país”, tanto que o regime atribuía à educação escolar o papel de formar o cidadão com base nos valores atribuídos à família, à religião, à pátria e ao trabalho. A aceitação social desses valores seria a base para a construção de uma nação moderna.

Assim, o Estado Novo buscará desenvolver uma política educacional de cunho extremamente autoritário. A educação seria então utilizada como instrumento de “conformação e controle da sociedade” (HILSDORF, 2006, p.27).

Também com o objetivo de exercer esse controle social uma série de iniciativas culturais foram impostas pelo governo como a implantação de órgãos como a Universidade do Brasil, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o Instituto Nacional do Livro, o surgimento das cartilhas infanto-juvenis e dos jornais nacionais, passando também pelo teatro, a música, o cinema, pelas festas cívicas e populares e pelo controle dos mais variados meios de comunicação como o rádio e a imprensa que foi uma peça fundamental na definição e na difusão da ideologia do Estado Novo.

Em relação à imprensa, não somente as iniciativas governamentais contribuíram para a conformação do imaginário social estadonovista no Brasil mas também as revistas ilustradas. Entre as várias publicações ilustradas, de iniciativa não-governamental, temos a revista “O Tico-Tico” que, a partir de algumas de suas

seções, também colaborou para a conformação desse imaginário social, sobretudo entre as crianças.

Uma dessas seções é Meu Jornal, que mesmo sendo uma seção exclusiva destinada à publicação dos textos dos leitores da revista, demonstrava também, a partir de uma infinidade de textos a assimilação aos valores culturais propalados pelo regime estadonovista.

3.2 INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO MORAL CÍVICA E EDUCATIVA: APROXIMAÇÕES COM O CONTEXTO SOCIAL E ESCOLAR

Inseridos no contexto de profundas transformações que se segue à instituição da República Nova e do governo Vargas, os textos publicados na seção Meu Jornal eram escritos pelos próprios leitores mirins de “O Tico-Tico”.

Por serem caracterizados como escrita infantil poderíamos supor que esses textos são escritos ingênuos, descompromissados da realidade social em que foram escritos, ou ainda que tivessem apenas o objetivo de entretenimento ou distração entre as crianças.

Entretanto, o que se vê em muitos deles é uma definida orientação educativa que, na maioria das vezes, se assemelha muito ao projeto de educação nacionalista elaborado a partir da década de 1930 pelo governo autoritário de Getúlio Vargas, sobretudo no período caracterizado como Estado Novo (1937-1945).

A educação escolar no projeto estadonovista visava preparar o indivíduo para construir a nação brasileira baseado em princípios de reforço ao nacionalismo, por isso a disciplina de Educação Moral e Cívica esteve presente no currículo, assim como a valorização da História e da Geografia local e das festividades cívicas. De acordo com Hilsdorf (2006, p. 100):

Para reforçar o nacionalismo o Estado Novo destacou no currículo dos cursos elementares e secundários a importância da Educação Física, do ensino de moral católica e da educação cívica pelo estudo da História e da Geografia do Brasil, do canto orfeônico e das festividades cívicas, como a “Semana da Pátria”.

Dessa maneira, o projeto educacional defendido pelo governo no período do Estado Novo buscava desenvolver um sentimento de orgulho do espírito brasileiro, em lugar da falta de entusiasmo patriótico, descrevendo assim, parte do processo de construção da identidade nacional e da unidade cultural.

Apesar de não ser um veículo de comunicação atrelado ao governo nacional, a revista “O Tico-Tico”, sobretudo na década de 30 mantinha um relacionamento bastante próximo com as instâncias educacionais no afã de assegurar a sua presença, pelo menos, nos lares das famílias brasileiras mais abastadas e que viam a educação como um princípio importante na formação de seus filhos.

Por isso, além de manter contato as Secretarias de Educação de diversos estados do país, a revista fazia questão de referendar os princípios educacionais defendidos pelo regime estadonovista.

Estes princípios foram divulgados pela revista na forma de seções e de concursos que buscavam, às vezes de maneira mais sutil, outras de maneira bastante explícita, referendar o discurso educacional da época em questão.

Entre as seções que contribuíram, mesmo que indiretamente, para a disseminação do discurso educacional nacionalista nos moldes estadonovistas, está a seção Meu Jornal, destinada à publicação de textos escritos pelos leitores.

Nesse sentido, foi preciso problematizar o conteúdo desses textos vendo-os como documentos históricos, “como produtos da sociedade que os fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1994, p. 545), com o intuito de perceber que infância se pretendia forjar nesse período, visto que, a nosso ver muitos dos textos escritos por crianças e jovens leitores do semanário são nítidas “apropriações” do discurso cultural e educacional dominante na época.

Na década de 1930, o governo Vargas vai atuar efetivamente no que podemos chamar de processo de construção da nação que implicava na criação de uma identidade nacional para o país. Na busca pela formulação dessa identidade, Nunes (1992, p. 373) assevera que muitas das iniciativas para o cumprimento desses objetivos “foram sendo esboçadas nos livros didáticos, nos romances e nas crônicas da época, nos jornais, enfim disseminados por vários meios”.

Analisando o contexto social da década de 1930 no Brasil, é possível perceber que a ideia de nação a partir desse período será tratada com grande ênfase pelo governo, e que de acordo com Kreutz (2000, p. 325) nesse momento, a educação seria utilizada como meio disseminador dos ideais nacionalistas de

maneira nunca vista anteriormente na história do país.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que, além das iniciativas de ordem educacional, elementos como a imprensa, e em caso mais restrito, a revista “O Tico-Tico” e a seção Meu Jornal foram também artefatos culturais destinados a ajudar a forjar a identidade nacional, assim como “inventar” a ideia de nação, visto que o conceito de nacionalidade é tido por alguns autores como uma criação cultural.

Assim, o sentimento de brasilidade nasce, em nosso país, por meio da representação de determinadas realidades, ou seja, foi um sentimento criado, imaginado, pois de acordo com Hall (2001 p. 48), “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior das representações [...]”.

Conforme Chartier (1991), a noção de representação visa a atender às necessidades de manutenção de uma integridade, ou de um ethos, por parte de um determinado grupo que compõe a sociedade. Dessa forma,

A noção de “representação coletiva” autoriza a articular [...] três modalidades da relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 1991, p. 183).

Nesse sentido, pode-se afirmar que nesse processo de criação de um imaginário cultural, as crianças leitoras de “O Tico-Tico” e criadoras dos textos da seção Meu Jornal foram ao mesmo tempo receptoras e produtoras das representações culturais, com vistas a ajudar a forjar o sentimento de brasilidade, pretendido pelo Estado Novo, visto que muitos textos tinham como temática a apresentação de valores e normas de conduta pretendidos na época e estimulavam a promoção de novos hábitos, atitudes, sentimentos e virtudes apresentados como “bons” e “civilizados”.

Nesse caso, pode-se inferir que em relação aos textos classificados como “Informação” e de “Formação moral, cívica e educativa” acontece o que Roger

Chartier (2001) chama de “apropriação” do discurso cultural criado pelo governo Vargas. Conforme Chartier (2001, p.67), o conceito de apropriação:

permite vincular as duas dimensões etimológicas que estão presentes nele: apropriar-se é estabelecer a propriedade sobre algo; e, desta maneira, o conceito de apropriação foi utilizado por Michel Foucault para descrever todos os dispositivos que tentam controlar a difusão e a circulação dos discursos, estabelecendo a propriedade de alguns sobre o discurso por meio de suas formas materiais. E existe a apropriação no sentido da hermenêutica, que consiste no que os indivíduos fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.

Em vista disso, pode-se inferir que é no espaço entre o controle e a invenção que as crianças produtoras dos textos se situam, em meio a construção e a difusão de seus discursos.

Assim, parte-se do pressuposto que as representações coletivas elaboradas pelo governo Vargas influenciaram sobremaneira nas práticas de escrita infantil da seção Meu Jornal, visto que os textos atestam a adesão aos princípios culturais e educacionais da época que eram apreendidos não somente na revista “O Tico-Tico”, mas também por meio das instituições educacionais onde o discurso nacionalista também se fazia presente.

Para corroborar com essa discussão apresenta-se mais adiante alguns dos textos elencados como “Informação” e de “Formação moral, cívica e educativa” como textos que pretendiam exercer uma pedagogia moral e inculcar nas crianças novas regras de civilidade e bom comportamento, procurando impor um padrão de hábitos aos quais os indivíduos deveriam se condicionar e que sintetizavam um ideal de homem, representado em potencial na infância brasileira.

3.3 AS TEMÁTICAS INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO MORAL, CÍVICA E EDUCATIVA E O DISCURSO NACIONALISTA

Com relação às temáticas de informação e formação moral, cívica e educativa viu-se na Figura 30, que cerca de 55% dos textos publicados na seção Meu Jornal

eram de cunho informativo e formativo, isto é, referiam-se a apresentação de assuntos ou conteúdos relacionados ao universo social e escolar.

Os leitores mirins de “O Tico-Tico” publicaram cerca de 260 títulos vinculados à temática informacional e 335 textos com base em temas que privilegiaram a formação moral, cívica e educativa.

Acerca do perfil informativo das publicações infantis na seção temos uma boa quantidade de textos que descrevem, de maneira bastante didática cidades e estados brasileiros com informações acerca da localização, data de fundação, número de habitantes, entre outras informações relevantes acerca da geografia dos lugares descritos nos textos. Há também relatos descritivos sobre diversos países como Japão, México, Itália e Bélgica e acerca de pontos turísticos como a Baía da Guanabara e o Corcovado.

Foram comuns também a descrição da vida ou da origem de personalidades importantes para a história do Brasil como Anchieta, Tiradentes, Castro Alves, Olavo Bilac e Rui Barbosa, assim como de fatos históricos como a Independência do Brasil, a Proclamação da República e a fundação de cidades importantes como Rio de Janeiro, Niterói e Cuiabá.

Essas características inerentes aos textos citados vêm de encontro a alguns dos conteúdos predominantes na época como o conhecimento das realidades do país, pela geografia, ao exame amoroso de suas tradições, pela história pátria, ao mais aprofundado domínio das ideias e sentimentos comuns, pela literatura nacional, deveria juntar-se a compreensão das instituições políticas que davam corpo à nação (QUADROS, 2006 p. 67).

Em relação à saúde, as crianças publicaram uma série de textos informativos sobre as causas e os sintomas de várias doenças, assim como acerca dos males do alcoolismo, de outros vícios como o cigarro e os jogos de azar, assim como da necessidade da higiene. No texto O que o menino deve saber, Bastos (1938) expõe essa necessidade assim como a importância da higiene para a preservação da vida humana. Segundo ele:

O estudo da higiene é um dos mais importantes para o homem na sociedade, porque a higiene segundo a definição de Darwin é a arte de conservar a saúde. E esse estudo, como os demais é um ramo que se desdobra em outros, não menos importantes para que o homem desempenhe à altura o papel que lhe está reservado no viver social. Se formos recorrer a todos os períodos da história do passado

veremos aí vestígios desse estudo. O desenvolvimento da força física, cuidado e asseio do ambiente, temperatura, escolha dos alimentos – eis os elementos indispensáveis, e que fazem parte desse estudo. Assim a higiene define as diversas influências que exerce sobre a vida e a saúde humana (BASTOS, 1938, p. 21).

Esses textos se justificam em razão da problemática relacionada à saúde na época, visto que temos como um dos fatos mais relevantes na década de 1930, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública propondo a aproximação entre as temáticas no intuito de que a educação fosse utilizada também como um meio de disseminar as práticas de higienização e saúde na sociedade.

Segundo a historiadora Cynthia Machado Campos (1992, p. 151), na década de 1930 “as questões educacionais apareceram vinculadas à temática do saneamento e da higiene”. A autora ainda afirma que “a escola foi a instituição onde pareceu ser possível, naquele momento, atingir amplos segmentos da população no sentido de normalizar, homogeneizar, disciplinar, ordenar, higienizar hábitos e comportamentos”.

Meu Jornal apresentou também inúmeras descrições acerca das características físicas de uma infinidade de animais como as galinhas, camelos, gatos, grilos, sapos, lobos, cobras, entre outros animais pertencentes ou não a fauna brasileira, e ainda outros textos que referem-se a importância da água e da natureza para a sobrevivência humana.

Quanto aos textos de cunho informativo publicados pelas crianças na seção Meu Jornal percebe-se uma ênfase maior nos conhecimentos históricos, fato que pode ser verificado por meio da grande quantidade de textos que relatam biografias de grandes vultos históricos e que descrevem as características e a importância dos símbolos nacionais como a bandeira nacional.

Com relação às produções infantis que abordaram temas relacionados à formação moral, cívica e educacional, o gráfico 6 demonstra que cerca de 30% das histórias publicadas em Meu Jornal foram escritas com base nessas características.

Nessa perspectiva, esses textos em sua maioria narram histórias nas quais os personagens, geralmente crianças, apresentam comportamentos socialmente reprováveis como a maldade, a preguiça, a mentira, a desobediência e o egoísmo. Entretanto as más ações infantis relatadas nas histórias são sempre punidas com algum castigo por parte dos pais ou até mesmo em decorrência de algum acidente

como no caso da narrativa “A menina desobediente”, escrita pela leitora Cecília Alves Ferreira, de 12 anos de idade:

Numa tarde de verão fazia um forte calor, Lilian estava aborrecida de ficar em casa estudando as lições. Pediu a sua mãe para deixá-la passear. Sua mãe disse: - não vás porque estás estudando e também porque não deves ir sozinha. A menina não atendeu e foi. No caminho havia uma cobra que avançou para ela e a mordeu. A pobre menina foi obrigada a ficar um mês de cama e, arrependida jurou nunca mais desobedecer a sua mãe (“O TICO-TICO”, nº 1570, p. 11).

Geralmente, esses textos expõem o arrependimento por parte da criança e a consequente mudança de hábito. Por outro lado os bons comportamentos como a caridade, a humildade, a obediência, e o zelo pelos estudos eram sempre recompensados. Com essas características observa-se uma infinidade de textos como A menina caridosa, Uma boa ação, A bondade, A generosidade recompensada, A caridade, O menino heróico e O bom filho, como alguns dos títulos que sintetizavam o mérito das virtudes e contribuíram para reforçar os padrões de comportamento valorizados pela revista (ROSA, 1991, p 114).

Além de uma grande maioria de textos que pregam a aquisição de bons hábitos e o cultivo de valores morais desejáveis tais como a disciplina, a tolerância, o respeito à ordem, sinceridade, lealdade e a caridade, há também uma ênfase nos textos que pregam o apreço ao trabalho e aos estudos como condicionantes para uma vida feliz e completa. Essas orientações podem ser percebidas no texto Pensamento produzido pelo leitor Paulo Dantas Netto:

Trabalhar e estudar deve ser o lema ideal de todas as crianças. O estudo é a base da vida social e o trabalho a base da felicidade. O estudo dá a instrução a força e o saber, e o trabalho, vigor, saúde e riqueza. O estudo forma e aperfeiçoa o caráter. O trabalho enriquece os indivíduos. O trabalho diverte e alegra o espírito e o estudo mostra o verdadeiro caminho do moral. Sem trabalhar e sem estudar não há triunfo na vida (MEU JORNAL, 1936, nº 1630, p.11).

Assim, tanto os estudos quanto o trabalho são relatados nos textos como uma necessidade para tornar o sujeito útil à pátria e respeitado por todos. Portanto, de acordo com esse direcionamento todos deveriam trabalhar não somente para o bem da família, mas também para engrandecimento da nação.

Além dos títulos nos quais as virtudes morais são destacadas como características essencialmente necessárias para a vida futura, o amor à pátria também serviu de inspiração para a produção escrita dos leitores de “O Tico-Tico” na seção Meu Jornal.

Com base nessas peculiaridades tem-se uma série de textos que descrevem e exaltam datas comemorativas como a independência do Brasil, a proclamação da república e ainda os símbolos pátrios como a bandeira nacional. Um bom exemplo é a narrativa escrita pela leitora Lucila Monteiro de Barros em homenagem a bandeira brasileira:

A bandeira simboliza a pátria, o amor e ela desperta os corações de todos os brasileiros. O amor à pátria é o desejo de servir ao Brasil. Devemos ter para ela todo respeito e afeto. Em todas as festas nacionais a bandeira nacional é hasteada. Todos os brasileiros sentem-se orgulhosos de ver a bandeira desfraldada. Em todos os perigos de guerra a bandeira deve ser defendida pelos seus patriotas, não devemos deixar em mãos dos inimigos. A bandeira é formada por um quadrado feito de cor verde, representando as nossas florestas do Brasil. O losango de cor amarela simboliza o ouro e as riquezas minerais. Tem ao centro uma esfera azul simbolizando as amenidades de nosso clima que nos permite ver sempre o céu azul. Na esfera há 21 estrelas. (MEU JORNAL, 1937 nº 1726, p. 21).

Conforme Silva (2007, p.23), “a bandeira brasileira foi um dos símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo”. Esse fato explicaria então a grande quantidade de títulos da seção Meu Jornal que, entre os anos de 1936 e 1940, descrevem as particularidades da nossa bandeira e ao mesmo tempo recorrem a ela enquanto um instrumento simbólico importante no imaginário coletivo principalmente das crianças e dos jovens, visto que nesse período fazia-se necessário “doutrinar a juventude em relação ao sentimento de civismo e incentivar comportamentos sociais que pudessem auxiliar na construção de uma nova identidade nacional” (ARAÚJO, 2000, p.34).

Com o intuito de cumprir com esse objetivo as comemorações cívicas passaram também a assumir um papel importante, buscando além da identidade nacional, a formação da memória coletiva, sobretudo para legitimação do Estado. Esse objetivo se confirma nas palavras do menino Salvador Walter Lento, de 12 anos, que relata as festividades cívicas em comemoração ao dia da raça:

6 de setembro meus amigos, é o chamado dia da raça. Todos os colégios formam com suas roupas de trabalho, isto é, a farda cáqui, e vão saudar em frente da tribuna de honra, o nosso presidente, Sr. Dr. Getúlio Vargas. É belo apreciar a formatura dos colegiais, vem com banda de música à frente e marcham garbosamente. Alguns colégios têm corpo atlético e ciclístico, tornando-se assim mais bela e imponente a formatura. São muitos os colégios que forma, ficando filas estendidas ao longo das ruas centrais. As escolas públicas formam geralmente na praça do Russel, cantando diversos hinos, entre os quais se destaca o hino nacional. São milhares de alunos o que formam para cantar os hinos e os que marcham pelas ruas da cidade em homenagem ao grande dia mostrando a pujança de nossa raça (MEU JORNAL, 1937, nº 1720, p. 15).

Outro tema relevante nas narrativas infantis de Meu Jornal foi o escotismo²². Introduzido no Brasil por volta de 1910, o escotismo era tido como uma atividade extra-escolar, pela sua natureza destinada a complementar a educação formal das crianças e jovens. Conforme Vergueiro (2006, p. 49) “o escotismo tratava-se de um movimento que destacava a disciplina, a honra, o cumprimento dos deveres e a prática de exercícios físicos para o desenvolvimento moral e intelectual dos indivíduos”.

Por estas características esse movimento foi amplamente defendido pela revista “O Tico-Tico” que publicou uma variedade de textos que descreviam seus benefícios para a formação de seus leitores. Influenciados por esses princípios amplamente divulgados pela revista, as virtudes do escotismo foram exaltadas em algumas narrativas publicadas na seção Meu Jornal. Um exemplo é o texto “O Escotismo” publicado no exemplar de 13 de julho de 1938:

O escoteiro é um soldado da paz que desde criança, sabe amar a sua pátria, defendendo-a na paz e na guerra. Para o escoteiro, todos

²² BLOWER, Bernard David **História do escotismo brasileiro**: os primórdios do escotismo no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Movimento Escoteiro, 1994.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Forças armadas, pensamento militar e educação no Brasil na primeira metade do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. **Sempre alerta!** O Movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930). Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil, 2002.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cad. CEDES**, v. 20, n. 52, nov. 2000.

THOMÉ, Nilson. Movimento escoteiro: projeto educativo extra-escolar. **Revista HISTEDBR-Online**, Campinas, n. 23, p. 171-194, 2006.

ZUQUIM, Judith; Cytrynowicz, Roney. Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914- 1937). **Educ. Rev.**, Belo Horizonte, n. 35, jul. 2002.

são iguais, sem distinção de classe. O escotismo ensina a cultivar a moral (MEU JORNAL, 1938, nº 1710, p.21).

Além do escotismo a educação escolarizada funcionou, sobretudo a partir de 1937, como uma estratégia ideológica para a propagação do nacionalismo e das práticas difundidas pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas. O pensamento educacional da época apontava o analfabetismo²³ como causa principal de todas as crises sociais. Em virtude da atualidade do tema no período destacado, muitas críticas ao analfabetismo foram feitas pelas crianças na seção Meu Jornal assim como foi difundida a crença de sua extinção por meio da educação escolarizada. No texto do menino Paulo Dantas publicado na seção em agosto de 1938 temos esse direcionamento:

[...] Pobre o homem analfabeto. Não teve a instrução que é a luz orientadora da vida, por isso sofre e padece e é sempre perseguido pelos rudes labores da ignorância. Você pobre analfabeto faz parte da galeria imunda e vergonhosa dos analfabetos. É membro dessa galeria que tem sido a vergonha do nosso rico e grandioso país. Mas eu espero que você e seus amigos melhorem de vida, porque eu ouço falar que o nosso país está disposto a combater o analfabetismo, criando escolas por todo o território brasileiro. Se este sonho dourado se realizar, a nossa pátria contará com uma grande vitória, porque os analfabetos ficarão instruídos e deste modo saberão honrar e trabalhar pela grandeza do Brasil (MEU JORNAL, 1938, p. 21).

Como já citado a educação seria o meio mais eficaz para a dissolução dos problemas enfrentados pela atual sociedade. E teria sido essa crença no poder transformador da educação que também teria incentivado a produção de pequenas narrativas como a de Rodrigues (1937, p. 11) em que o mesmo salienta que a educação seria “a coisa mais seria que um pai poderia dar a um filho. Pois sem ela não se viveria feliz já que a educação é o símbolo da pátria, da família e do lar”. Ainda segundo o pequeno autor “O menino ou a menina mal educada é uma das mais tristes coisas que pode haver” (RODRIGUES, 1937, nº 1634, p. 11).

²³ Anuário Estatístico do Brasil 1936. Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, 1936.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, dec. 2002.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: 1940.

LOURENÇO FILHO. Estatística e educação. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 66-85, jan./mar. 1940.

Foi também por meio da seção Meu Jornal que parabenizações e agradecimentos em razão do papel educativo da revista “O Tico-Tico” foram divulgados. Esses textos falam tanto da boa iniciativa dos editores, da qualidade dos textos dos colegas leitores, assim como do empenho e comprometimento das crianças na escrita dos textos a serem publicados na seção. Com esses objetivos o menino Mariano, de apenas 12 anos, expõe em sua produção a suposta importância da revista em sua formação:

“O Tico-Tico” está preparando os homens de amanhã. É a revista mais apreciada de seu gênero. Sim porque é sem dúvida o caminho da literatura. Lendo esta bem organizada revista, a criança, o jovem não só se diverte e distrai-se, mas também toma gosto pelo estudo. Porque as colaborações que se lê e a persistência de certos colaboradores é, sem dúvida, a melhor prova que podemos dar para aqueles que a desconhecem. O progresso de escrever, o gosto pela arte literária sobe de uma maneira grandiosa. Todos os meninos querem ver algum artigo publicado. Esforçam-se. Lutam. Mas conseguem, dia a dia, melhorar seus escritos. Entregam-se a esse empenho com grande carinho e suas conversas são a ansiedade pela quarta feira que vem. Continuem, meninos do meu Brasil, a colaborar com esta revista, que um dia poderá colher os seus frutos, que um dia poderá apontar escritores que nela começaram. Continuem, jovens de minha terra, meus companheiros para que possais, mais tarde, honrar e defender, por meio de bons e doutrinários artigos, este grandioso amanhecer do Brasil.(MARIANO, “O TICO-TICO”, 1937, p.21).

A seção Meu Jornal apresentou ainda descrições sobre o cotidiano escolar no qual as crianças relatam experiências realizadas nas aulas de Física, Canto orfeônico, os exercícios realizados nas aulas de Ciências e Educação Física assim como outros conteúdos do currículo e as travessuras ocorridas no intervalo escolar. Além disso, a escola é também objeto recorrente nos textos infantis da seção, sobretudo a partir de 1937. No texto, o menino Erbon de 14 anos de idade alega que:

A escola é um estabelecimento que nos ensina o caminho do bem. É a escola que nos põe em contato com os mestres da sabedoria afim de podermos cada vez mais ilustrarmos a nossa inteligência. Lembremo-nos das grandes palavras do grande escritor Guerra Junqueiro: existe mais luzes nas vinte letras do alfabeto do que em todas as constelações do firmamento. Isto quer dizer que a escola é uma casa que todos devemabençoá-la pelo benefício que ela presta à humanidade. Foi da escola que saíram todos os grandes escritores, o imortal Humberto de Campos,o grande Coelho Netto, o

ilustre Guerra Junqueiro. Esses notáveis homens de letras passaram todos pelos bancos escolares onde aprenderam as primeiras letras (MEU JORNAL, 1938, nº 1725, p. 20).

As narrativas direcionadas à formação educacional, ao estudo, ao valor dos livros, da escola assim como ao trabalho dos professores eram exageradamente elogiosas. Geralmente, produzidas por meninos, os textos publicados expõem de certa maneira o papel dominante reservado ao homem nessa sociedade. Com algumas exceções as narrativas mais poéticas, desinteressadas ou com assuntos mais leves e amenos eram escritas em sua grande maioria pelas meninas leitoras do semanário. Uma das exceções é a narrativa da autora Ligia Póvoa Dias na qual a mesma disserta sobre o papel dos professores naquele contexto:

Mestra: soldado valente que luta contra as hostes escuras do analfabetismo. Mestra! Santa e bendita palavra! Ela encerra abnegação, amor as ciências, amor aos pequeninos que, refugiando-se no teu seio bendito e fecundo, recebera dela, da mestra, o saber, a grande luz que os conduzirá gloriosamente na senda terrena. A mestra é, por assim dizer, quem forma uma nação: é ela que ensina aos seus discípulos, o amor à pátria, às tradições nacionais, à religião, à família, à moral e à virtude. As crianças brasileiras serão o Brasil glorioso de amanhã. O Brasil de amanhã que assombrará as nações universais com sua grandeza, com seus homens, com seus sábios, com sua fecundidade. Assim sendo eles devem desde hoje amar o estudo, porque amando o estudo eles prestarão uma homenagem às mestras e formarão esse Brasil que assombrará a humanidade. Não há uma criança que não tenha um ideal. Umas aspiram ser um grande advogado, um sábio, um geógrafo, um cientista, um poeta, um general como Napoleão. Enfim em cada um desses pequeninos peitos repousa um ideal, um doce e sublime anseio para a realização desse anelo é necessário que as crianças tenham uma admiração profunda pelas mestras e, procurem por todos os meios, seguirem seus sábios ensinamentos. Que as crianças brasileiras entoem um hino de amor e reconhecimento às mestras. Eu guardo uma afeição sincera pela minha mestra do 5º do grupo. Esta humildade é um átomo de minha gratidão para com ela. Que estas linhas cheguem até aos pampas gaúchos e leve à America a minha admiração. Que assim seja (LIGIA POVOA DIAS, 13 anos, MEU JORNAL, 1938, nº 1706, p. 21).

Assim como na maioria dos textos produzidos a partir dessa temática a narrativa da menina demonstra uma série de características que foram amplamente utilizadas pelas crianças e jovens leitores/autores da seção como o tom de aconselhamento, o uso de linguagem bastante formal, a partir do cunho moralizante e patriótico.

Com relação à frequência com que os temas foram escritos revela-se que entre 1936 e 1937 tem-se a predominância de uma maior quantidade de textos com características mais infantis, com enredos mais amenos. A partir de 1937, entram em evidência os textos com narrativas em tom de aconselhamento com grandes textos de louvores a pátria ao trabalho e ao estudo.

Muitos daqueles que eram crianças em 1935 e escreviam textos com linguagem mais simples, a partir de 1937, já exibem narrativas muito bem construídas e totalmente favoráveis aos valores nacionalistas imperantes na época.

Percebe-se também que na medida em que a seção Meu Jornal evoluiu, também evoluíram a qualidade dos textos publicados pela seção. Ao passo que também foi notado que à medida que os autores/crianças cresceram lendo e publicando os textos na seção, nota-se em seus escritos uma apropriação cada vez maior aos discursos da época.

Pode-se dizer a partir das informações apreendidas até o momento que a revista “O Tico-Tico” exerceu, de maneira bem competente e persuasiva o papel de disseminadora dos princípios culturais do período, visto que ao incentivar a produção escrita das crianças não somente publicou, mas também direcionou as práticas de escrita de seus leitores, já que as temáticas apresentadas pelas crianças em suas produções são as mesmas veiculadas pela revista “O Tico-Tico” até mesmo porque conforme Rosa (1991, p. 237), “a revista foi irredutível na posição de publicar outros assuntos a não ser aqueles de cunho leve, divertido e instrutivo”.

É possível inferir então que a seção Meu Jornal foi um dos instrumentos pelos quais a revista orientou e manipulou as práticas de escrita infantil de seus leitores por meio da apropriação de discursos socialmente relevantes para a preservação dos valores culturais, sociais e políticos imperantes na época.

Sustentada assim pelo discurso de fornecer à infância brasileira uma leitura sadia e de induzir seus leitores ao útil e ao bom, através de ensinamentos saudáveis e exemplos edificantes, a revista “O Tico-Tico” manteve-se atrelada a um modelo moralista, cívico-pedagógico e conservador que pretendia inculcar crenças, valores e práticas calcadas nas concepções republicanas da década de 1930.

3.4 A PRÁTICA DE ESCRITA DAS CRIANÇAS E A TEMÁTICA: ENTRETENIMENTO

É importante ressaltar que os textos escritos pelas crianças na seção Meu Jornal não estavam somente vinculados aos temas “Informação” e “Formação moral, cívica e educativa”. Uma grande quantidade deles, cerca de aproximadamente 474 títulos dos mil textos publicados na seção Meu Jornal entre os anos de 1935 e 1940 versavam sobre a temática “Entretenimento”.

Mas, antes de analisar o conteúdo desses artefatos culturais que circularam na seção Meu Jornal e que são por considerados como entretenimento, faz-se necessário deixar claro nossa posição em relação à produção de efeitos sobre o público que teve acesso leitura de “O Tico-Tico”, ou seja, as crianças.

Nesse sentido, concorda-se com Chartier (1992), quando se analisa o fato de que não existiu uma leitura única da revista, ou seja, as crianças, não alcançaram o mesmo entendimento, mesmo havendo por parte do autor a construção de várias estratégias para garantir uma forma única de compreensão, uma vez que, para Chartier (1992, p. 213), “o leitor é sempre visto pelo autor como necessariamente sujeito a um único significado, a uma interpretação correta e a uma leitura autorizada”.

Em vista disso, o seu conteúdo não obteve uma eficácia absoluta, ou seja, nem todas as crianças leitoras do semanário escreveram textos vinculados ao direcionamento cultural estabelecido na época. Isto se deu, por haver uma relação de tensão permanente entre texto e leitor, causada pelo ato que apreende e decifra o texto.

A partir desse ponto de vista, a leitura diz respeito a “[...] uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros, visto que ler é uma resposta, um trabalho, ou como diz Michel de Certeau, um ato de ‘caçar em propriedade alheia’” (CERTEAU, 1992, p. 214).

Todavia, se de um lado o texto não tem uma eficácia absoluta, ou seja, o autor não consegue proporcionar um único sentido para aquilo que ele escreve, não consegue garantir uma compreensão legítima, o leitor também não tem uma autonomia absoluta, pois a liberdade do mesmo está condicionada a um determinado tempo e espaço, a um campo de possibilidades.

Assim, o texto, que é o objeto que comunica é interpelado pelo ato que o apreende, ou seja, a leitura. “Conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores” (CHARTIER, 1992, p. 215).

Nesse sentido, pode-se crer que cada leitor faz uma leitura diferente em virtude de variabilidades como classe social, sexo, idade e nível de escolarização, e que provavelmente essas peculiaridades circunscritas a cada leitor teriam feito com que o discurso cultural do momento analisado tenha sido absorvido em maior ou menor grau.

Com relação aos textos publicados pelas crianças nessa vertente, tem-se a narração das peripécias de personagens fictícios ou até mesmo delas próprias, em ocasiões como festas populares assim como o Carnaval, Natal e os festejos juninos. Há também anedotas e histórias engraçadas nas quais os personagens se utilizam de esperteza e malícia para enganar o próximo e se beneficiar da ingenuidade alheia.

Por essas características, parece legítimo dizer que, nessa categoria, o discurso incorporado vem de encontro ao perfil dos próprios personagens das histórias em quadrinhos publicadas pela revista e seus exemplos de comportamento.

Nota-se que várias das histórias publicadas são adaptações de fábulas conhecidas como A raposa e a cegonha, O leão e o rato e a Tartaruga e a lebre. Mesmo tomando como exemplo histórias conhecidas de autores renomados como Esopo e La Fontaine, julga-se que um dos objetivos para a publicação dessas histórias passa pela necessidade de manter fiéis os leitores por meio de incentivo à produção escrita das crianças visando a publicação na revista. De acordo com Rosa (1991, p. 115) “geralmente as colaborações que vinham sob a forma de adaptações ou traduções eram de crianças e jovens educados por preceptores ou orientados por professores particulares”.

Também foram muito comuns os poemas e textos em prosa com enredos amenos sobre a natureza, a vida no campo, viagens, as brincadeiras infantis, descrições de lugares e passeios em parques, piqueniques e narrativas sobre as férias escolares.

Muitos dos textos em prosa eram baseados em contos de fadas com ênfase nas histórias de princesas e em desfechos idealizados e felizes. Contudo, também não faltaram as histórias de aventuras, muito apreciadas pelos leitores mirins no

semanário, visto que narrativas com o tema em questão foram relativamente frequentes na revista durante o período proposto para a análise.

Entretanto, é difícil mencionar especificamente, os textos ou materiais da revista “O Tico-Tico” que poderiam ser classificados apenas como entretenimento. De certa forma, toda e qualquer seção ou texto da revista atendia tanto aos propósitos lúdicos quanto ao propósito de levar ensinamentos necessários para a formação de um tipo de cidadão que os editores e colaboradores da revista entendiam como indispensáveis no contexto da época (VERGUEIRO; SANTOS, 2006, p. 162).

Tanto que pelo menos na seção Meu Jornal nunca foram publicadas histórias com enredos alusivos a mistérios, crimes, assassinatos ou fatos equivalentes. Muito pelo contrário, as histórias apresentavam em sua grande maioria teor bastante infantil e ingênuo.

Foi possível perceber também a partir de uma análise minuciosa acerca das histórias publicadas e consideradas nesse estudo como entretenimento, que somente uma pequena parte destes textos são anedotas ou narrativas de aventuras sem compromisso nenhum com o papel educativo da revista.

Assim, pode-se inferir que até mesmo os textos considerados como fontes de entretenimento contribuíram para disseminar as práticas de leitura e escrita no país, visto que até mesmo os leitores mais humildes podiam adquirir exemplares do semanário, pois de acordo com Rosa (1991, p. 157), “o preço da revista, aproximadamente 500 réis, correspondia a dois níqueis que comumente as crianças recebiam quando levavam recados, transportavam volumes, faziam entregas domiciliares e engraxavam sapatos”.

Por esse motivo entende-se que apesar do objetivo de levar diversão e entretenimento às crianças, educá-las também era uma premissa fundamental, até mesmo porque pode-se crer que foi a partir da aceitação da revista a esses princípios que a mesma conseguiu manter fiel seu público leitor durante 50 anos, já que mesmo sendo uma revista endereçada ao público infantil, “O Tico-Tico” a partir de sua estratégia editorial fazia questão de cativar aos pais, pois nesse período as leituras infantis para chegar as mãos dos pequenos certamente deveria passar pelo crivo e aceitação dos familiares.

Essa ideia de educar brincando também estava em consonância com os mais recentes métodos pedagógicos e com uma orientação que, conforme Gonçalves

(2011) também estava presente n"O Tico-Tico". Reafirmando esse pressuposto pode-se salientar que:

Desde 1935 a revista "O Tico-Tico" antevê contatos regulares com autoridades educacionais de todo o país, por intermédio de ofícios e circulares, assim os responsáveis pela revista asseguravam o apoio de diretores de serviços de instrução e de grupos escolares (ROSA, 1991, p. 110).

Desse modo pode-se inferir que até mesmo a temática de entretenimento presente na revista "O Tico-Tico" foi alicerçada pelos pressupostos que tinham como premissa a formação de um cidadão e de um discurso ideais para a República, que se tornaram evidentes nas práticas de escrita infantil divulgadas pela seção Meu Jornal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se assinalou e se observa pela leitura, esta dissertação foi organizada a partir de duas seções: na primeira, são apresentadas particularidades acerca do suporte: a revista “O Tico-Tico”, na qual itens como materialidade, forma do impresso, composição gráfica, perfil dos leitores e das diversas seções de “O Tico-Tico”, inclusive da seção “Meu Jornal” foram abordados para melhor compreensão do impresso, que apesar de não ser caracterizado como pedagógico, pode ser um vestígio importante para a compreensão do fenômeno educativo vivido no Brasil na década de 1930.

Na segunda seção foi apresentada uma análise dos textos escritos pelas crianças leitoras de *O Tico-Tico* e publicados na seção Meu Jornal, por meio das categorias “Entretenimento”, “Informação” e “Formação moral, cívica e educativa”, bem como suas relações com o discurso educacional disseminado na época.

Ao longo da pesquisa buscamos responder ao seguinte questionamento: “Qual a proposta de formação para a criança posta em circulação pela revista *O Tico-Tico* entre os anos de 1935 e 1940 no Brasil? Sem a pretensão de ser conclusivo, mas com o intuito de apontar caminhos, esse estudo buscou compreender como a Revista *O Tico-Tico* se caracteriza como um impresso que, de maneira informal, buscou veicular e disseminar às crianças, um discurso pedagógico e educativo bastante próximo daquele oficializado pelo Estado Novo.

Como já ressaltado, a revista não era um impresso oficial, mas mesmo assim teve grande aceitação por parte dos pais, visto que estes também teriam sido leitores do semanário já que muitos dos anúncios veiculados pela revista estariam endereçados aos familiares das crianças, sobretudo às mães, fato este que garantiu ao “Tico-Tico” a presença constante nos lares das famílias brasileiras mais abastadas, mesmo porque a revista era tida pelos pais como um instrumento educativo de valor.

Também os professores e as instituições educativas de todo o país avalizaram a leitura de “O Tico-tico” e mantiveram contato direto com a mesma, seja por meio do envio de fotografias que ilustravam o cotidiano escolar ou até mesmo a partir da oficialização de grandes concursos patrióticos lançados pela revista a partir de 1935.

Aferimos também que, apesar de seu perfil de impresso destinado ao

entretenimento das crianças, “O Tico-Tico” foi fiel ao seu propósito educativo, apresentando em seu bojo, sobretudo a partir de 1935, uma infinidade de seções que tinham como intuito a instrução dos pequenos leitores mirins, assim como a adoção destes aos princípios moralizantes e patrióticos defendidos pelas instituições educativas do momento em questão.

Estes princípios foram divulgados pela revista na forma de seções e de concursos que buscavam, às vezes de maneira mais sutil, outras de maneira bastante explícita, referendar o discurso dominante naquele momento.

Assim muitas das seções publicadas pelo periódico se caracterizam como estratégias de divulgação de saberes ou mesmo discursos defendidos pelas instâncias oficiais do período compreendido entre 1935 e 1940.

Partilhando desse mesmo objetivo a seção “Meu Jornal”, foco de nossa pesquisa, revela que o discurso disseminado pelas instituições educativas da época foi apropriado pelas crianças leitoras do semanário. Isso pôde ser percebido a partir da análise dos textos infantis realizadas a partir das categorias “Formação moral, cívica e educativa” e “Informação”.

Por meio das categorias “Informação” e “Formação moral, cívica e educativa” descobriu-se que grande parte dos textos escritos pelas crianças e publicados na seção “Meu Jornal” tinham como tema os conteúdos escolares, a história e a geografia local, a valorização da moral, da instrução, do trabalho e da família, bem como do respeito e a valorização dos símbolos nacionais, do patriotismo e a nacionalidade, princípios estes que foram os pilares centrais do regime estadonovista nesse período.

Nesse caso pode-se inferir que em relação aos textos classificados como “Informação” e de “Formação moral, cívica e educativa” acontece o que Roger Chartier (2001) chama de “apropriação” do discurso cultural criado pelo governo Vargas.

Por intermédio da leitura desses textos julga-se que esses princípios foram apropriados pelas crianças leitoras do semanário e utilizados como matéria-prima para a prática de escrita infantil da seção *Meu Jornal*.

A nosso ver, elas estiveram expostas a esse discurso por meio da leitura da própria revista e dessa maneira, manipularam e apreenderam o discurso em circulação e por meio dele produziram seus próprios artefatos culturais, ou seja, os textos publicados na seção *Meu Jornal*.

É possível inferir então que a seção *meu Jornal* foi um dos instrumentos pelos quais a revista orientou e manipulou as práticas de escrita infantil de seus leitores por meio da apropriação de discursos socialmente relevantes para a preservação dos valores culturais imperantes na época.

Entretanto, além dos textos que primavam pela defesa do discurso educacional estadonovista, as crianças também escreveram textos que estariam subordinados à outra temática, que chamamos de “Entretenimento”, na qual as mesmas teriam tido preferência por temas mais relacionados à vivência cotidiana, as brincadeiras, passeios e o cotidiano da vida familiar.

Nesse caso foi possível notar que a idade das crianças esteve diretamente relacionada à temática escolhida para a escrita dos textos, ou seja, quanto mais nova a criança, maior a predileção pelos temas mais amenos e divertidos. Em contrapartida, quanto maior a idade, maior a apropriação do discurso dominante.

Nos textos que versavam sobre a temática “Entretenimento” ressaltamos que possivelmente as crianças menores teriam tido uma certa resistência aos temas instrutivos defendidos pela revista até então, exercendo uma postura que Michel de Certeau (1990) chama de “tática” pois esta permitiu que as crianças produtoras dos textos pudessem manipular e alterar as “estratégias” de imposição do discurso veiculado pela revista no período em questão.

Dessa forma é possível demonstrar, nesse caso, um certo distanciamento entre o prescrito na revista e o praticado na produção escrita infantil das crianças com menos de nove anos de idade, o que evidencia que o discurso do periódico não teria funcionado de maneira tão eficaz como dispositivo de conformação nas práticas de escrita, pelo menos entre essas crianças de menos idade, até mesmo porque estas dependem do modo como os discursos foram apropriados pelas mesmas.

Nesse sentido concordamos com Roger Chartier (1992), quando analisamos o fato de que não existiu uma leitura única da revista, ou seja, as crianças não alcançaram o mesmo entendimento, mesmo havendo por parte do autor a construção de várias estratégias para garantir uma forma única de compreensão, uma vez que, para Chartier “o leitor é sempre visto pelo autor como necessariamente sujeito a um único significado, a uma interpretação correta e a uma leitura autorizada” (CHARTIER, 1992, p. 213).

Em vista disso, o seu conteúdo não obteve uma eficácia absoluta, ou seja, nem todas as crianças leitoras do semanário escreveram textos vinculados ao

direcionamento cultural estabelecido na época, até mesmo porque além do perfil instrutivo, a revista também ofereceu às crianças uma série de atividades mais ligadas ao entretenimento como as histórias em quadrinhos, os jogos e as brincadeiras.

Todavia, se de um lado a revista não teve uma eficácia absoluta, ou seja, o autor não conseguiu proporcionar um único sentido para aquilo que escreveu, o leitor também não tem uma autonomia absoluta, pois a liberdade do mesmo está condicionada a um determinado tempo e espaço, a um campo de possibilidades.

Nesse sentido pode-se crer que cada leitor faz uma leitura diferente em virtude de variabilidades como classe social, sexo, idade e nível de escolarização, e que provavelmente essas peculiaridades circunscritas a cada leitor teriam feito com que o discurso cultural do momento analisado tenha sido absorvido em maior ou menor grau.

Mas apesar disso, pode-se dizer a partir das informações apreendidas até o momento, que a revista *O Tico-Tico* exerceu, de maneira bem competente e persuasiva o papel de disseminadora dos princípios culturais do período, visto que ao incentivar a produção escrita das crianças não somente publicou, mas também direcionou as práticas de escrita de seus leitores, já que as temáticas apresentadas pelas crianças em suas produções são as mesmas veiculadas pela revista *O Tico-Tico*.

A criança encontra na revista a representação do discurso estadonovista, que mesmo ausente, se faz presente por meio do periódico que apresenta e representa as ideias propostas pelo regime em questão. Chartier (1991) assinala que a representação só tem existência à medida que comanda atos, lembra a ausência do que é representado. O periódico dissemina o discurso aceito pelas instituições educacionais do período sobre qual deveria ser o tipo de formação adequada as crianças leitoras do semanário e ao fazer isso, impõe uma verdade e constrói identidades que podem ou não ser aceitas.

Nesse sentido pode-se afirmar que a revista *O Tico-Tico*, por meio da seção Meu Jornal manteve como proposta a formação de cidadãos que valorizassem a moral, a família, o trabalho, a instrução, a civilidade, o patriotismo e o sentimento de brasilidade, valores estes que foram amplamente estimulados pelas instituições educacionais no período conhecido como Estado Novo, visto que muitos textos tinham como temática a apresentação de valores e normas de conduta, regras de

civilidade e de bom comportamento, procurando impor um padrão de hábitos aos quais os indivíduos deveriam se condicionar, e que sintetizavam um ideal de homem representado em potencial na infância brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris B. **Um periódico juvenil: civilidades nas páginas do “Clarim”**. ASPHE. Porto Alegre, 2010.

ANDREOTTI Azilde L. **O governo Vargas e o equilíbrio entre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova**. Histed-Br, Unicamp, São Paulo, 2006. Disponível: <https://www.google.com.br/search?newwindow=1&biw=1440>. Acesso em: 23 out. 2014.

ARAUJO, Maria Celina D'. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. (Coleção Descobrimos o Brasil).

ARAUJO, Bento Alves; CURADO, Jaime Fleury. O centenário da revista O Tico-Tico. In: FREITAS, Lena Castello Branco. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. n. 20, (2009) -- Goiânia: Asa Editora, 2009. Disponível em: <http://www.ihgg.org/Arquivos Upload/1/file/Revista%20do%20IHGG%20N%2020.pdf>. Acesso em 04 abr. 2014.

AZEVEDO, Fernando. **A educação e seus problemas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, 1976.

BARBOSA, Marialva C.. Imprensa e encenações de modernidade no início da República. **Vivência Rio Grande do Norte**, v. 38, 2011, p. 129-142.

BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMPOS, Cynthia Machado Campos. **Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)**. São Paulo: Dissertação [mestrado em História]. PUC – SP. 1992.

CARDOSO, Athos Eichler. **Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse: A verdadeira origem francesa d'O Tico-Tico**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal. set. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1506-1.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In: COSTA, Wilma P. da; LORENZO, Helena Carvalho de (orgs.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1989, p. 115-132.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (Org.) **Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998, p.31-40.

CASTILLO Gomez, Antonio. 2001. **História de la cultura escrita**. Del próximo oriente antiguo a la sociedad informatizada. Asturias, Espanha: Ediciones Trea, 2001.

CATANI, Denice. **A imprensa periódica educacional**: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 10, n. 20, p.115-130, jul./dez, 1996.

CATANI, Denice B.; BASTOS, Maria Helena Camara. Apresentação. In: _____. (Orgs.) **Educação em revista**. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. Av.** , São Paulo, v. 5, n. 11, abr. 1991.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTO, Miguel. **O problema nacional**. Brasília: Senado Federal, 1927. p. 111-120. (Carta – falas, memórias, reflexões, n. 5)

CUCUZZA, Rubén e PINEAU, Pablo. **Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura em Argentina**. Del catecismo colonial a la razón de mi Vida. Buenos Aires: Niño y Dávila, 2002

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRAGA., Andréia Silva. **Imprensa estudantil e práticas de escrita e leitura**: a revista “O Estudo” (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1994.

GONÇALVES, Roberta Ferreira. **A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UERJ, 2011.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Pulsões culturais no início do século XX: grêmios literários, conferências, teatro e música em Uberabinha, MG, 1908 – 1920**. In: SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **História da educação pela imprensa**. Campinas, São Paulo: editora Alínea, 2007.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. A construção de uma infância escolarizada: a escola na literatura infantil (1900-1935). **Educação em Revista**. n 29, Belo Horizonte, 1999.

GUTMANN, Juliana Freire. **Aspectos audiovisuais do infotainment: o CQC como propósito de análise**. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional Televisão e realidade em Salvador/ BA, 2008. Disponível em: <<http://www.tvrealidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Ju%20Gutmann.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2014.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro, 2001.

HANSEN, Patrícia. S. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

HEMEROTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. **Álbum corográfico do Brasil: edições instrutivas**. Revista O Tico-tico, 1959. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pasta=ano%20195&pesq=>>>. Acesso em: 20 out. 2014.

HILSDORF, Maria Lucia Speedo. **História da educação no Brasil: leituras**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

INSTITUTO ANTARES. **Almanaque do Tico-Tico**: Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Ed: Consultor, 2006.

KREUTZ, Lúcio. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, [org.] **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, 2000.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: COSTA, Wilma P.; LORENZO, Helena C. de (orgs). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p. 97-114.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LOBATO, Cláudio. **Economia cafeeira e industrialização no Brasil**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/historiab/republica-cafe-industrializacao.htm>>. Acesso em 13 jan. 2015.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA. In: GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINS, Ana Luisa. **Revista em revista**. Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

MATE, Cecília Hanna. **Tempos modernos na escola**: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira. Bauru-SP: EDUSC; Brasília, DF: INEP, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENNA, Ligia Regina Maximo Cavalari. **A literatura infantil além do livro**: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-tico. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-tico**: um século de histórias em quadrinhos no Brasil. Dissertação (mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

NISKIER, A. **Educação brasileira**: 500 anos de história, 1550–2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

NÓVOA, António. **A imprensa de educação e ensino**. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

NUNES, Clarice. **História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. Teoria e Educação**. Dossiê História da Educação. Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

PATROCLO, Luciana Borges. **Os impressos para crianças como fonte de pesquisa em história da educação**: uma análise da coluna lições do vovô da revista o tico-tico. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03%20fontes%20e%20metodos%20em%20historia%20da%20educacao.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2014.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

Revista O Tico-Tico, Rio de Janeiro. 11 outubro. 1905. nº 1, p. 03, (fac símile). In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto E (org.). **O Tico-Tico: Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Opera Graphica, 2005.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 10 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico: mito de formação sadia**. São Paulo. USP: 1991. Tese de doutorado.

SANTOS, Roberto Elísio. **Dimensão cultural da revista O Tico-Tico**. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto E (org.). **O Tico-Tico: Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Opera Graphica, 2005. p. 121 - 124.

SAVIANI, Demerval. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Eliazar João da. **A taça do mundo é nossa! O futebol como representação da nacionalidade**. Governador Valadares: Ed. Univale, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. Templos de espetáculos e ritos. In: SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Ed UNESP, 1998. pp 241-278.

SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: SOUZA, R. F.; SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

STEPHANOU, Maria; BASTOS; Maria Helena Camara (Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 3. Século XX.

THEODORO, Fernanda Roveri. **A roupa infantil nas revistas destinadas às crianças (década de 1950): modos de educar os corpos de meninos e meninas**. 9º Congreso Argentino y 4 Latinoamericano de Educación Física y Ciencias. Universidad Nacional de La Plata. 13 al 17 de junio de 2011. Disponível em: <<http://congresoeducacionfisica.fahce.unlp.edu.ar/9o-ca-y-4o-la-efyc/publicaciones-actas/Theodoro%20Roveri.M17.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2014.

FONTES

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1527, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1532, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1532, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1548, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1551, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1558, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXI, n.1570, 1935.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1630, 1936.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1633, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1683, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1710, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1720, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1725, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1726, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXIII, n.1744, 1937.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXV, n.1687, 1938.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXV, n.1702, 1938.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXV, n.1706, 1938.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXV, n.1717, 1938.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVI, n.1741, 1939.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVI, n.1742, 1939.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVI, n.1750, 1939.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVI, n.1770, 1939.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVII, n.1797, 1940.

REVISTA O TICO-TICO, Rio de Janeiro, Editora O Malho, ano XXXVII, n.1810, 1940.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro: Editora O Malho, nº 1753, 1939.

**APÊNDICE A: TABELAS COM OS TÍTULOS E TEMÁTICAS DOS TEXTOS DA
SEÇÃO MEU JORNAL ENTRE 1935 E 1940**

Tabela 1. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1935

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
Bode.	X		
Aquele São Pedro.			X
A pulseira roubada.	X		
Um sonho			X
O surdo	X		
A Maldade da Velha			X
O amanhecer	X		
São Cristovam		X	
Pelo mundo afora	X		
A princesa e a fada	X		
Van Dyck		X	
Exílio	X		
À mocidade	X		
São João			X
Generosidade			X
A praça Tiradentes		X	
Salada de frutas	X		
A boa menina			X
Regenerado			X
Carta		X	
O ratinho			X
O macaco e o coelho	X		
A firme resolução			X
A roseira	X		
Sexta-feira da paixão			X
Paisagem campestre		X	
Uma briga	X		
Aneidota	X		
A princesa e a mendiga			X
O menino bem educado			X
Perguntas	X		
A vingança do pequeno chapéu			X
Em leilão	X		
Ideias do José	X		
A boca		X	
Um jardim particular		X	
Aneidota	X		
Obediência recompensada			X
A união faz a força			X
Perguntas	X		
Niterói		X	
As aventuras de Zezé	X		
A mais bela das flores			X
A girafa		X	
A menina orgulhosa			X
A roseira	X		
Um sururu na quitanda	X		
No cinema		X	

A guerra			X
Bela união			X
Pelo escotismo		X	
Antigos amigos	X		
O menino benévolo			X
O chupim e os filhos		X	
Japão		X	
O leão e o ratinho			X
Minas		X	
Beleza em duas festas	X		
Relembrando a descoberta do Brasil		X	
Religiões antigas		X	
Olavo Bilac		X	
Uma manhã na roça	X		
México		X	
A cidade de Botucatu		X	
Ao cair da tarde	X		
Pobre, mas contente			X
Bruxelas		X	
Noite de São João	X		
A tempestade	X		
O castigo bem merecido			X
A desobediência			X
A desobediente			X
O guri não é da música	X		
O urso		X	
O milagre			X
O jornaleiro	X		
Uma boa ação			X
Insensível	X		
Historia do macaco e a viola	X		
Bom coração e boa resposta			X
Versos	X		
Uma aula de musica		X	
Uma boa ação			X
História de Mohamed Din		X	
As belezas do meu Brasil		X	
Meu Brasil			X
O guarda marinha Greenhalgh		X	
O povo fenício		X	
O castigo da maldade			X
Virtudes divinas			X
Um sonho			X
O bom e o mau coração			X
Balão de São João	X		
O vendedor de jornais	X		
Os fios de prata de Maria	X		
Poesia da tarde	X		
Anedota	X		
O veado		X	
A menina do coração de ouro			X
Necessidade da educação maternal			X
A triste morte de Plutão	X		
Deus lhe pague	X		
O cachorrinho	X		
Anedota	X		
O barqueiro	X		
Quem muito quer			X

A fazenda boa esperança			X
Os ursos		X	
Dialogo a vida		X	
As três Marias		X	
Um castelo	X		
A idade paleolítica		X	
Os flamingos		X	
A caridade			X
Ginástica		X	
Nova Iguaçu		X	
A historia e a pré-história		X	
O tico-tico		X	
Bravura	X		
O Maranhão e os franceses		X	
Vestidos compridos		X	
A fazenda	X		
Fabula chinesa			X
O dia da América		X	
A paixão do sabiá	X		
A origem da expressão era uma vez	X		
O elefante		X	
O teimoso			X
Sermão a ladrões			X
O espirro do bicho homem	X		
O tigre		X	
O gato e o rato	X		
O bebe	X		
O saco da terra			X
7 de setembro de 1822			X
Pernambuco		X	
A galinha de ouro			X
Os brinquedos		X	
A baía de Guanabara		X	
A bandeira brasileira			X
Os pintinhos		X	
O Joãozinho cabeçudo e os anões	X		
Elza e as fadas	X		
Feiosa			X
O menino pobre			X
O ovo de Colombo	X		
O mamão	X		
A justiça	X		
Surpresa	X		
Flavia			X
A menina desobediente			X
Como um pobre torna-se rico			X
O ladrão			X
Um passeio ao Corcovado	X		
Os assírios		X	
O café		X	
A invenção do papel		X	
Suave milagre	X		
As duas irmãs			X
O consertador de nariz	X		
Uma brincadeira de mau gosto	X		
Um túnel formidável		X	
O gato pirata	X		
Todos são iguais		X	

As flores de laranjeira	X		
O álcool		X	
A moça romântica	X		
Historia do gato		X	
A justiça	X		
Ultimo dia			X
Vendedor de frutas	X		
Mimosa	X		
A mãe e o filho			X
O cafeeiro		X	
O desobediente			X
Uma paisagem		X	
As três criadas			X
O palácio Itamaraty		X	
Teimosia		X	
Os sonhos	X		
O cinema			X
O flautista	X		
A maldade castigada			X
O menino estudioso			X
O murucututu	X		
O rio	X		
7 de setembro			X
As más companhias			X
A feira de amostras		X	

Tabela 2. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1936

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
A caridade			X
Cristovão Colombo		X	
A liberdade			X
A promessa de Pai João	X		
Estrela de natal	X		
Lúcia, a pobre órfã			X
A ingratidão			X
A guerra e a paz			X
O cão	X		
As aranhas		X	
A má companhia			X
O desobediente			X
As duas meninas			X
Lágrima	X		
O mentiroso			X
Porque o Murilo levou um tapa	X		
A vingança do Zezé			X
A desobediência			X
Quando o Brasil era colônia		X	
O castigo			X
Meu jardim	X		
Tarde	X		
A bandeira			X
O útil e o belo	X		
O mentiroso			X
Paisagem		X	
A madrinha do anão	X		
Um castigo			X
A festa dos pombos brancos			
A empregada maluca	X		
A onça e o gato	X		
Generosa ação			X
A vingança do macaco	X		
Um castigo			X
Cidade do Rio de Janeiro		X	
Sonho	X		
Aventuras do Burro bofetada	X		
O teimoso			X
Fundação de Porto Alegre		X	
13 de maio		X	
Festa de São João	X		
O menino mau			X
Versinhos	X		
A bandeira brasileira		X	
Lenda árabe	X		
Historia de Natal			X
O medroso			X
Aleluia		X	
A bondade			X
A viagem de Seu Chico	X		
Modernismo	X		

Natal		X	
Hoje e amanhã			
O circuito da Gávea		X	
São João		X	
Uma paisagem paulista		X	
O desobediente			X
Um egoísta			X
Férias de inverno	X		
A noite de São João	X		
Escoceses		X	
A tarde	X		
A galinha ruiva	X		
Hino à bandeira do Brasil		X	
Era noite de São João	X		
O livro		X	
Versinhos	X		
O macaco e o coelho			
Juvenal	X		
Meu Brasil			X
Na rua		X	
A bola de sabão	X		
A instrução			X
As maçãs			X
Deus			X
Mendigo			X
Um menino mau			X
Orgulho castigado			X
A casinha dos Anões	X		
A pequena Paris do Balkans		X	
Todo serviço merece recompensa	X		
A New York chinesa		X	
Os animais estranhos		X	
História de Erilda	X		
Carlos Gomes		X	
O natal de Yang Yu	X		
Ao nascer do dia	X		
O coelho e o jaboti			
Carlos e a bicicleta	X		
Lia			X
Anedota	X		
Impressão sobre corridas em São Paulo		X	
Entre Judeus	X		
O malvado			X
7 de setembro		X	
O bondoso	X		
O cair da tarde	X		
As três bolas	X		
O alcoolismo		X	
A mandioca		X	
Conto		X	
A bandeira		X	
Castro Alves		X	
A dor do Vovô	X		

Anchieta, o apóstolo do Brasil		X	
O mendigo	X		
O menino orgulhoso			X
Um desastre			
Anedotas	X		
A água		X	
O presepe		X	
A casa das andorinhas		X	
O valentão	X		
Os faquinhas		X	
A cegonha e a raposa	X		
O bilhete premiado	X		
A mina de petróleo	X		
O sapo encantado	X		
Menino desobediente			X
Dia de verão		X	
O grilo	X		
Santos Dumont		X	
O pobre jornaleiro	X		
O sabiá sábio	X		
O orgulhoso			X
A caridade			X
Os grilinhos		X	
Os bandeirantes		X	
Jimbaúba			
Velhice Amparada	X		
A pomba azul	X		
O grilo	X		
A estrada de ferro		X	
Um piquenique no alto da Boa Vista	X		
Uma visita inesperada	X		
A água		X	
O estado do Espírito Santo		X	
Os dois ratos	X		
A laranja	X		
Fabula russa			X
O bom menino			X
A caçada	X		
O burro		X	
As arvores		X	
O bom menino			X
O regenerado	X		
A arvore		X	
A vida	X		
O bem te vi	X		
Humorismo	X		
História dos bonequinhos	X		
Herói	X		
O vento	X		
Minha pátria			X
O teimoso			X
Caboclo do Norte	X		
Giotto		X	
Rio de janeiro		X	

Presença de espírito	X		
Rui Barbosa		X	
O pobre cego			X
A lenda do vinho	X		
Noites tradicionais		X	
A água da fonte do Guarachú			X
O desejo dos irmãos	X		
Noite de trovoada	X		
O tempo	X		
Iracy	X		
Anedota	X		
Dois amigos	X		
Salve 12 de outubro de 1936			X
Teatro no Brasil		X	
Más companhias			X
Eu quero o meu papai	X		
Anedotas	X		
Carta a um amigo pedindo colocação	X		
Estados físicos dos corpos		X	
A fada Luana e Eli, a princesinha	X		
Duas esmolos			X
O orgulho			X
O rato da despensa	X		
O menino heróico			X
O castigo	X		
Jesus			X
Os tamoios		X	
A raposa e o veado	X		
Novenas		X	
Maravilhosa		X	
O trabalho			X
Discurso de Rachel Espírito Santo			X
A vontade			X
A gota d' água	X		
As árvores		X	
Grande surpresa	X		
Pensamento			X
O castigo do príncipe			X
O matuto mineiro	X		
A lenda da bandeira		X	

Tabela 3. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1937.

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
Inocência			X
Tudo que deus faz está bem feito	X		
A morte do barão do Rio Branco		X	
No próximo Natal	X		
Mentiras	X		
Ave Maria			X
Cormélia, mãe dos grachos		X	
Triste natal Mãe e filho	X		
Pedido de natal	X		
O castigo			X
Eles se defendem	X		
Nascimento de Jesus		X	
A onça e o urso			X
Rafael		X	
Rio de Janeiro		X	
Na escola	X		
Coelho Neto		X	
O velho rei			X
Um passeio		X	
A minha terra adorada			X
O boi	X		
Pazes	X		
Papai Noel esqueceu	X		
7 de setembro		X	
Um menino mau			X
O guloso			X
A pobrezinha			X
As perolas do Marajá	X		
O desconfiado	X		
Educação			X
A cidade sorriso		X	
Nossas grandezas		X	
Um bom filho			X
A aeronáutica		X	
O mestre e o jardineiro	X		
Imprensa		X	
A minha casa	X		
Manuel estava triste	X		
Elazinha	X		
A irmã de caridade			X
O violão do sertanejo	X		
Os bandeirantes		X	
Gargantas	X		
O botão de rosa e a criança	X		
O pequeno ambicioso			X
O menino bom			X
Tarde de outono		X	
Teatrinho de crianças	X		
Testemunha muda	X		
Um passeio marítimo	X		
Cuiabá		X	
O azul		X	
A boa menina			X
A carta	X		
O papagaio e os galos	X		

As aves	X		
Margarida			X
Palavras de uma mãe			X
Morte de Estácio de Sá		X	
A união faz a força			X
Maldade castigada			X
A curiosa			X
A ambição			X
Tristezas	X		
Os dois meninos			X
Tiradentes		X	
Quem tudo quer tudo perde			X
Sempre atrasado	X		
O mistério da montanha	X		
A ignorância			X
7 de setembro			X
Cada um pela sua terra	X		
O caçador	X		
Ibicuí		X	
Mãe	X		
José de Alencar		X	
O terra nova	X		
A inveja das más colegas			X
O menino desobediente			X
O aniversário da menina rica			X
Tarde a beira mar	X		
Uma lição de Geografia	X		
O carvalho e o beija-flor			X
Um alagoano notável		X	
Bom coração			X
Mario, o vendedor de fósforos			X
O dia da pátria			X
O lenhador	X		
O orgulho do pato	X		
Entre ébrios	X		
José de Alencar		X	
Maio	X		
O sabiá	X		
O casebre abandonado	X		
7 de setembro		X	
São João	X		
A chuva	X		
O leão e o mosquito	X		
Aleluia		X	
O castigo da desobediência			X
Despedida	X		
O Brasil			X
O castigo			X
Primo Carlinho e o capitão Furtado não tiveram sorte	X		
O menino malcriado			X
A menina caridosa			X
Um passeio a Niterói		X	
Bom humor	X		
O remorso			X
O guloso			X
Deve-se ter hora para tudo			X
Anedota	X		

Rio e São Paulo		X	
O derradeiro babilônio		X	
A bravura dos cães	X		
A preguiçosa			X
Os pseudos sacis	X		
A história do tico-tico			
O premio da valentia	X		
A gulosa			X
O castigo da gulodice			X
Conto	X		
O menino desobediente			X
De manhã	X		
A formiga e a abelha			
Espanto galináceo			
O palhaço			
A sonhadora	X		
Coragem e covardia			X
O descuidado	X		
Uma boa ação			X
Primo Amadeu	X		
Mario			X
O verde e o amarelo em Minas Gerais		X	
Abraham Lincoln		X	
Noite de são João	X		
O velho mestre	X		
A historia	X		
Bandeira brasileira		X	
O tico-tico		X	
Historia dos três ursos de uma menina	X		
A minha carreira			X
Ao anoitecer	X		
Belo passeio	X		
Um menino preguiçoso			X
Tiradentes		X	
Na aula	X		
A princesinha orgulhosa			X
Anoitecendo	X		
A economia			X
Triste encontro			X
A galinha e os ovos de ouro			X
Uma lição de física			X
História da formiguinha	X		
As três criadas			X
Visita agradável	X		
O lobo		X	
A lenda do miosótis azul	X		
A maçã do advogado			X
Generosidade recompensada			X
A rosa e o repolho			X
As mães			X
O guloso			X
A recompensa de um bom filho			X
Biografia de Osório		X	
A inveja do sapo	X		
O carro mal-assombrado	X		
Biografia de José de Anchieta		X	
O príncipe encantado	X		
Rui Barbosa		X	

O castigo do desobediente			X
O prêmio	X		
George Washington		X	
O passeio	X		
O trabalho			X
José de Alencar		X	
O vadio			X
A teimosa			X
Maneco o mentiroso			X
Juca e Tita	X		
Composição	X		
Na fazenda	X		
Neblina	X		
A riqueza das montanhas			X
O camelo		X	
Por amor de um neto	X		
O príncipe encantado	X		
Amor de mãe			X
O teimoso			X
O natal	X		
A chuva	X		
O menino malcriado			X
O menino e o bicho	X		
O menino bobo	X		
Minha casa	X		
A rolinha		X	
Nero		X	
Saúna	X		
Uma boa ação			X
Noite de São João	X		
Incas		X	
Véspera de exame			X
25 de dezembro	X		
A conjuntivite		X	
Dona Olga	X		
Uma noite de luar na lagoa Rodrigo de Freitas	X		
Desejo Infantil	X		
Os misteriosos bandidos e o vitorioso Kit	X		
Tiradentes		X	
As flores	X		
Seres vivos e inanimados		X	
Vaga lume	X		
O leão e o rato	X		
A missão de Cabral		X	
A menina e o lobo	X		
Carta		X	
Tarde	X		
Os dois burros	X		
A mendiga			X
A menina perdida	X		
O soldado brasileiro		X	
A mangueira		X	
Felicidade Mercida			X
Desobediência e castigo			X
Composição	X		
Eu tenho uma boneca assim	X		
Entardecer no cabo de Mucuripe	X		
Uma aventura na África	X		

Laranjeiras floridas	X		
O analfabeto			X
O pobre mentiroso			X
A extensão do Brasil		X	
Coelho Neto		X	
Os amigos	X		
Gratidão			X
Contestando a crença popular	X		
Uma viagem no trem elétrico	X		
Nossa bandeira		X	
A menina preguiçosa			X
A chegada da primavera		X	
A abelhinha do bosque	X		
O teimoso			X
Recordando uma lição			X
Escuta criança			X
O Tico-Tico e seus colaboradores		X	
O dia da pátria		X	
Um leilão	X		
Segredos que o amor esconde	X		
Marcílio Dias		X	
A dança	X		
O menino malvado			X
O gatinho guloso			X
O vale das maravilhas		X	
Curiosidades	X		
Documentação escrita da festa das árvores		X	
Descrição sobre a cidade de Siqueira Campos		X	
Uma festa na bicholândia	X		
O sapo e a rã	X		
A baleia		X	
Uma noite de São João	X		
Presente de Natal		X	
Pancada de amor	X		
As borboletas		X	
Liberdade de um inocente			X
Autobiografia das vogais		X	
O tagarela	X		
Uma noite de luar			
Animais de puro sangue		X	
Luar	X		
O avarento			X
Descrição do grande mar		X	
Entre irmãos	X		
O soldado		X	
Caridade e amor			X
Viagem do barulho	X		
A menina caridosa			X
O que eu faria			X
Natal		X	
Veja se adivinha	X		
A história de um tijolo	X		
Composição	X		
Samambaia		X	
Uma tarde de agosto			
No meu álbum	X		
Amanhecer na praia	X		
Aventura no mar	X		

Beleza e ternura	X		
O cão fiel	X		
O por do sol	X		
Ave Maria	X		
No parque da felicidade	X		
Os pêssegos			X
Anoitecer	X		
Paz			X
Deus e a humanidade			X
As papinhas do nenê	X		
Papai Noel não se esqueceu	X		
O avarento			X

Tabela 4. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1938.

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
A imprensa		X	
A família			X
João o desobediente			X
Eu e o tico-tico	X		
No jardim	X		
O Rio de Janeiro adormecido		X	
Ele	X		
Noite de São João	X		
Ave Maria	X		
Você sabia que		X	
Acróstico	X		
Sejamos alegres	X		
Um dia de chuva	X		
Historia de um casal de pombos	X		
O bem te vi	X		
Ingratidão			X
Amanhecer na roça	X		
E a vida vai passando		X	
Homens			X
O malcriado			X
Vícios		X	
A chuva	X		
Linda palmeira	X		
15 de novembro		X	
A primavera		X	
A loucura	X		
Sonho de natal	X		
História de um papagaio	X		
Bach		X	
O olhar de um cego	X		
Para vencer na vida			X
O neto órfão			X
As águas do rio	X		
Um passeio a Cabo Frio	X		
À Eliade	X		
Mem de Sá e a fundação do Rio de Janeiro		X	
Jardim do livro aberto às crianças	X		
O pecado da Lili	X		
Mocidade			X
Pedro II		X	
O coqueiro fidalgo	X		
Dia de chuva	X		
Uma janela	X		
Federal republicana		X	
Sinhá Maria	X		
A resposta do nosso senhor			X
Vista	X		
O canto dos pássaros	X		
A primavera		X	
Uma verdade		X	
O bem-te-vi	X		
O menino carinhoso			X
Despertar da aurora		X	
João Antonio Ribeiro		X	
Os paraguaios vem em direção à vila		X	
Um convescote	X		
Sorriso de Deus	X		
Uma historia:	X		
Cidade maravilhosa	X		
Utilidade dos pássaros		X	

Os dois compadres	X		
O que o garoto deve saber			X
Descrição de uma festa tradicional		X	
O tigre		X	
Um percurso de bonde	X		
Uma viagem acidentada	X		
O gênio do mal	X		
Você sabia que		X	
O homem mau			X
A gluttona			X
A figura heróica de Tiradentes		X	
Bandeirante da alegria		X	
Conselhos			X
Flor do campo	X		
Cenário da noite	X		
As flores	X		
O balão de Joãozinho	X		
Um domingo bem aproveitado			X
Escotismo, escola de educação completa		X	
Saudades	X		
Amanhecer no campo	X		
Nem tudo que reluz é ouro			X
Ideias, livros e autores			X
O inglesinho	X		
Um coração que vale por mil			X
Mestra			X
Um ancião	X		
Carlos, o escoteiro valente			X
Um passeio de aeróstato	X		
Um aniversário	X		
Um menino bem educado			X
Saudades	X		
Modernos meios de transporte		X	
Um doce segredo			X
Junho		X	
O guloso			X
Mocidade ociosa, velhice trabalhosa			X
Criança do Brasil, ama o navio e o mar			X
Mãe patriota			X
O castor		X	
Três de maio		X	
O escotismo		X	
Um jardim público	X		
Tal qual	X		
Um banho de mar	X		
Catarata	X		
Festas juninas	X		
As crianças desobedientes			X
O diabo e o sapateiro	X		
Amigos do oceano	X		
São Paulo, glória e progresso		X	
Minha Zezé	X		
As três recompensas			X
O inverno		X	
Crepúsculo	X		
Tarde de inverno	X		
Carlos e o totó			
Um menino curioso			X
Saudade	X		
Aleijadinho	X		
Pombinha branca	X		
Minhas colegas	X		
Amanhecer	X		
Uma pescaria	X		

A bravura de um soldado de fogo		X	
Avarento por um real, perde um conto			X
O trabalho			X
E			X
As duas raposas			X
Sedução dos filmes	X		
George Frederick Handel		X	
Borboleta querida	X		
O sonho	X		
O sapo da lagoa	X		
A lenda de mani	X		
O terror do Norte	X		
O milagre da hóstia			X
Meu ninho	X		
De uma leitora	X		
Aprendamos e façamos sempre			X
Ao raiar da manhã	X		
A lebre	X		
Perguntando a vida			X
Um curioso			
O castigo			X
Meus onze anos de idade			X
A historia da flor	X		
SOS		X	
Boa noite	X		
Guerra		X	
Minha mãe			X
A desforra	X		
Ao tico-tico		X	
Um dia de sol no campo	X		
Independência ou morte			X
Borboleta alada	X		
A bandeira do Brasil		X	
A coruja	X		
O dia da raça		X	
O passarinho fugiu	X		
O trem de ferro		X	
A sopa maravilhosa	X		
Amar a Deus			X
Que frio! Que calor!	X		
Homenagem	X		
O Tico-tico	X		
A historia da lua	X		
O elefante e a preguiça	X		
Devemos proteger as aves			X
O gatinho de Maria			X
Aspectos da floresta negra	X		
Filha do soldado		X	
7 de setembro		X	
Tia Maria	X		
Ambição			X
Pátria			X
A escola		X	
O menino travesso	X		
O por do sol	X		
Na roça	X		
Artistas da época		X	
Ao general Rondon		X	
Tardes de primavera	X		
Um dia de chuva	X		
O imitador	X		
A bandeira			X
Uma aventura do repórter X	X		
Dentro de uma caixa de costura	X		

A cobra		X	
Os ambiciosos			X
Noite de Natal	X		
O meu balão	X		
O dia 4 de setembro		X	
Uma recordação da infância	X		
O quero-quero	X		
Barra do Piraí		X	
O príncipe Frigiquito	X		
Descrição		X	
Pátria			X
Um batizado	X		
De ruim ninho, sai as vezes bom passarinho			X
A primavera		X	
O macaco e o jacaré	X		
Se fossem	X		
Proclamação da república		X	
Cantares de fio d'água	X		
Alegria de viver			X
O meu craveiro	X		
O cego	X		
Saber estudar			X
Noite de natal	X		
Contradições	X		
A volta ao colégio depois das férias		X	
O carroceiro algoz			X
Mãezinha	X		
Os gansos	X		
O corneteiro de Tuiuti		X	
Poesia			
A escola		X	X
O veado e a tartaruga	X		
A vida e a felicidade			X
O amor filial			X
O mendigo			X
Que sonho	X		
Oração ao pavilhão nacional		X	
Amor materno			X

Tabela 5. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1939.

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
O alcoolismo		X	
A felicidade de Roberto			X
Anibal		X	
Natal	X		
O dão João de calças curtas	X		
D. Maria	X		
Descoberta do Brasil		X	
Bonequinha de minha infância	X		
A chuva		X	
Conselhos			X
Silêncio	X		
A nossa mãe	X		
Burro	X		
Uma desobediência			X
O bom colega			X
Viva! Viva! 1939	X		
Por do sol	X		
Tio Bernardo			X
O turco e o marmorista	X		
Brasil			X
João, Manuel e Chico	X		
Natureza	X		
Fé			X
O macaco e o homem	X		
O cantar das palmeiras	X		
Boas maneiras			X
Alexandre		X	
A caridade			X
O cego de minha rua	X		
Siqueira Campos		X	
Uma verdade		X	
Um de meus sonhos	X		
Menina a La moda	X		
A língua			X
Carta cinematográfica	X		
A fazenda das riquezas			X
O desobediente			X
Um piquenique	X		
As duas meninas			X
Alvorada	X		
O espertalhão			
O mendigo			X
O guloso			X
A distração de Pedro	X		
Felicidade			X
As tesouras	X		
A volta			X
O índio civilizado		X	
A galinha e os pintainhos	X		
A duvida de Julita	X		
Milagre	X		
O navio dos escravos	X		
O estudante e o bicho da seda			X
Uma boa ação nunca é perdida			X
O sonho do coelhinho			X
O valor do esporte			X
O cavalo		X	
Amor a pátria			X
O principio de Lavoisier		X	
Minha mãe do céu			X

Que bonita ação			X
O milagre de nossa senhora			X
O malvado			X
O sonho	X		
Serenidade	X		
O amolador	X		
Desobediente			X
O coelho e a lebre	X		
O livro			X
Aves		X	
A lenda do vagalume	X		
O ouro e o ferro		X	
São Paulo		X	
Farol	X		
O orfãozinho			X
Magoa de princesa	X		
O menino estudioso			X
A gratidão de lulu	X		
O herói	X		
O pobre			X
Meios de transporte		X	
Historia do marreco e do coelho			X
Com perseverança tudo se alcança			X
A tempestade	X		
Ri melhor quem ri por ultimo	X		
Caramuru e ramalho		X	
O mendigo			X
Conto	X		
Brasil			X
Os soldados			X
Mario, o menino pobre			X
O vadio			X
Nos sertões africanos		X	
Uma composição	X		
O Bolinha	X		

Tabela 6. Títulos e temáticas dos textos da seção Meu Jornal no ano de 1940.

Títulos	Entretenimento	Informação	Formação moral, cívica e educativa
Um dia chuvoso	X		
A floresta	X		
A menina desobediente			X
O pombo correio	X		
O meu paizinho	X		
As meninas desobedientes			X
Os estudos			X
O cordeiro e o lobo			X
Uma história			X
O mentiroso	X		
O pastor			X
Canção da lua cheia	X		
A onça e o coelho	X		
Uma grande caçada	X		
A vingança do árabe	X		
Esperança			X
Nhô Nico	X		
Tiradentes		X	
O moleque			X
Aneodota	X		
A vida	X		
A bandeira brasileira			X
O macaco e a onça	X		
O menino mau			X
O trabalho			X